

GRAÇA ARANHA

A Esthetica da Vida

A tragedia fundamental da existencia
está nas relações do espirito humano
com o Universo.

A concepção esthetica do Universo é a
base da perfeição.



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

Rubens Borhassese Moraes

Paulo 15 de Junho de 1921

A ESTHETICA DA VIDA

GRAÇA ARANHA

A Esthetica da Vida

A tragedia fundamental da existencia
está nas relações do espirito humano
com o Universo.

A concepção esthetica do Universo é a
base da perfeição.



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO



6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

**A UNIDADE INFINITA
DO TODO**

O UNIVERSO E A CONSCIENCIA

Como definir o Ser? Restrinjamos a nossa impossibilidade a este axioma: o Ser é o Ser. E' a substancia com os phenomenos e só nós o conhecemos pelos phenomenos. Para o espirito humano só ha realidade no que é phenomenal; fóra d'ahi o Universo, a unidade infinita, é uma pura idealidade. Nem a Substancia, nem a Vontade, nem o Inconsciente, nem as Idéas são o principio causal da existencia. Se o fossem, o supremo problema metaphysico se explicaria por um incorrigivel dualismo, inherente a estes conceitos primordiaes, porque o nosso espirito teria necessariamente de comprehender a dualidade de uma *força* ou *energia* agindo sobre a *materia*, embora se pretendesse explicar que a substancia é força e materia e que não ha materia sem força, nem energia independente da materia. O dualismo subsistiria como uma fatalidade da nossa comprehensão, e por elle jamais chegaríamos a explicar o Todo e a

perceber a essência da causalidade. Ora, o sentimento da Unidade infinita do Universo é o facto transcendente do espirito humano. E' um sentimento e não uma realidade objectiva, sentimento que reside na consciencia. Todo o problema metaphysico (philosophico, religioso ou esthetico) está subordinado á consciencia que nos explica o Universo, e este só existe na sua realidade subjectiva pelo facto da consciencia. Sem a consciencia metaphysica o Universo não nos seria *realizado*, como uma unidade abstracta e transcendental, e assim a questão philosophica, ou melhor a explicação da causalidade, está restricta ao raio de luz da consciencia. Uma demonstração logica de um principio causal, seja o *nous*, a vontade, o inconsciente, é impossivel. O Universo é porque é, e só nos é dado explicar scientificamente os seus phenomenos, o que importa na fragmentação do Todo, infinito e inatingivel á investigação da sciencia. Mas, por uma necessidade fatal do espirito, aquillo que é indemonstravel pela logica é comprehendido como realidade ideal. Ha uma unidade infinita do Ser que se impõe ao espirito e á consciencia.

A formação da consciencia metaphysica é o mysterio do espirito humano. Fóra da consciencia o Universo não existe. Só por ella e para

ella o Universo se realisa. Póde-se ter a consciencia de si, a consciencia individual, sem se ter a consciencia metaphysica. A consciencia de si tem o individuo quando percebe pelas suas sensações que elle fórma um todo separado e distincto dos outros seres. Essa consciencia se estende e se amplia, quando o individuo applica á percepção introspectiva dos phenomenos subjectivos a mesma attenção, que emprega na observação dos phenomenos objectivos. Mas o individuo ainda não attingiu ao dominio da consciencia metaphysica da existencia, isto é, a explicação ou o sentimento da sua propria existencia, o sentimento do Todo, a causalidade. O individuo póde sentir e conhecer que elle não é outro ser, que está separado das outras cousas, tendo a consciencia da sua unidade perfeita, e os outros seres lhe apparecem como unidades differentes sem necessidade de as ligar intimamente e compôr com ellas a unidade absoluta e infinita. A consciencia de si dá ao individuo o sentimento da separação, a consciencia do seu proprio eu e a interpretação dos phenomenos subjectivos dos outros seres. Antes dessa consciencia conceitual o individuo se considera um entre os outros objectos, e não um em opposição aos outros objectos. Elle ainda não é *sujeito* e não comprehende que

outros o sejam. O estado a que se chega pela consciencia conceitual, metaphysica, é o que explica as unidades psychicas perfeitas, nós e os outros, sendo todos objecto de conhecimento de sujeitos conscientes, que somos nós mesmos.

Para estes estados de consciencia que são de preceitos ou de conceitos, o Universo não existe, o sentimento do Infinito ainda não foi despertado. O individuo é indifferente a tudo que não seja objecto da sua sensação real. Tem a inconsciencia do Todo, não se sente como uma expressão, uma simples apparencia phenomenal do Universo. Ha uma perfeita incorporação do individuo no Todo universal, e pelo facto da inconsciencia metaphysica ha uma unidade infinita e completa na essencia do Ser.

A FUNÇÃO PSYCHICA DO TERROR

A consciencia no homem não é um phenomeno transcendental, fóra das leis naturaes. A consciencia é um facto natural, um « modo » da substancia universal. Phenomeno neurologico, commum aos animaes, a consciencia, que tem os seus órgãos phisicos, se desenvolve na escala dos seres. Mas no processo dessa evolução ha um instante em que se fórma no cerebro do animal superior a consciencia metaphysica do Todo universal. E' o instante da criação do homem. Por essa consciencia o homem se revela, porque entre todos os seres só elle comprehende o Universo, o interpreta, e sente a sua separação das outras cousas no Todo infinito. Os outros animaes têm a consciencia individual, a consciencia dos outros seres, mas estão privados da consciencia metaphysica, objectiva e subjectiva. Para explicar esse magno problema da philosophia, a hypothese do terror inicial for-

mando a consciencia humana não é fortuita, e seria uma luz neste insondavel enigma.

O homem herdou dos seus anthropoides o medo. E' um animal em que o medo é uma das primeiras manifestações psychicas. No periodo infantil, qualquer alteração do equilibrio, a impressão da agua, os menores animaes e os mais inoffensivos, o aterram. N'esse cerebro assim predisposto, as grandes commoções, provocadas pelos inexplicaveis phenomenos da Natureza, determinaram a formação de idéas transcendentaes para explicar a origem e a causa desses phenomenos, que pelo mysterio apavoram o espirito dos homens. A necessidade de explicar, de entender, é essencial ao cerebro humano. E' uma consequencia psychica do seu proprio desenvolvimento physiologico. Não dispondo de meios scientificos para explicar a materia universal, que o cerca e espanta, interpreta-lhe os phenomenos por uma ideologia rudimentar, vaga e incerta, que se torna a expressão do mysticismo inicial, pelo qual se balbucia o conceito da fragmentação do Universo e da separação dos seres.

Esse terror inicial fica permanente no espirito humano e transmite-se aos descendentes pela hereditariedade psychologica. No homem civi-

lisado, em cujo espirito a cultura intellectual tem combatido o medo, este perdura como um traço psychologico dos antepassados, e por elle se dá no homem uma regressão physica e moral ao estado psychico dos primitivos formadores da especie. Sob a influencia do medo vemos os homens mais civilizados reproduzirem gestos e actos dos homens selvagens e dos animaes superiores de que descendemos. E essa regressão é uma das provas da origem animal do homem. Pela hysteria e pelo somnambulismo, que são muitas vezes manifestações nervosas do medo, o homem entra no estado de sub-consciencia, em que viviam os primitivos homens perdidos no terror do Universo. A um estado semelhante de sub-consciencia, propicio ao mysticismo animista, que transfigura a Natureza, volta o homem civilizado, quando se transporta ao meio physico, cujo assombro o apavora eternamente. Não é sómente por uma manifestação physica retrograda que o terror reside no homem ; é tambem pelo retrocesso á alma antiga dos antepassados, reacção em que a cultura adquirida se esváe, como a luz solar no mysterio da infallivel noite. Esse retrocesso á sub-consciencia se accentúa na vida collectiva, nas sociedades humanas, em que o estado de agglomeração faz despertar os instinctos selvagens

dos anthropoides e homens primitivos, que viviam em tribus.

Outra causa do medo é a dôr. Antes do soffrimento moral, a dôr physica, agindo nos centros nervosos do animal, determina o pavor do desconhecido e no homem crea o sentimento da morte. A dôr moral tem um effeito identico, o de despertar esse sentimento vago do medo, que está no inicio da formação da consciencia humana. Durante essa reacção physica e moral do soffrimento, o espirito humano procura proteger-se do terror ancestral, que persiste na sua memoria, e a imaginação lhe crea as forças tutelares, que o devem amparar na sua dôr. E o effeito magico do soffrimento moral é o de crear a consciencia, que nos explica a nossa separação do Universo, que nos confina no nosso proprio ser, que nos faz sentir o Infinito, que nos dá a divina tentação de desaparecer para sempre no Todo universal.

Nas relações do individuo com o mundo exterior dão-se factos que, causando espanto, ficam inexplicaveis á intelligencia. A necessidade de ligação de causas e effeitos, essencial ao espirito, transportada a esses factos inexplicaveis, revela a separação entre o individuo e uma força mysteriosa, implacavel e fatal, que não reside positivamente nos outros individuos

ou objectos exteriores. A homogeneidade cosmica está quebrada, e no individuo o terror gerou a consciencia metaphysica. Começa então o cyclo da tragedia fundamental do espirito, e a vida passa a ser a dolorosa, infatigavel e multipla expressão desse sentimento : a não conformidade com o cosmos. O terror cosmico é o principio de toda a vida reflexa. A consciencia desse terror crea o sentimento do Universo, de um Todo infinito. A dualidade, eu è o mundo, e a interpretação das forças ignoradas da natureza passam a ser a cogitação incessante do espirito humano. O sentimento da unidade do cosmos é essencial á consciencia antes da sua revelação metaphysica pelo medo ou pela dôr. O espirito tende sempre a voltar a essa unidade, que permanece como o estado profundo e intimo da sua vida inconsciente. O sentimento do Infinito, a indeterminação dos seres, a fusão destes n'aquelle sentimento, dominam a consciencia. E o espirito mysticamente realisa esse sentimento ideal da unidade cosmica nas manifestações transcendentis da sua actividade.

Sem a consciencia o Infinito não existiria, nem a Unidade, nem o ser, e sem o sentimento do Infinito não haveria religião, philosophia e arte, manifestações da actividade do espirito, que realisam aquelle sentimento da Uni-

dade. Se o terror cosmico estabeleceu a dualidade, a tremenda separação do Individuo e do Universo, procuram a religião, a arte e a philosophia restabelecer a homogeneidade universal na indiscriminação dos seres, na integração de todos os seres no Todo infinito.

RELIGIÃO

A Religião é uma melancolia. O homem, deante do espectáculo infatigavel da vida e da morte, do apparecimento e desapparecimento das cousas, sente-se triste, o pavor invade-lhe o espirito, e dessa melancolia nasce a ancia de attribuir um destino a si mesmo e ao Universo, de ligar os efeitos ás causas e dominar o mysterio. Assim, a religião desponta na alma assombrada do homem primitivo e permanece na raiz do espirito humano, d' onde a cultura difficilmente a extirpará. Emquanto existir um enigma no Universo, haverá o sentimento religioso que, além de ser uma funcção psychica do terror, está ligado intensamente áquella aspiração á unidade do Todo infinito, que é o surto irremovivel e secreto do espirito humano. Por elle o homem se eleva da animalidade ao

vertice da imaginação creadora, que communmente se chama espiritualidade, como para accentuar que todo o sentimento do Infinito é uma pura idealisação, uma abstracção metaphysica, de que são incapazes os outros seres. E esta manifestação é tão inherente ao espirito humano que só por ella se poderia explicar a religiosidade essencial do homem, sem recorrer ao motivo inicial do espanto e do terror deante dos enigmas do Universo.

Desde que o homem se sentiu separado das outras cousas, antes que a sua intelligencia pudesse interpretar scientificamente a natureza, os phenomenos da materia lhe appareceram como effeitos de cousas mysteriosas animadoras do cosmos. O animismo é a mais remota e racial expressão da religiosidade do homem perdido nas enigmaticas aparições de um incognoscivel Universo. As suas raizes são adstritas á alma dos homens e embora chaoticas, essas idéas e imaginações ancestraes formam para sempre o substractum da religiosidade humana. Assim, quando mais tarde, por uma elevação da intelligencia, surge a idéa e se organisa o culto de um deus unico ou de deuses, que são as expressões de um ideal de belleza superior, o espirito humano insatisfeito volta ao estado inicial dos seus primitivos sen-

timentos. D'ahi o fetichismo indestructivel, as superstições, que são o desmentido da omnipotencia de Deus. Para o homem supersticioso ha sempre algum mysterio tenebroso, que a religião official não explica nem resolve. Deus não basta. Além de Deus, ha o Terror, ha a Fatalidade, ha o Destino. A seductora magia do mysterio é inseparavel do homem. Se se levantasse o mappa moral da religião, ver-se-ia o fetichismo inexpugnavel nos povos mais scientificamente aparelhados para domar a natureza, no espirito dos homens mais senhores do mysterioso imperio das cousas infinitas. Chamem-se essas mascaras modernas do animismo selvagem, espiritismo, theosophia, espiritualismo ; por toda a parte é aquelle mesmo multiforme e persistente fetichismo, que escapa á sciencia e á philosophia, zomba da cultura, nos encanta e aterra, e é a manifestação concreta da pura abstracção da alma humana, do maravilhoso mysticismo.

A exaltação espiritual, que arrebatava os homens para além da realidade, transforma a intelligencia em sentimento e dá o fremito infinito ás idéas, ás paixões e vem comprovar essa ardente aspiração á unidade transcendental do Universo, que é a nossa perpetua ancia. Por essa suprema fusão de todas as cousas, em que se

fragmenta o Todo infinito, voltamos á grande e total inconsciencia, escapamos á dolorosa separação do nosso ser e do Universo. No fundo de todo o mysticismo ha uma realização da unidade inconsciente e transcendental. No mysticismo religioso a alma se julga uma emanação de Deus. A existencia na separação do seu Creador é uma condemnação, uma triste peregrinação supportada unicamente pela consoladora esperança de tornar á Essencia de que emanou. A união com Deus é a vida perpetua do mystico. E' o toque da divindade em nós, pelo qual somos um com o Universo. « Nada mais divino do que a União, salvo o Um », exclamou Proclus.

O mysticismo não limita o seu vago e ascensional encanto á religião. Está em todos os sentimentos transcendentales. O grande Amor é mystico como a paixão religiosa. Por elle se realisa a união profunda dos dous seres. E nessa suprema unidade o Amor se torna mystico, porque ultrapassa as contingencias da materia, se espiritualisa na maravilhosa fusão das duas essencias que, pela magia do magnetismo dos seres, aboliram o espaço e tudo o que limita, e se tornam infinitas e eternas. Assim, a Religião e o Amor se identificam na sua remota e alta significação. No vôo sublime da idealidade o

Amor é religião, como a Religião é amor. A felicidade suprema só se realisa na união com o ser amado, seja Deus ou o Amante. Emquanto a grande mystica do Amor divino adora o amado Jesus como um Amante, aquella outra linda Theresa, mystica do amor humano, exclama ao seu amante : « Leio a Imitação e tu és o meu Jesus ! » Os dous mysticismos se encontram na mesma paixão sobrenatural, e tudo é Religião. O amor se tornou mystico, um fremito do Infinito divinizou os Amantes. A mystica santa como a mystica amorosa pódem dizer do ser amado : « Toda a cousa que vive em ti sómente é viva », como no seu extase exclamava Santa Maria Magdalena de Pazzi, e ainda mais : « Eu não sou nada, sou uma cousa que vem de ti, que és infinito. Todas as creaturas que comprehendem o teu amor, tornam-se infinitas, porque comprehendem as cousas infinitas ». E' a mesma ancia do Infinito, o mesmo exaltado desejo da conformação total do nosso Ser no Universo. Na religião os sexos se attráem, como na paixão do amor, para realisar a união mystica dos Amantes, suprema aspiração das nossas inquietações no exilio do mundo.

O animismo torna universal a Religião, porque pela sua magia tudo se vivifica, se espiritalisa e se divinisa. Esse animismo se engran-

dece desde as fórmãs mais rudes e selvagens até ao pantheismo religioso de Buddha e de S. Francisco de Assis. E' a mesma força motora do espirito que faz de todas as expressões do Universo as multiplas imagens da divindade, uma perpetua e infinita representação da causa unica, de Deus. Produz-se na alma mystica o maravilhoso processo da humanisação de toda a natureza, que inspira a trama de uma fraternidade e liga os innumeraveis seres, em que se fracciona o Todo. O Cantico ao Sol de S. Francisco, em que o pantheismo christão alvorece, como toda a primavera do mundo adormecido, é o primeiro toque da renascença do espirito moderno, a magnifica idealisação do culto solar dos selvagens, agora poesia, musica e alma da fraternidade de todas as cousas da natureza. Desse pantheismo, ainda impregnado do sentimento da permanencia individual, se chegará pelo mysticismo áquelle conceito buddhista da negação da substancia real, do não-ser, do aniquilamento final do Universo, cuja existencia é uma pura idealidade. Todas as formações são passageiras, proclama o Buddha, todas as formações são sujeitas á dôr, todas as formações são sem substancia real. Quando se está bem possuido desta verdade ultima, é a libertação da Dôr. E' o caminho da perfeição.

Esse supremo conceito pantheista da religião se torna esthetico. Para o mystico que chegou pelo surto espiritual a abolir a existencia individual de Deus, para animar e divinizar o Todo, a comprehensão do Universo é puramente espectacular, é o sublime jogo das forças da natureza que se multiplicam em imagens, são expressões cambiantes e infinitas das fórmulas e das cousas. Assim, a Religião, a Arte e o Amor confluem maravilhosamente no espirito humano, ávido de voltar á grande inconsciencia da natureza.

Na aurora do espirito humano a religião e a philosophia se confundem e dão do Universo a mesma visão. Pouco a pouco, a investigação da materia, a interpretação scientifica da natureza crearam a philosophia e a distinguiram da pura religião. O senso religioso inseparavel do homem tornou-se philosophico. A philosophia veio principalmente apoiar a religião, quando, quebrando a unidade do Todo, institue a perturbadora dualidade do espirito e da materia. Reapparece a funcção psychica do terror e de novo se volta, mesmo na extremada cultura da intelligencia, ao animismo primitivo, racial no homem. Procura-se ligar todos os effeitos ás causas, remontando até á causa unica creadora de todas as cousas. Repete-se com Parme-

nides que além do movimento ha o eterno repouso da substancia final, que attingiu ao maximo do seu desenvolvimento. A idéa de Deus se funde desse modo na metaphysica do terror, no simples animismo. A religião affirma-se inexpugnavel no espirito do homem perdido na grande inconsciencia do cosmos. A actividade do homem, a sua acção pertinaz, o seu combate de todos instantes com a natureza, nada extirpa da imaginação nascida do terror o sentimento religioso que funde todo o Universo no conceito de uma substancia creadora das outras fórmãs, que é Deus. Por mais que se vença a natureza e seja ella incorporada pela dominação ao .nosso espirito, ha sempre para a imaginação mystica do homem alguma cousa de inabordable, de mysterioso, que a sciencia não póde domar. No espaço infinito das trévas que assombram o espirito humano, trava-se o perpetuo combate entre a religião e a sciencia para a explicação final do Universo. A sciencia não poderá jamais satisfazer a ancia do espirito, que aspira realisar a unidade do cosmos. Só ha sciencia do que é fragmentario. O supremo sentimento do Todo infinito se realisa pelas sensações vagas e mysticas da Religião, da Philosophia, da Arte e do Amor, que fundem o nosso ser no Universo.

Se o terror é o ponto de partida da religiosidade do homem, o terror desaparece, extingue-se, quando pela propria religião se fórma a suave unidade do nosso ser e do ser creador. Pela maxima espiritualidade da religião voltamos ao ineffavel estado de inconsciencia inicial de todos os seres indiscriminados no Todo infinito.

PHILOSOPHIA

Não ha maior angustia do que a nossa separação do Todo universal. E' a dôr suprema da intelligencia humana. A consciencia creou esse terrivel soffrimento ; é preciso que a consciencia o elimine pela comprehensão da Unidade essencial do Todo, do qual a nossa distincção é apenas illusoria. Se podemos pensar o Universo, é ainda para nos sentirmos um com elle, sentirmos que não somos uma realidade e que tornamos á inconsciencia profunda e eterna do Todo. Eis a ineffavel consolação para a perpetua dôr em que se abysma o nosso ser illusorio.

Em vez dessa salutar concepção da substancia e dos seus phenomenos, as outras explicações do Universo e do nosso eu, mantendo a separação entre um Creador e a cousa creada, distinguindo

a materia e o espirito, só vêm perpetuar a angustia do ser que se comprehende como eternamente separado do Todo universal, prisioneiro de uma consciencia metaphysica, que faz da illusão a imaginaria realidade.

A esta triste philosophia dualista oppomos a radiante philosophia monista, que só ella pôde suscitar a verdadeira esthetica da vida. A interpretação scientifica do Universo, que é o começo da philosophia e emancipa da religião o espirito, distingue o monismo philosophico do monismo religioso, que reduz tudo á unidade Deus. No periodo do puro animismo fetichista o homem não procura explicar os enigmas da natureza e reduzil-os ás leis que seriam os germens da sciencia do cosmos. O seu mysticismo, ainda muito proximo do terror inicial da separação do Todo, é integral, e por elle toda a materia é divina, é a expansão, a projecção de um ser creador remoto, tenebroso e temivel, é Deus.

Quando mais tarde, ainda na aurora da intelligencia, o homem disassocia os phenomenos da natureza e tenta explical-os e domal-os pelas leis, o Universo cessa de ser um todo para ser um conjuncto de fragmentos. Esta decomposição da materia, este estudo dos phenomenos da natureza é a sciencia, que dá ao homem uma

visão fragmentaria do Todo infinito. O espirito humano não se pôde restringir a essa limitação. Por uma fatalidade essencial, aspira entender o Universo, e a realização da idéa transcendental do Todo infinito, sem distincção de partes, o Todo absoluto, é, como já vimos, o facto supremo da consciencia humana. E como o mysticismo religioso desfalleceu deante da explicação scientifica dos phenomenos do Universo, o mysticismo philosophico, que não desdenha a sciencia e antes a funde numa grande unidade, floresce no espirito humano, ancioso de eliminar a sua dolorosa separação do Todo infinito.

Desde os tempos mais remotos do pensamento, a philosophia, confundindo-se ainda com a religião, exprimiu a ancia dessa unidade ultima, em que a nossa fugaz individualidade se extingue para sempre. O tormento da separação do homem e do Universo cessou para Orpheu, para Buddha, mas nesses systemas primitivos a religião se confunde com a philosophia. O senso religioso se torna philosophico pela sua extensão, como a philosophia pela condensação se torna religião.

A concepção monista do Nirvana poderia ser uma apparencia desse conceito supremo do Universo, que é a base da esthetica da vida. Não ha duvida que o buddhismo viu com jus-

teza a alma individual permanente e immutavel, como o principio que mantem a separação entre os seres, impede a libertação espiritual e perpetúa a dôr. Tambem a hypothese do renascimento, a roda dos nascimentos do orphismo, o eterno retorno ás mesmas fórmãs e ás mesmas existencias, seria a perpetuidade do mal, do soffrimento e a inextinguivel separação do ser e do Todo infinito.

O Nirvana surge nessas terriveis angustias do espirito, que busca a libertação da propria existencia, como a feliz concepção da unidade final e absoluta do Universo. Mas esse termo ultimo a que se póde chegar em plena vida, e não pela morte, é o fim de todo o desejo. Para o mystico do Nirvana toda a actividade é uma expressão de dôr; a propria contemplação do Universo, a meditação, o pensamento, o goso transcendente da vida suprema do Todo são fórmãs da permanencia individual, que nos afastam da beatitude, em que se extinguem para sempre o prazer e o soffrimento. A essa attitude passiva e incompativel com a propria natureza, que é ella mesma a perpetua acção, oppoemos o conceito da unidade universal realisada pela propria consciencia, que nos dá a miragem sublime da inconsciencia infinita. Para se attingir ao Nirvana, o buddhismo fixa

uma lei moral. Para extinguir a dôr é necessaria a piedade, a compaixão que se torna *sympathia* universal, solidariedade entre todos os seres do universo e responsabilidade de cada um para com a natureza inteira. O buddhismo se accentua mais como religião do que como philosophia.

O aniquilamento do nosso proprio ser, que se pôde comprehender mysticamente, lucta, na realidade talvez illusoria, mas realidade para nós, com a natureza, que faz da conservação do ser a razão primeira da existencia. E' a observação d'onde se originou o principio philosophico de Spinoza, de que toda a cousa em si se esforça em perseverar no seu ser. E d'ahi toda uma ethica baseada nesta maxima : o esforço de um ser para se conservar é o primeiro e unico fundamento da virtude. E' a opposição á doutrina do buddhismo, que estabelece a ethica contraria da dissolução do ser individual no Todo infinito. Mas a concepção de Spinoza se alarga, quando procura conciliar o egoismo do ser com a *sympathia* universal entre todos os seres. « Os homens, diz elle, nada pôdem desejar de melhor, para a conservação do proprio ser, que esse amor de todos em todas as cousas, que faz que todas as almas e todos os corpos formem por assim dizer uma só alma e um só corpo... »

Infelizmente, esse conceito, de uma vastidão

essencialmente pantheista, se termina no pensamento de Spinoza como uma ethica, em que o inconsciente é substituído pelo consciente, pela vontade do bem, como uma necessidade, uma utilidade á conservação do ser. E recahimos no dualismo separador do Universo e do nosso eu.

Não se póde attingir a esta suprema fusão no universal, quando todos os conceitos relativos do bem, do util, do bello, emfim tudo o que é individual persistir no nosso espirito. Não ha duvida que Spinoza se aproximou mais que ninguem da concepção essencial da Unidade infinita dos seres, quando affirmou que o homem é uma infima parte da natureza eterna. A idéa da parte e do todo ainda é uma idéa de separação.

Ha uma unidade secreta e infrangivel na materia universal. Os seres que vemos distinctos uns dos outros, participam todos dos mesmos elementos immorredouros e todos têm a mesma e indissoluvel essencia physica. Aquelles reinos, em que se costuma separar a naturezaia, são da mesma origem e da mesma substancia, e elles se entendem secretamente entre si. A theosophia hindú percebeu esse grande mysterio, quando assignalou na escala ascendente dos seres os mineraes que aspiram ao reino vegetal e os vegetaes que se tornam animaes pelo desejo da perfeição, e attingindo todos a uma absor-

ção definitiva no ser divino e recomeçando impavidos a marcha forçada e eterna do ser e do não ser, passando perpetuamente pelas mesmas vias dolorosas da peregrinação da existencia universal. Eliminando-se o que ha ahi de mystico, subsiste inapagavel nessa esplendida imaginação a verdade absoluta da unidade essencial da Natureza, principio em que se baseia a concepção esthetica da vida.

Esse principio da unidade fundamental da materia universal exige como corollario o conceito da mutação infinita dos seres, em que se fracciona aparentemente o Todo. O erro que proclama a permanencia immutavel de cada ser no seu proprio ser, anniquilando-se totalmente pela morte sem se transformar em outras expressões da materia e sem a communicabilidade com toda a Natureza, de que é um simples aspecto illusorio, mantem no nosso espirito a perpetua dôr da nossa separação do Todo infinito. Ao passo que no conceito do Universo, como unidade infrangivel de toda a natureza, a vida dos seres seria a da perpetua alegria pela eliminação do terror metaphysico.

Desse conceito transcendental, que exprime a concepção esthetica do Universo, como o perpetuo fieri de fórmãs infinitas e incessantes, origina-se toda uma ethica para o espirito humano, em

cuja consciencia se reflectem instantaneamente a inconsciencia universal e a magia do Todo. E não só por essa percepção, mas ainda para realisar em toda a sua plenitude a esthetica da vida, o homem tem de realisar tres grandes movimentos espirituaes. A philosophia da unidade é uma philosophia de acção, que regeita a passividade do Nirvana, proclama que só pela actividade o espirito se póde tornar um com o Universo, extinguir todas as separações e fundir-se esplendidamente no Todo infinito. As tres grandes disciplinas em que se baseia a ethica desta esthetica da vida, são : 1º resignação á fatalidade cosmica; 2º incorporação á terra; 3º ligação com os outros homens.

São esses os trabalhos moraes do homem dentro das categorias em que fatalmente tem de existir, Universo, Terra, Sociedade.

Deante do Universo o homem, inspirado pelo puro pessimismo negativo, dirá: a vida é uma illusão, uma série de imagens de uma realidade jamais attingida e jamais positiva. Só a morte é positiva, ella é a entrada, o accesso do ser no absoluto inconsciente do Universo, o fim da illusão instantanea da consciencia, que apparece como uma luz fugitiva na infinita indiferença da materia. Oh! a estupidez aterradora do Universo, a impassibilidade

inabalavel e silenciosa da materia perpetuamente movel ! A ausencia total da intelligencia, do pensamento, emquanto toda a materia se move, se agita e vive a vida inconsciente !... E o espirito do homem se confrange e jamais se resignará ao seu proprio aniquilamento no inconsciente cosmico.

Para aquelle, porém, que, possuido do sentimento espectacular do Universo, affirma que não há um destino moral, nem politico, nem religioso, um finalismo de qualquer ordem no perfeito jogo das forças da natureza, ha o sentimento profundo de que o Universo se representa como um espectáculo, em que só ha fórmãs, que se succedem, multiplicam, morrem, revivem, n'uma metamorphose infatigavel e deslumbrante. Desse espectáculo universal, somos uma apparição phantastica e passageira e, na inconsciencia da representação, da vida se fórma, se abre um intervallo, quando uma dessas apparições instantaneas do mundo phenomenel, que somos nós, póde conceber a magia do Universo. E' a maravilha da consciencia, o espelho divino do Universo, que reluz por entre as trévas profundas do inconsciente absoluto e no infinito e inquebrantavel silencio dos outros seres.

Esse conceito esthetico do Universo é a base

da perfeição. A manumissão do nosso espirito, a libertação da Dôr e da Alegria a alcançamos quando esse conceito philosophico se transforma em sentimento. A vida esthetica se abrirá para nós em todo o seu mysterio fascinador. Como já se disse d'aquelles pensamentos tão leves que não pôdem ser pensados, esse sentimento da esthetica universal é tão subtil que não pôde ser sentido... Existe e não se exprime, mesmo não se sabe como é sentido, porque não chega a se separar da inconsciencia profunda, em cujas ondas voga como uma vibração innominavel. E nós nos absorvemos nesse mundo phenomenol, em que tudo é fórmula ou illusão das fórmulas. Ainda assim, a vida é a criação do nosso pensamento, e sem elle esse mundo magico pôde existir, mas é como se não existisse, e nem mesmo pôde ser concebido...

Enão ha fim na corrente indefinida da criação. A propria obra de arte é representação, mas a ella se junta outra criação, a do simples espirito, que se commove e a transforma em cousa sua. O nosso pensamento obedece, como a natureza, ao rythmo do Universo, á fatalidade de crear fórmulas. E nós « pensamos » o nosso proprio pensamento, uma immensa vertigem nos empolga e cahimos nesse abysmo de imagens, que não sabemos se são os aspectos reaes das cousas ou

as illusões da idéa creadora. Nessa conformação entre o pensamento e a Natureza, tudo é um só e indefinido mundo de representação, tudo é espectáculo, e ninguem póde dizer se ha um mundo objectivo e outro subjectivo, porque tudo é um, a unidade absoluta e bemfazeja do Universo.

A grande fatalidade do espirito humano foi ter percebido o espectáculo universal. Mas, que essa divina allucinação inspire o sentimento da esthetica da vida. Façamos de todas as nossas sensações, sensações de arte. E' a grande transformação de todos os valores da existencia. Não só a fórma, a côr, o som, mas tambem a alegria e a dôr e todas as emoções da vida sejam comprehendidas como expressões do Universo. Sejam para nós puras emoções estheticas, illusões do espectáculo mysterioso e divino, que nos empolguem, nos arrebatem, nos confundam na Unidade essencial de todas as cousas, cujo silencio augusto e terrivel perturbamos um instante pela consciencia que se abriu, como um relampago, nas trévas do acaso...

A cultura ha de se inspirar nesse conceito e ha de abandonar todos os outros que fazem da vida um debate moral. E será a libertação. Passaremos a ter a consciencia de que somos uma força entre as forças universaes, e assim

entramos na vida eterna, na vida da natureza, realizando com esta a communhão absoluta e mysteriosa, que é o termo final da' dolorosa separação do nosso eu do Todo infinito.

Possuidos desse sentimento da universalidade do nosso proprio ser, a outra actividade espiritual a que somos chamados, é a da nossa incorporação á Terra. Nascido da Terra, o homem ficou para sempre ligado a ella. Todo o seu organismo é uma expressão do meio physico, de que se originou. Nada no corpo humano que não seja uma immorredoura reminiscencia da sua formação terrena. O seu sangue bate ainda o rythmo das quentes marés dos primitivos oceanos, em que se germinou a vida animal. A historia da Terra se gravou no nosso organismo e nós a resumimos. Parecendo ser um prolongamento do meio physico de que proviemos, somos apenas uma recapitulação. Tudo em nós é a Terra vivificadora e magnifica. A composição chimica dos seus mineraes, a combinação mineral do seus vegetaes, tudo se encontra em nós: a nossa vibração é a sua, as molleculas do nosso corpo e tudo o que é mais secreto em nós participa do mysterio da Terra, vivemos della perpetuamente, unidos a ella para sempre na vida e na morte.

Filho da Terra, o homem dá-lhe a alma.

Elle é a intelligencia, a força subtil e immortal que lhe crea uma personalidade e a faz divina. A nossa historia moral se passou intimamente com ella. Do seu mysterio vieram os phantasmas, os deuses da nossa alma primitiva e de sempre... Do seu inconsciente nasceu o nosso consciente. Ora, por essa suprema indentificação, devemos fazer da Terra o centro espirital da nossa actividade. O seu culto é um exercicio de amor, que reconhece que o homem e a Terra são um só. Façamos dessa comprehensão uma expressão esthetica do nosso espirito, e será uma victoria sobre o terror. O maior repouso da natureza humana é a sua identificação com a natureza universal. Ser um com o Universo! E o conhecimento que leva a esse repouso é o maior dos conhecimentos.

A outra categoria em que o homem deve exercer a sua actividade espirital, é a da ligação com os outros homens. Esse mandamento não é inspirado por nenhuma razão de ordem religiosa, por nenhum mysticismo de piedade ou de sympathia, como no christianismo ou no buddhismo. Elle é a deducção logica da propria concepção philosophica da unidade do Todo e uma das bases da esthetica da vida. A aspiração fundamental do espirito humano, a sua essencia, é a sua fusão no Universo. Se o homem

diz : « eu penso, logo eu sou », afirmando que elle é um ser, não se deve concluir desse conceito que a sua individualidade se desprende das outras cousas; ao contrario, é uma confirmação de que elle é um com tudo mais, e toda a natureza vive nelle, como elle em toda a natureza. Não ha nada individual ou particular, tudo é universal, e o proprio pensamento é função dessa universalidade.

Ora, se essa communhão é essencial entre os seres em que se fraccionou a illusão do Universo, ella não pôde deixar de inspirar a sociedade dos homens, isto é, de todos os seres que percebem na sua consciencia a grande inconsciencia metaphysica do Todo, a idealidade do Tempo, o fluxo e o refluxo apparente da vida e da morte. E nessa solidariedade profunda as causas de separação entre os homens, futil distincção para aquelles que vivem na tragica amargura dasseparações, que é a nossa distincção individual do Todo infinito, seriam extinctas separações creadas pelo Terror, mesquinhos odios humanos, que só servem para augmentar a immensa tristeza dos nossos espiritos. A concepção esthetica do Universo, dando ao homem a luminosa comprehensão da sua unidade com o Todo infinito, eliminaria o Terror da vida humana, basearia a sociabilidade na Alegria, que,

segundo percebeu Spinoza, é o bem supremo. E a alegria, que é a perfeição do espirito humano, só se pôde realizar em sua plenitude pela interpretação do Universo como um magnifico espectáculo e nós mesmos como puros, simples e fugazes elementos estheticos da indefinivel vida universal.

A PERPETUA DÔR E A PERPETUA ALEGRIA

Aquelle que comprehende o Universo como uma dualidade de alma e corpo, de espirito e materia, de creador e creatura, vive na perpetua dôr.

Aquelle que vê toda a natureza universal terminada no seu proprio ser, vive na perpetua dôr.

Aquelle que não percebe o mysterio da Unidade infinita do Todo, que ignora esse segredo supremo da existencia e limita o seu conhecimento aos factos positivos da materia, vive na perpetua dôr...

Aquelle que eliminou o terror do cosmos e

faz do aniquilamento da vida uma razão de beleza, vive na perpetua alegria...

Aquelle que transforma em beleza todas as emoções, sejam de melancolia, de tristeza, prazer ou dôr, vive na perpetua alegria.

Aquelle que se sente um com o Universo infinito e para quem todas as expressões da vida universal são suas próprias sensações, vive na perpetua alegria...

Aquelle que encontra o repouso na sua absorção no cosmos, vive na perpetua alegria. *Beatus quia in natura unus.*

Aquelle que pelas sensações vagas da fórma, da côr e do som, se transporta ao sentimento universal e se funde no Todo infinito, vive na perpetua alegria.

Aquelle que sabe que o seu ser não é permanente, mas uma simples aparição do Nada, que se transforma indefinidamente, vive na perpetua alegria.

Aquelle que sabe ser a sua consciencia uma illusão, que não tardará a voltar á inconsciencia universal, e faz da sua existencia

o jogo maravilhoso dessa illusão, vive na perpetua alegria...

Aquelle que se resigna á fatalidade cosmica, que se incorpora á Terra e ahi busca a longinqua e perenne raiz da sua vida; aquelle que se liga docemente aos outros seres, seus fugazes companheiros na illusão universal, que se vão todos abysmando no Nada, vive na perpetua alegria.

Aquelle que une o seu ser a outro ser nessa profunda e mystica união dos sentidos e das emoções, dos espiritos e dos corpos, e na sublime fusão do Amor realisa a universal unidade, esse vive na perpetua alegria...

ARTE

Na tragica situação do homem no Universo, o sentimento predominante no seu espirito é o da unidade infinita do Todo. Pela comprehensão, pela intelligencia, o homem chega ao conhecimento exacto das partes em que se fragmenta e se decompõe o Universo. Mas o espirito humano vae além dos limites da sciencia

e da compreensão, sente que o Universo é essencialmente um todo infinito aparentemente fraccionado. O sentimento d'essa unidade, quando se realisa pelos contactos sensíveis com a natureza, pelos sentidos corporaes, transportando as sensações até á altura de emoções vagas, indefinidas do Todo, constitue a essencia da arte. Esse senso esthetico é inherente ao homem, como o senso religioso, com o qual se assemelha, sendo que a arte reside na emoção do Universo que provem dos contactos do homem com a natureza e é transmitida pelos sentidos, produzindo-se em fórmãs, côres, sons, sabores e tactos, e a emoção religiosa é abstracta e independente dessas expressões sensíveis.

Sendo uma funcção inseparavel e primordial do espirito humano, o sentimento esthetico, como o religioso, não está subordinado a uma razão de utilidade social. E' uma faculdade essencial ao espirito, como a de pensar e de imaginar, e uma das manifestações psychicas da unidade primitiva do Todo, cuja realisação transcendente é a suprema aspiração do homem no degredo da consciencia metaphysica. A arte é indifferente á utilidade. A emoção originada da fórmula ou do som, a que nos vem da pintura, da esculptura ou da musica, é inteiramente extranha ao util. Essas emoções nascem das

sensações e nos dão o sentimento vago do Universo. Como, pois, considerar o util o principio gerador da emoção esthetica ? A idéa de utilidade não está na origem nem no fim do sentimento da arte. Se alguma cousa de util póde resultar da sensação do Universo, é o conhecimento das suas partes, que a sciencia nos communica pela analyse. A sciencia decompõe o Universo, discrimina-o, estuda-o nas suas manifestações parciaes. Só ha sciencia do que se póde fragmentar. Póde-se analysar, explicar cada ordem de phenomenos percebida pela sensação ; a sciencia não dará jamais a explicação synthetica do Todo, a essencia da causalidade. Ella ficará extranha ao sentimento da unidade infinita do Universo, que só nos póde ser revelada pela religião, pela philosophia, pela arte.

A interpretação esthetica do Universo, função intima do espirito humano, não obedece a nenhum plano da natureza e nem a um principio de utilidade social. Antes da sociedade humana está o espirito do homem com as suas forças mysticas, independentes e desinteressadas. A natureza não tem um fim moral, religioso ou philosophico. A sua inconsciencia é absoluta, e a illusão de sua vontade ficticia está na magia do seu proprio espectáculo, perpetuamente seductor. Reflectir esse espectáculo universal,

transmittir a illusão dessa realidade, que se illude a si mesma, não deixar fóra do prisma nenhum insignificante e mysterioso personagem da existencia total é o milagre da arte.

Não é sómente da utilidade, da idéa do util, que o conceito da arte deve ser disassociado. Tambem se deve libertar da idéa de belleza, attribuida como o fim supremo da arte. A associação da idéa de belleza á idéa de arte é perturbadora para a verdadeira explicação do sentimento esthetico. Nenhum preconceito tem sido mais vivo do que este que faz do bello o fim da arte e a sua razão de ser. A essencia da arte, que está naquelles sentimentos vagos da unidade do Universo communicados pelos contactos sensiveis, não se póde restringir ao conceito abstracto do bello. A arte não reside sómente naquella sensação indeterminada do que convencionalmente se chama belleza. Esse conceito do bello não abrangeria o sentimento da unidade infinita do Todo, já denominado o facto supremo do espirito humano. Alheio a elle, limitar-se-ia a suscitar o prazer, sem chegar á totalidade transcendente da emoção esthetica. Que é a belleza ? Como precisar a idéa do bello ? Nada mais indefinivel e incerto. A belleza em si, a belleza objectiva, é uma idéa abstracta, cujo subjectivismo é infinitamente variavel. O bello

é um perpetuo equivoco entre os homens. Subordinar ainda a idéa de belleza á idéa de harmonia é um simples jogo de palavras, que não vem esclarecer o problema e substitue uma idéa vaga por outra do mesmo valor.

A idéa de harmonia é tambem incerta [e convencional; é um preconceito geometrico que provem da tradição grega. A belleza não lhe está indefinidamente associada e existe fóra do seu imperio. A idéa de belleza é indefinivel, e o ideologo Pascal, mesmo, percebeu a sua relatividade, quando reconheceu que « apezar de gravada em caracteres indeleveis no fundo da nossa alma », a idéa de belleza está sujeita a enormes contingencias na sua applicação. Compreendendo que o elemento pessoal fatalmente determina a idéa que cada um fórmula da belleza, diz Stendhal que « a belleza é uma promessa de felicidade. » Pura formula subjectiva, que associa a belleza ao prazer, á alegria, mas que, sendo uma idéa incompleta, não é a base, a razão unica da emoção esthetica e fica independente da arte. Já se disse que por essa seductora promessa do prazer, Stendhal fazia pensar na belleza feminina, que seria o espelho imaginário do bello absoluto e ideal. Assim reduzida, a belleza, que seria a belleza humana, ou mais restrictamento a belleza da mulher, não póde

conter toda a arte. Ha mil outras emoções artisticas que lhe são extranhas. Como se explicaria a emoção musical ? a que nos vem da architectura ? A belleza não é a essência da arte, que sempre exprime a totalidade universal pelos sentimentos vagos nascidos dos contactos sensíveis. A felicidade é o bem, e o bem é a alegria. A belleza, promessa da felicidade, seria a promessa da alegria, e ha uma arte inspirada do terror e gerada pela dôr. Tudo isto é de ordem sentimental e alheio á expressão objectiva das cousas, ás fórmãs, ás côes, aos sons, aos tactos e á emoção poetica creada pela imaginação. A idéa do prazer e da felicidade abrange ainda o que está além do mundo sensível das fórmãs. A alegria mystica do espirito religioso em communhão perpetua com a divindade é um gozo ineffavel, mas independente da arte.

Aquelles que não percebem no sentimento esthetico o sentimento do Infinito no espirito humano, mÿsteriosa emoção da unidade do Todo infinito, limitam-se a vêr na arte um desenvolvimento dessa faculdade muscular dos animaes, cujo excesso se manifesta no jogo e no divertimento. Esta theoria remonta a Hume e foi adoptada por Kant, para quem a arte é o livre jogo da nossa imaginação e do nosso senti-

mento, e por Schiller, que proclamou no « jogo » a essencia da arte. A escola evolucionista de Spencer, Grant Allen, Guyau e Ribot apoderou-se dessa explicação para determinar a origem do sentimento do homem na impulsão para o jogo, já manifestada pelos animaes, como effeito da nutrição e do excesso de força nervosa. Para esses psychologos a emoção esthetica differe das outras emoções conservadoras do homem social, « porque a actividade que a produz não tem por fim o cumprimento de uma função util e social, mas o prazer mesmo de exercel-a. Não é vital para o homem, não lhe é essencial, e póde ser considerada inutil e superflua. » Disassociando assim por um instante a idéa de utilidade da idéa de arte, a escola evolucionista se contradiz, quando affirma de novo que a emoção esthetica é um factor da sociabilidade humana, util á conservação do individuo e da especie.

Tal é a mesquinhez a que fica reduzido o ineffavel sentimento esthetico que nos dá a emoção do Infinito ! Affirmam que a actividade inicial das nossas faculdades physicas e moraes se subordina a um fim immediato, que é o da conservação do individuo e a adaptação deste ao meio, como se a faculdade de pensar a materia, de imaginar um deus, ou de se commover

pelo sentimento da unidade do Todo, fossem actividades destinadas ao fim da conservação da especie humana. O jogo é um dos effeitos, uma das expressões da arte e não a razão do senso esthetico ; está mais ligado á physiologia dos movimentos, á mechanica animal do que ao sentimento. Os animaes são desprovidos de senso artistico, porque lhes falta o sentimento do Universo, causa primórdial da emoção esthetica, como da philosophia, da religião e do amor.

Para mostrar a transição entre o jogo, movimento inconsciente de prazer, e o jogo criação artistica, aponta-se geralmente a dança como a arte mais primitiva, aquella que representaria a passagem do movimento physiologico ao sentimento esthetico. Ha uma precedencia entre as artes ? Ha verdadeiramente uma hierarchia entre ellas ? Não é o apparecimento das artes simultaneo no remoto e indeciso instante em que o espirito humano se commove no terror do mysterio do cosmos ?

Quando o homem primitivo manifestou a sua alegria de viver ou disfarçou a angustia da sua alma, protegendo-se das calamidades da natureza, esculpindo nas rochas a imagem dos animaes seus companheiros ou seus deuses, dansando no pavor da noite ou ao esplendor do sol, gritando e modulando o seu extase

rude, um artista selvagem complexo e total, um architecto, um esculptor, um dansarino, um musico, surgiam ao mesmo tempo da consciencia metaphysica desse terror inicial, que marca a separação do homem e do Universo.

Por terem as artes essa mesma origem mystica e simultanea, não se segue que o desenvolvimento de cada uma dellas tenha sido disassociado e desigual. A evolução das artes se explica pela propria evolução do espirito humano. Como o mysticismo religioso recebe as influencias da evolução social, assim tambem a arte e a philosophia, que são expressões da intelligencia. O amor poderia ser considerado immovel na sua essencia, na sua fatalidade inconsciente, mas a sua espiritualidade fica dependente do ambiente social e da transcendencia moral dos amantes, portanto da evolução do espirito humano.

E nessa determinação individual e collectiva, que modifica o pensamento e o sentimento, tem-se a explicação do desenvolvimento desigual das artes. Ha epochas de esculptura, como de pintura e de musica. A esculptura foi uma arte preponderante na Grecia, não só pelas condições physicas e sociaes conhecidas, como tambem, e assim percebeu Schopenhauer, por ser uma arte em que o optimismo pagão se reflecte na repro-

dução da figura forte e serena dos deuses alegres de viver, e dos homens que parece terem descido do Parnaso e pousado um instante na atmospherá suave da terra.

A pintura triumphante na Renascença é a do homem christão, a expressão dolorosa, enigmatica de uma alma que sente que tudo é nada, devorada pelo pessimismo, e pede á loucura sensual o frenetico esquecimento. Mais tarde, em nosso tempo, a pintura se alarga, o assumpto humano não lhe é exclusivo, o christianismo não a absorve completamente; outro personagem intervem, é a Natureza. E esse movimento coincide com o surto do pantheismo philosophico e litterario. O eixo do mundo moral mais uma vez fica deslocado. Na Grecia os deuses, na Renascença o homem, nos tempos modernos a Natureza. Ainda como exemplo da influencia da cultura geral na transformação da arte, notemos, sob o ponto de vista estrictamente artistico e formal, o que era a esculptura na Grecia e o que é ella hoje, depois do advento da biologia. Para o artista grego o homem é um deus, que desceu á terra. Para Rodin o homem é um animal que vem da natureza e sóbe do gorilha. Na primeira concepção a arte é representativa da harmonia geometrica de um conceito religioso; na segunda,

a arte é biológica e entranhadamente animal. Mas em ambas a essencia da arte esculptural se manifesta esplendidamente. E' inutil insistir no destino da architectura em obediencia ás transformações espirituaes do homem e ás condições da vida collectiva da humanidade. Seja o triangulo do Parthenon, seja a esguia torre gothica, seja a ampla linha horizontal de palacio, seja a núa e vasta officina, em tudo a arte eterna exprime a perpetua tragedia do espirito humano por entre as modalidades da civilisação.

O magnifico surto da musica contemporanea corresponde ao espirito de uma epocha, em que a unidade da Natureza é a base e a inspiração do pensamento. Nenhuma outra arte poderia exprimir com mais segurança e mais emoção os sentimentos vagos determinados pela intuição da unidade do Todo infinito do que a musica, que é a mais vaga e a mais emotiva das artes. Pela sua fluidez ella transforma a natureza em sentimento; não se limitando a interpretar, ella realisa a Unidade universal. Wagner notou com exactidão « onde as outras artes dizem : *isto significa*, a musica diz : *isto é*. » O enigma do repentino e maravilhoso periodo musical do nosso tempo fica resolvido pela propria essencia da arte, e não, como querem os puros

physiologistas, pelo aperfeiçoamento do sentido do ouvido. A musica é a arte que realisa melhor e mais rapidamente a fusão do nosso espirito com o Todo. Parece que por ella os seres se unem, que o espaço, tudo o que separa, desaparece, o Universo se restringe e faz um só corpo com tudo o que existe.

Se tal é a magia da musica, que usa do seu poder illimitado para transmittir a emoção total do Infinito, as outras artes tambem pelos seus meios de expressão communicam e interpretam os sentimentos vagos da unidade universal. Pela danza o ser humano exprime essa emoção. O puro gesto seria mechanico e animal, uma simples manifestação do ser que vive e se agita. Quando, porém, esse movimento é inspirado por um pensamento, embora muito obscuro, e vem traduzir uma emoção intima, a danza apparece nesse primitivo rythmo.

Pela danza o homem manifestou as suas rudimentares emoções mysticas e o vago terror da natureza, O sentimento remoto da religião se exprimiu pela danza, quando o homem se agitou deante do sol e das outras divindades naturaes, implorando protecção. O pensamento transformou em arte essa primeira sutura entre os gestos animaes, o puro divertimento physiologico e o movimento reflexo da

commoção religiosa. O artista da dança se torna um artista creador como os interpretes das outras artes. O dansarino reproduz nas suas attitudes as imagens que lhe vêm ao cerebro para exprimir os sentimentos. Elle vê a série do seu pensamento exteriorisar-se em figuras como uma successão de estatuas em movimento, e essas fórmas reproduzem a sua propria fórma multiplicada, variada infinitamente. Se no correr dos tempos a dança se associou á musica e á poesia, a sua disassociação destas artes é possível, e assim voltaria a dança á sua qualidade primitiva e seria ainda mais mystica e silenciosa, porque a emoção do artista só seria manifestada por linhas moveis, silentes, sem o grito da alegria e do medo, que animava a gesticulação do dansarino selvagem.

Sem duvida, no apparecimento simultaneo das artes, não foi a dança que deu origem á esculptura, mas a sua influencia na estatuaria foi decisiva. A esculptura surprehende e fixa os movimentos desenvolvidos na dança, suggestionando ao espirito a continuação desses movimentos. A fórma é uma expressão cosmica e o movimento é a vida universal na fórma. Na estatua, o que fascina e attráe é o repouso, a necessidade que o nosso espirito tem da continuação do movimento, que não se produz

materialmente, mas que se completa na nossa imaginação. Na dança a estatua está em movimento, tem-se a sensação do vago, do perpetuo *feri*, da continua vibração do Universo, que passa e se transforma indefinidamente, como se o corpo humano fosse a forma infinita múltipla, impalpável, do fluido... A escultura por sua vez só deve reproduzir os corpos que se movem ou se podem mover. Se um escultor quizesse reproduzir uma montanha, uma árvore, seria uma obra sem movimento, destituída de interesse artístico. O sentimento estético da escultura está na indicação de um movimento, que se imagina prolongando-se, desenvolvendo-se successivamente. O homem que anda, *deve* andar. O cavallo que galopa, *deve* continuar o movimento, e se a obra de arte escultural impõe ao espectador essa solicitação do movimento indicado, é uma obra de arte animada por aquelle sentimento vago, que é a essência da arte.

Por esta interpretação da essência da arte na escultura fica resolvido o que Schopenhauer chamou « o problema de Laocönte », para o qual não trouxe solução aceitável. O grito de Laocönte, indicado em todas as expressões da figura no instante em que a serpente o morde, é suggestionado com muita precisão pelo movi-

mento iniciado. Pela imaginação nós o completamos, e sentimos logicamente que o velho sacerdote gritava, enquanto o animal o picava violentamente. Schopenhauer acha que a attitude de gritar fixada no marmore ou na pedra é ridicula e tira o character tragico a esse famoso grupo. A explicação de Goethe é mais feliz. Ninguem, como Goethe, presentiu a essencia da arte na esculptura, antes da interpretação que damos. A sua analyse do grupo de Laocoonte é extremamente lucida e se ajusta á theoria que nos parece agora definitiva. « Esta obra, diz elle, é muito notavel pela escolha do momento. Se uma obra plastica deve mover-se realmente aos olhos nossos, é preciso escolher um momento de transição. Um instante mais cedo nenhuma parte do conjuncto devia estar nessa posição, e um instante depois cada parte será forçada a deixal-a. Para bem comprehender-se a intenção da obra de arte que é o Laocoonte, colloquemo-nos a uma certa distancia, de olhos fechados. Abertos os olhos e logo cerrados, ver-se-á todo o marmore em movimento e ter-se-á receio de achar todo o grupo mudado, quando os olhos se abrirem ». O movimento continuo e perpetuamente solicitado pelo nosso espirito exprime a arte na esculptura. O grito de Laocoonte é esculptural e tragico, como o grito que sáe da

figura da Marselheza no grupo do «Départ» de Rude.

Esta solicitação do movimento no espirito do espectador é o segredo esthetico da contemplação do avião em marcha no espaço. O avião nos commove pelo mysterio, pelo seu vôo transcendente, pelo risco, por aquillo que não devia ser e que é, o espanto do facto assombroso fóra da tradição. Ao mesmo tempo, junte-se a essa emoção fundamental a que suggere esse simulacro de passaro de grandes azas que pairam longinquas no ar e não se movem, emquanto paradoxalmente a nave viaja serena. Ha uma ancia pelo movimento que não vem, e nessa ancia cada espectador é um artista.

Naturalmente, no rythmo da obra de arte se reflecte o espirito das raças e do tempo. A estatuaria grega representa o movimento na estabilidade, signal de medida e de retenção do génio grego. Os modernos exprimem o desencadeamento das cousas, ignorado dos antigos. A lição dos gregos foi fecunda para manter o equilibrio technico das obras de arte, mesmo nos genios mais livres, como Miguel Angelo. Basta contemplar os frescos da Capella Sixtina para se verificar que na exuberancia do Juizo Final a medida intervem para evitar o grotesco. Assim, o Deus poderoso, ardente de vida, faz

surgir do chaos o homem, a mulher, os astros e em seguida, na possessão de crear, corre pelo espaço, e Miguel Angelo o representa de bruços, com as immensas costas volumosas, mas a figura não é ridicula nem desmedida. A maravilhosa mão de Deus vae pelo firmamento creando sempre, sem violencia, quasi docemente...

Desde a exaltada Edade-Média, de passagem pela fremente Renascença, o movimento da esculptura tem o rythmo da sensibilidade que a disciplina grega desconheceu para dar á fórmula uma expressão impassivel. Essa sensibilidade é a dos esculptores das edades modernas, de Donatello, Miguel Angelo, Luca della Robbia, Rude, Barrye, Rodin. Quando um grande esculptor como Rodin, capaz de executar obras do mais puro modelado classico, commette apparentes imperfeições, é preciso explicital-as como reclamadas pela sensibilidade artistica, por um sentimento profundo de arte, que corresponde a uma emoção differente da emoção grega e está no inconsciente da alma moderna. O inacabado das obras de Rodin não é um signal de imperfeição, nem mesmo uma extravagancia para se singularisar e provocar a attenção. Tambem não é uma zombaria do seu espirito artista, que queira rir dos seus proprios admira-

dores e do publico incompetente. Esse inacabado é intencional, é um effeito artistico que accentúa a sensibilidade da esculptura. Rodin seguiu o exemplo de Miguel Angelo, que tambem não acabou expressamente muitas obras, como a estatua da Neve, e deixou no vago outras, como a Noite. E' um meio de accentuar a impressão. O não-acabado dessas esculpturas torna mais viva a obra de arte, como na pintura o colorido dá vida ao desenho.

Não é nessa emoção vinda da idéa do movimento propriamente esculptural que se encontra a essencia da arte da pintura. O proprio de cada arte é commover-nos pelas suas expressões particulares e especiaes. A pintura nos deve dar a emoção vaga do Universo pela fórma e pela côr, como a esculptura pela linha, pelo movimento, pela luz e pela sombra. Quando vemos um quadro, o senso artistico se revela em nós, a emoção se desperta pela sensação das côres e das fórmas. O assumpto do quadro é uma impressão de ordem secundaria para o prazer esthetico que a pintura nos deve comunicar. Os individuos dotados de senso artistico limitado, ou mal educado, procuram vêr no quadro o que elle representa, isto é, a anecdotia, o episodio, seja este de ordem historica, geral, ou mesmo particular ou familiar. Ao passo que

o artista creador, o artista que pintou o quadro, não fez mais do que exprimir a sua emoção intima, que a côr, a distribuição da luz, a côr por ella mesma e a fórmula pela sua divina projecção no espaço provocam no seu espirito, ancioso de fixar e communicar esse extase esthetico da emoção de cousas subteis, intangíveis, como a côr e a fórmula, que nos torna infinitos e universaes.

Não ha duvida que entre a fórmula e a côr deve haver uma intima correlação. O quadro, para produzir a sensação esthetica integral, terá o desenho e a côr que lhe são indispensaveis. Rodin notou com exactidão que as côres empregadas nos quadros de Raphael são reclamadas pelo desenho e as que se harmonisam com o assumpto e melhor exprimem o sentimento do artista. Rodin assignala o predominio das sensações intellectuaes da obra de arte nas puras sensações estheticas. No emtanto, estas são independentes daquellas. A graça, a facilidade, o capricho, o traço em si mesmo de um desenho produzem emoções puras, alheias ás idéas suggeridas pelo quadro, por mais abstractas que sejam estas. O verdadeiro artista é aquelle que se commove pelos meios proprios e simples de cada arte ; aquelle que sente o extase musical pela audição do som, de uma nota independente

do assumpto do soneto ou do drama; aquelle que se extasia pela côr e pela fórma em si mesmas, sem se preocupar se esta côr ou esta fórma estão applicadas a uma anecdota social ou familiar; que vê a estatua ou o quadro, e a primeira emoção que recebe é a que lhe vem directamente da fórma e da côr, embora mais tarde perceba que essa fórma e essa côr são as de um personagem ou do assumpto, que a estatua e o quadro procuram representar. Pela hierarchia dessas emoções se distingue o artista daquelle que o não é, pois nos individuos menos dotados do senso artistico o interesse pelo assumpto da obra de arte é mais consideravel que as genuinas e vagas emoções estheticas.

Quando se collocam no seu verdadeiro plano gradativo as varias emoções que nos causam as obras de arte, verifica-se que não ha razão para se repellir o esforço dos artistas, que, disassociando essas emoções, procuram communicar aquellas que são exclusivamente artisticas, por mais originaes e innovadoras que pareçam. As dissonancias musicaes, o cubismo e outras transformações de valores artisticos obedecem a esse movimento intimo, que aspira a realçar a expressão essencial de cada arte e transmittir a emoção esthetica pelos seus meios absolutos,

emancipados de toda a relatividade. E não ha duvida que, por mais extranho que seja, esse movimento de extravagante apparencia e contrario á tradição foi benefico para a progressão do sentimento esthetico. A musica se enriqueceu de novos rythmos e o cubismo trouxe á pintura maior largueza e maior precisão no desenho pela representação total dos volumes. Foi um importante serviço á technica artistica, interessando naturalmente á sensibilidade. Esta se desprende do que é tangivel e vae além da linha e da fórma. A impressão que vem da arte, é o ideal, o indefinivel, o vago, o resto... E ella está por toda a parte. Tome-se uma rosa : ha o colorido, o movimento ondulante das petalas, as curvas voluptuosas ; ha tambem a irradiação, e ainda mais a atmospherá profunda e mysteriosa da côr e da fórma, o indefinivel que paira e se evola e é a essencia da flôr. A pintura attinge a essa expressão suprema, como na Gioconda, que é o retrato desse mysterio, o retrato da rosa.

Pela evocação do abstracto e do indivisivel, nenhuma arte é superior á poesia, que nessa suggestão profunda e vaga tem a sua verdadeira essencia. Platão assignalou essa força magica de transposição particular á poesia, que « exprime em geral toda a acção que faz

passar uma cousa do não ser ao estado de ser. »
A poésia começa onde a arte acaba...

O sublime jogo da intelligência que, pela imaginação, nos arrebatata além do mundo sensível, é o acto maravilhoso do Verbo. Ao prodigio evocativo das imagens accrescente-se o encanto suggestivo da musica e da côr, sensações que emanam das palavras. Toda a materia sonora e toda a materia visível se animam indefinidamente na imaginação pela magia verbal.

Não ha duvida, porém, que o pensamento e a idéa, elementos essenciaes da poésia e da litteratura, são limitações á pura emoção esthetica. O assumpto é uma restricção, que torna a poesia menos geral e mais intellectual do que as outras artes, as quaes exprimem a emoção por meios sensiveis mais directos, como o som, a luz, a linha, a fórma e a côr. Na poesia, pelos contactos sensiveis das palavras, o espirito humano é levado ao sentimento vago da unidade infinita do Universo.

Por essa emoção o artista, o poeta, sente-se um com o Todo infinito e torna-se o creador do Universo. O creador não é o que prescreve o bem e o mal, mas o que faz do Universo o seu spectaculo. A funcção por excellencia do espirito humano é a da creação. Viver é crear, e

nesse poder de crear o homem chega a crear um creador para si e para todas as cousas. A transformação da realidade em uma criação propria á cada intelligencia é uma fatalidade. Póde-se dizer que se vive no meio de phantasmas, e que nas trévas da materia só essas miragens vivem, se agitam e nos conduzem. A obra de arte é a criação que representa a vida, mas a interpretação da obra de arte é outra criação. O sentimento que a obra de arte produz em nós, é uma criação rival da criação do artista. Cada homem é um artista tosco, primitivo ou sublime, porque cada homem representa, interpreta, produz imagens, que são fórmãs, côres ou harmonias intimas, profundas, a musica secreta da alma. O instante da criação ou da emoção artistica é como o de uma magia que viesse ao espirito pelo adormecimento das sensações da resistencia individual para nos levar á fusão infinita no Universo. O individual do nosso ser se torna universal pela arte. A natureza exerce desse modo a sua função esthetica, porque, como a obra de arte, ella suggere sentimentos e não se limita á simples expressão destes. Para o artista os sons musicaes da Natureza, os murmúrios do vento, o ruido das arvores, o canto dos passaros, a musica das aguas são tão suggestivas de emo-

ções intellectuaes como as harmonias de uma orchestra. E, assim, a linha, a côr, a fôrma e tudo o que é phantasia na expressão inexgotavel da materia. Na contemplação do mundo e na sua interpretação o homem se revela essencialmente um animal artista. O sentimento esthetico do Universo é a funcção magica do inconsciente e estende-se á vida toda do homem, que é uma perpetua e integral creação artistica. A arte é inseparavel do homem e a sua dominação se exerce na existencia humana ainda mais intensamente que a da religião. O homem póde deixar de ser o animal religioso ; não cessará de ser o animal artista. A imagem que faz de si mesmo já é uma obra de arte. O quadro em que se anima, em que vive e desenvolve a sua plena actividade, é uma obra de arte, seja a casa, o templo ou a cidade. Por toda a parte a arte se associa á existencia do homem, infiltra-se na sua sensibilidade, a transforma, eleva e poetisa. Essa dominação objectiva da arte é o reflexo e a projecção do sentimento subjectivo, que faz do Universo um espectáculo infinito. A consciencia deve-se apoderar da magia, que o inconsciente creou no espirito humano, e fazer de todas as suas sensações, sensações de arte. Que a luz, a côr, a fôrma, o som, mas tambem

as sensações moraes da alegria e da dôr, e todas as emoções, sejam incorporadas ás forças do Universo, sejam para nós emoções estheticas, creações, phantasias, illusões, mas espectaculo mysterioso e divino que nos domine e enleve, e nos confunda na Unidade essencial da vida. Esse sentimento esthetico intenso e profundo, unindo todas as cousas, volatisando todos os soffrimentos da alma, nos arrebatará da nossa misera contingencia, nos dará a sensação do Infinito, nos livrará de toda aquella tristeza em que morre o espirito humano. Tal é a suprema esthetica da vida. A arte é a propria libertação do soffrimento que ella exprime.

AMOR

Os seres ephemeros, que são os seres humanos, attingem por um instante á eternidade, saém da diversidade consciente em que o terror os exila, voltam á Unidade primitiva do Todo universal, quando os arrebatata a paixão do amor. Como explicar esse sentimento sublime e commum que, partindo da sensibilidade physica, se eleva á mais alta espiritualidade? Se na base do amor se encontra a ançia da satis-

fação do instinto, não é esta sufficiente para explicar a paixão que domina a sensualidade, funde as emoções psychicas dos Amantes e compõe dos dois seres que se attráem e se unem, um só todo espiritual. Se o Amor não é possível sem a attracção physica, esta póde realisar-se em toda a plenitude sem chegar á maravilha do amor. A attracção physica existe entre os innumerados seres do Universo, os animaes superiores a sentem imperiosamente e por ella se perpetuam as especies, mas, pelo phenomeno psychico do amor, os homens se distinguem dos outros animaes.

O conceito supremo da fatalidade domina o milagre do amor. Ha neste sentimento, infinito como o Universo, um caracter tragico, uma manifestação tão sobrenatural, um desafio ao que é a ordem apparente das cousas, tão extranho brilho, que subordinal-o ao impulso mysterioso da fatalidade satisfaz a humildade do pensamento deante do assombroso e divino amor, que, como a propria Natureza, se deixa perceber mais pelos seus phenomenos do que pela sua intangível essencia. Este conceito primordial da fatalidade explicaria o despontar do Amor, o seu magico apparecimento, sem lhe dar a razão metaphysica, remota e mystica. O instinto sexual move um ser para outro

ser. Mas, quando se torna amor esse impulso fugaz ? Quando os seres por essa união dos corpos attingem á unidade com o Todo universal, aspiração suprema e íntima do ser humano, separado do Universo pelo terror inicial do espirito. Essa razão metaphysica do Amor não existe nos outros seres privados do senso espiritual das paixões.

Todas as interpretações do mysterio do amor são sempre modalidades do conceito da fatalidade, sejam a união dos semelhantes de Heraclyto e Platão, reproduzida por Pascal, as affinidades electivas de Goethe, o genio da especie de Schopenhauer, a crystallisação de Stendhal, o magnetismo de Mauclair ou o filtro de Isolda. São aparições, visagens do ineluctavel principio que move as cousas, a innominavel fatalidade, destino, kismet. Mas não basta. Porque essa attracção infinita e irremediavel entre os seres que os funde no Universo ?

Quando Platão entreviu a unidade primitiva dos seres na multiplicidade inexgottavel dos objectos, uma parte da verdade essencial foi percebida. O mytho dos androgynos é uma condensação da hypothese da attracção dos semelhantes realizado n'um só corpo. E no *Banquete* commenta Platão esta attracção do amor que realisa a unidade. « Tal necessi-

dade procede de que a nossa natureza primitiva era uma e que então cada ser formava um todo completo. Hoje chamamos amor ao desejo e á busca dessa antiga unidade. Eramos outr'ora um e por culpa nossa Zeus nos separou... Eu sustento igualmente que todos os homens, todás as mulheres, que o genero humano inteiro seria totalmente feliz, se cada um realizasse o seu amor e encontrasse o amante que o pudesse fazer voltar ao primitivo estado da unidade absoluta. » Divino Platão ! A verdade essencial, a verdade ultima da explicação do Universo foi desvendada um instante nessa theoria symbolica do amor. Platão percebeu que a ancia do ser humano é a volta á unidade com o Todo universal, de que a consciencia metaphysica o separa. Desde então ha o grande vacuo que é preciso preencher, o espaço vazio, o abysmo que é preciso atravessar, e sobre o qual dança Eros, tentador sublime, magico da inconsciencia infinita. E Pascal não trepidou em exclamar : « Quem duvida que estamos no mundo para outra cousa que não seja amar ? » O homem não pôde permanecer só comsigo mesmo. Deve sahir do seu proprio eu, preencher o grande vacuo e por outro ser que lhe seja semelhante, e essa semelhança se restringe e se encerra na differença dos sexos.

Pascal reproduz na mystica christã o mytho platonico das fusão dos semelhantes. Se elle conhecesse a chimica, como Goethe, do seu cerebro teria sahido a hypothese das affinidades electivas, por onde se realisa a unidade dos seres fatalmente semelhantes na diversidade sexual, que é uma affirmação da unidade primitiva e incessantemente buscada pelos seres, que, vencendo os contrarios e as opposições, se fundem, movidos por uma lei de necessidade inexoravel.

Ha mais essencia de verdade nessas formulas, que procuram explicar o phenomeno transcendental do amor, ligando-o á metaphysica universal, do que na solução schopenhaueriana do genio da especie, que dá o secreto impulso da união do homem e da mulher para o fim da perpetuidade dos seres humanos. Essa explicação de ordem physica, indifferente á funcção psychica do amor, applicavel indistinctamente a todos os animaes, está morta pelo finalismo que a inspira, pela attribuição da vontade a uma criação fortuita e absurda, como esse imaginario, phantastico e caprichoso genio da especie, que se diverte em unir os contrastes e suggerir maliciosamente a indispensavel procriação.

Não é uma vontade que determina a acção

do amor. E' o proprio inconsciente do amor que o leva ao inconsciente universal. O amor crea esse sublime estado de fusão com o Universo, mas não é solicitado pela fatalidade a essa inconsciencia absoluta da Unidade primitiva. Este é o mysterio dos mysterios. Stendhal imagina para explical-o a theoria da crystallisação, que nos deixa a meio caminho da revelação do divino enigma. Por ella se comprehende o nascimento do amor, mas a passagem das sensações e dos pensamentos do estado sub-consciente ao campo da consciencia não é necessaria para o amor, que é antes uma manifestação psychica sub-consciente. Além disso, a hypothese stendhaliana se limita a assignalar uma situação sem explicar a causa. Por essas hypotheses physicas de magnetismo, de polarisação, ficamos reduzidos ao relativo de uma explicação positiva, a comprovar a existencia do phenomeno sem ir além, sem lhe dar a razão, que só uma interpretação philosophica póde abordar.

Platão percebeu que ha uma unidade primitiva dos seres. Ora, se fosse mais ousado, perceberia que ha uma unidade essencial e inicial do Universo, e que os seres deviam existir eternamente na indistincção absoluta. Mas, separados do Todo universal, a vida interior dos

seres humanos, fundamentalmente levados a se confundir com o Universo, é a continua e irreprimível aspiração á Unidade primitiva. Cesado o instante doloroso da consciencia, o homem se abysma mysticamente na inconsciencia absoluta. O Amor, unindo-nos a outro ser, dá-nos a illusão da universalidade que elimina as separações, que nos arrebatam para além da relatividade consciente das cousas para nos confundir infinitamente com o Todo universal. Esta é a mystica do Amor e a sua metaphysica. Abysmando-nos no divino esquecimento, fusio-nando os seres no Universo, transportando os corpos ao extase supremo, arrebatando as duas vontades unidas para o Irreal, o amor é a sublime transfiguração, a eternidade instantanea, que é dada aos pobres humanos mergulhados na infinita miseria da vida contingente. Por elle somos um com a Natureza, um com Deus, um com o Universo, e, o que é mais ineffavel, um com o ser amado. E' o milagre supremo da unidade, que, partindo da attracção dos corpos, attinge á fusão no Todo infinito.

A fatalidade reina sem duvida sobre o amor, desde o instante em que o instincto sexual age na sua profunda inconsciencia, até ao momento em que a morte separa ou une os amantes. O sentimento da presença da morte

dá esse caracter tragico, porque, interrompida a fusão com o amante, se desperta a irremediavel dôr, que separa o espirito humano das outras cousas. Em Tristão e Isolda, desde o começo, Wagner invoca a fatalidade, sob a figura de Frau Minna, que, segundo as lendas germanicas, é uma transformação de Aphrodite, creadora da vida, geradora da tragedia universal. Dessa fatalidade que commanda o Amor e a Morte, provem o filtro que os amantes tomam. Para Dante o Amor, que move o Sol e as outras estrellas, leva a uma só morte... Mas toda essa fatalidade reina, domina, motivada pela necessidade essencial da volta á unidade inconsciente, que se realisa na fusão mystica dos corpos e dos espiritos. Depois da morte os amantes, que pelo amor fizeram o retorno á unidade primitiva do ser e á unidade com o Todo, entrevêm a vida eterna na unidade. « Nascidos ao mesmo tempo, disse Leopardi, o Amor e a Morte são irmãos. O mundo aqui em baixo e as estrellas lá no alto não possuem nada de mais bello. » Esses dous divinos irmãos dão a magia da inconsciencia suprema, do extase, do repouso infinito áquelles que vivem na tortura e na anciedade da separação. Esse pensamento da Morte ligada ao Amor é a angustia dos amantes em ancia de eternidade.

Imaginam constantemente continuar além da morte o amor. A religião como força mystica é uma consolação para os amantes. Que maior apego, porém, que mais entranhada e absoluta affeição não existirá nos seres libertados do senso religioso ? Para elles cada instante é a eternidade. O Além é o nada, a vida é tudo. A paixão cresce, exalta-se nesse pensamento, é uma chamma em que se consomem os condemnados ao Nada, ao absoluto anniquilamento. A Amor é tudo, dirão esses amantes quando separados, e a separação é a imagem da morte ; mas a separação vive da esperança e a esperança é uma magia. E a Morte ? E' o fim de tudo. E elles aspiram á morte unida. Partiremos juntos, dirão ; isso tambem é uma deliciosa e bella consolação. E assim o sentimento como uma vaga do oceano nasce da inquietação, do terror para se vir acalmar na paz derradeira. E' o rythmo perpetuo da ancia da unidade ultima, que subleva eternamente o nosso inconsciente no exilio da separação do Todo.

O que resta mysterioso no movimento do amor é a predestinação dos personagens da grande tragedia. A unidade fundamental se realisa entre seres a ella fatalmente chamados. A hypothese das affinidades electivas ou a da attracção dos semelhantes interpretaria admira-

velmente essa predestinação que, numa elaboração muitas vezes despercebida dos proprios personagens, vence as maiores opposições á sua immortal victoria, que se resgata pela morte. Onde reside essa attracção ineluctavel, ninguem póde determinar. Parece que excede o nosso proprio ser na sua humanidade, dir-se-ia que vae além da vida animal, que está no que é imponderavel e extremamente secreto na vida universal ; dir-se-ia que ha uma attracção atomica entre os seres que pelo amor têm de se fundir no Universo. Se se imaginasse a evolução dos seres perpetuamente attrahida n'uma escala descendente, seria um maravilhoso « motivo » para uma allucinadora « fuga », em que o amor dos mesmos entes humanos fosse descrescendo ás especies animaes, aos passaros, aos insectos, aos infinitamente pequenos, aos vegetaes, a tudo que palpitasse no mundo ; e a persistencia das affinidades dos amantes seria encontrada inexgottavel e imperecivel nos atomos, nas vibrações das moleculas do ether. Assim, o Amor, formidavel como a Natureza, é a liga eterna dos seres predestinados á unidade immortal.

A Amor repelle a relatividade para viver no absoluto, porque é da essencia do amor essa atmospheria de plena liberdade, essa ignorancia total

de todas as convenções, que lhe são estranhas e das quaes não póde participar. Por essa livre expansão, e por ser uma força da Natureza, ou subjectivamente a Natureza, o Amor traz o seu universo em si mesmo e vem alterar o sentimento do proprio pantheismo. Antes do instante da paixão o homem realisa a idealidade do Todo por um sentimento metaphysico, que mostra sermos apenas uma apparição do Nada, uma força instantanea que se póde pensar a si mesma e conceber o Universo e vae desaparecer no Nada. Nesse idealismo o sentimento da Dôr se tinha eclipsado, tudo era o perpetuo renascimento do Universo, e d'ahi o absoluto scepticismo e a sublime impassibilidade deante das cousas fugitivas e illusorias. Mas desde que o Universo, pela magia do Amor, se representa em outro ser, no espirito humano se produz a mutação do pantheismo. A Natureza só é comprehendida no ser amado e só existe por essa realidade. Se o ser adorado se transforma, morre na sua fórmula actual, aquella realidade do Universo se extingue para o Amante e toda a vida universal cessa com a vida das vidas...

A ESTHETICA DO UNIVERSO

Se o facto transcendente do espirito humano é o sentimento da unidade infinita do Universo, não será por uma concepção exclusivamente materialista, baseada na sciencia, que chegaremos a formar uma idéa do Todo. A sciencia, insistimos, decompõe e fragmenta o Universo, e estuda-o nos seus phenomenos. Ora, pelo methodo experimental, que é o methodo scientifico, jamais se chegará a um conceito do Todo infinito. A esse methodo deve-se alliar o processo especulativo do raciocinio, que no estado actual dos nossos conhecimentos possa interpretar a natureza e suscitar no nosso espirito uma idéa do cosmos, que será sempre relativa.

O enigma irreductivel para o espirito humano é o da formação do Universo. Podemos suppôr uma substancia universal, unica, commum a todos os seres, cujas formações organicas seriam a sua simples representação. O enigma continuaria, porque não saberíamos qual é a

essencia dessa substancia. A composição primordial physica ou chimica da substancia universal nos escapa; somos obrigados pela relatividade da nossa intelligencia a comprehender essa substancia como uma unidade, que se nos apresenta nos seus phenomenos, dos quaes são a energia e a materia os mais remotos. Assim enunciados, elles têm a apparencia de uma permanente dualidade, quando na sua realidade transcendental são uma unidade absoluta. Não ha materia sem energia nem energia sem materia. Não se póde conceber um desses phenomenos da substancia universal distinctamente do outro, e já é um erro enuncial-os em duas palavras, como se fossem dous modos do Ser.

A physica póde imaginar a desmaterialisação da materia e a degradação da energia, sem que dessas experiencias se deduza a hypothese de um Universo immaterial, exgottavel um dia, isto é, a morte do Universo. Em primeiro logar, a expressão materia deve ser entendida na sua accepção absoluta, e a physica a comprehende na accepção relativa. O que se denomina vulgarmente e scientificamente materia, póde-se desmaterialisar pela radio-actividade e tornar-se imponderavel, segundo as balanças actuaes. O Universo não deixa por isso de ser concebido

« materialmente ». Assim o é, porque é, porque o nosso pensamento é material e não pôde imaginar nada que não seja phenomeno material, nem mesmo um principio absoluto creador, um Deus que abusivamente se chama espirito. Em segundo logar, para se admittir que a materia se extinga, é preciso suppôr-se que a matéria é creada. A physica explicará que a materia se desmaterialisa, os atomos se extinguem, e tudo se absorve d'onde tudo é re-creado.

Sobre a natureza do ether o mysterio é total. Já se o imaginou como « solido elastico », que enche todo o espaço. Para distinguil-o da materia, já se declarou ser elle o imponderavel, o corpo sem densidade, livre das leis da gravitação ; já se o phantasiou em estado de repouso absoluto. Nada, porém, o explica, e nem por elle se explica a essencia do Universo. Ao nosso entendimento repugna admittir um phenomeno do universo privado do movimento. Se o ether é o elemento creador, se vibra, o movimento existe, e o proprio movimento, effeito e causa da vibração, indica que o ether imponderavel se confunde com a energia. Todavia, essa imponderabilidade não é absoluta, mas relativa ao nosso poder scientifico. Por menos denso que elle seja, tem uma densidade imaginaria. Se, para expli-

car o movimento universal, se deve suppôr, como quer a sciencia physica, o ether sujeito a uma compressão, d'onde provem essa força que comprime e determina o ether ?

A unidade do Universo se impõe ao nosso espirito. Não se pôde imaginar o ether em repouso absoluto. Seria uma volta á concepção de Parmenides, que, negando o eterno movimento, ideou uma substancia final, que no seu pleno desenvolvimento não tem necessidade de movimento. O eterno repouso seria a base de uma concepção theologica da criação universal. A idéa de Deus é analoga á do eterno repouso, contrario ao eterno movimento. A nossa intelligencia repelle essa mechanica espiritualistâ; para ella ha uma materialisação permanente do Universo, uma materialisação da materia desmaterialisavel. A essencia do Universo, porém, permanece enigmatica, pois o ether, ao qual se tentou reduzir-a, é uma simples hypothese universal, que não explica a substancia.

Na impossibilidade de conhecer a formação do Universo, resta-nos a certeza de que os phenomenos se encadeiam e se ligam por um determinismo absoluto, Assim deve raciocinar o sabio que, segundo a affirmação do mathematico, não pôde deixar de ser determinista, pois o fim da sciencia é prevêr, e desde o momento

que a previsão não é mais possível ou está fóra das fronteiras da sciencia, o sabio deixa de pensar e agir como sabio. Outro mathematico objecta que a questão está em saber se essa necessidade é absoluta no sentido da verdade mathematica, ou se se póde admittir uma fracção de contingencia, por infinitesimal que seja. Explicações « baseadas na theoria das probabilidades », em particular as explicações « estatisticas » dos phenomenos physicos levariam, segundo esta argucia mathematica, a admittir-se que a « necessidade » de um phenomeno global não é incompativel com a « liberdade » do phenomeno parcial, d'onde a hypothese de uma liberdade molecular. Esse argumento « estatistico » dos phenomenos parciaes não póderia prevalecter, mesmo se os seus dados fossem apparentemente exactos. Ou o Universo só póde ser comprehendido materialmente, como vimos, e tudo nelle se encadeia n'uma necessidade absoluta de causas e efeitos, ou ha liberdade molecular, livre arbitro de uma parcella, que importaria em livre arbitro geral, e o Universo seria concebido espiritualmente, o que é absurdo para a nossa natureza material. Esse raciocinio serve de verdade absoluta na ausencia da impossivel certeza mathematica.

Eis o espirito humano encadeiado á fatali-

dade universal. A intelligencia se desespera neste Universo, que ella não explica, e que é a sua perpetua allucinação. Desde que não ha uma liberdade possivel na causalidade inexoravel, desde que não se encontra o ponto de apoio no espaço ideal para a alavanca, que dê começo á vida phenomenal ; desde que é impossivel comprovar o principio e o fim das cousas, toda a concepção rigorosamente materialista ou espiritualista do Universo é absurda. Só resta desse Universo, no nosso espirito, uma pura idealidade, e o sentimento da sua unidade infinita se impõe á nossa consciencia, como a nossa razão de ser. Elle nos liga a todos os phenomenos universaes e explica a nossa existencia como uma apparencia phenomenal da substancia. E o Universo se projecta no nosso espirito, como uma imagem, um espectáculo. Assim, toda a idéa que se tenha do Universo, seja scientifica, mathematica ou biologica, seja idealista ou religiosa, é espectacular. *Póde-se affirmar que a função essencial do espirito humano é a função esthetica, e que só esta explica o Universo a nós mesmos.*

Pela concepção mathematica o Universo é explicado por uma série de equações que se desenvolvem infinitamente pela concepção naturalista, o Universo é uma série de fórmulas sem fim ;

em ambas ha uma sèrie de imagens, que tentam reflectir a idealidade universal. Não ha um systema philosophico que se subtraia á fatalidade da concepção esthetica. Todos os systemas de philosophia, todas as religiões imaginam o Universo. Nessa propria expressão « imaginar », « figurar » está subentendida aquella função essencial do nosso espirito, a função esthetica, pois imaginar é crear imagens. Já Aristoteles affirmára que o espirito não pensa sem imagens, e S. Thomaz de Aquino observou que « *impossibile est intellectum nisi convertendo se ad phantasmata* ». Ora, imagem é fôrma e o Universo será a fôrma ultima, primordial, da nossa imaginação. E' uma idealidade esthetica, que vem da fôrma. As religiões suppõem o Universo como uma successão de fôrmas, um maravilhoso espectaculo fragmentario, que se funde no espirito creador, que é uma unidade esthetica. Da mais rudimentar religião á mais elevada esse processo idealista é o mesmo. Começa-se pelas construcções rudes dos selvagens, cujos deuses têm fôrma humana, cujos mundos são architectonicos, até ás « Cidades de Deus » dos mysticos christãos, ou ás cosmogonias dos agudos buddhistas. Tudo é fôrma, tudo é espectaculo.

O systema philosophico que poderia reclamar

a prioridade de uma concepção esthetica do Universo, seria o platonismo. Já se disse que a philosophia de Platão é uma philosophia de geometra e de poeta. Pela geometria elle subordina o cosmos ás leis de uma construcção hierarchica e mesmo ao Absoluto. Pela inspiração poetica comprehende o Universo como a imagem da belleza eterna e universal. Platão no seu systema das idéas geradoras imagina o Bem como a Idéa suprema. O genio divino, o demiurgio, que constróe o Universo, copia a Idéa do Bem. A sua criação é uma pura imitação; a realidade não é mais do que a imagem do Absoluto eterno. Assim, esse supremo constructor, Deus, é um artista que tem deante dos olhos o modelo, cuja fórma transcendental reproduz na sua imitação, que é a obra de arte, o Universo. « Se a vida, ó Socrates ! vale a pena de ser vivida, diz no *Banquete* a estrangeira de Mantinéa, é no instante em que o homem contempla a belleza em si. »

A belleza em si, certamente, não existe, mas resta-nos a suprema aspiração esthetica. A idéa absoluta se extingue no oceano infinito dos fragmentos do Universo... Fica a aspiração, fica o desejo de que tudo seja bello, e nessa aspiração, nesse fremito, está o segredo da arte, a transformação do Universo em uma esthetica pura.

Assim como para o platonismo, o individuo desaparece na especie, e esta no genero, até remontar á Idéa ; na concepção esthetica do Universo de hoje o nosso ser é absorvido na unidade infinita do Todo, de que é uma apparição phenomenal. A metaphysica moderna rejuvenesce o platonismo, que percebeu desde logo que não se ascenderia ao mundo transcendental pela simples sensação. Só a faculdade intellectual nos levaria a comprehender a unidade do Todo ; só a consciencia metaphysica poderia explicar o Universo como uma unidade esthetica.

Eliminado por inacessivel o conhecimento da substancia universal, irrealizada a explicação scientifica da formação do Universo, excluido o preconceito religioso que attribue um finalismo moral ao Todo infinito, a angustia do espirito humano, perdido nas trévas de um mundo absurdo e inexplicavel, seria a suprema dôr, se a concepção esthetica do Universo não viesse integrar no Todo infinito. O Universo só pôde ser sentido, entendido, interpretado como função esthetica do nosso espirito. Nessa concepção definitiva, o unico desespero é o da nossa separação do Todo. A consciencia metaphysica explica o mysterio dessa separação e mostra que a nossa existencia é a aspiração

inconsciente e absoluta da volta á unidade essencial. Para realisarmos essa bemfazeja fusão, a natureza humana nos offerece meios transcendententes. A nossa vida se subordina á concepção esthetica do Universo, que ficará como a base da perfeição desse mecanismo infinito, de que somos a parte e o todo. O maximo da ascensão espiritual é a não-ascensão, é a unidade. O Universo é uma harmonia total. O espirito humano participará dessa profunda harmonia. Tudo é unido, é a substancia única que vive em tudo, e cada parte imaginaria contem a essencia do Todo. A substancia é universal. O ideal é sentir e não comprehender, porque comprehender é uma dualidade que nos separa do Universo. Toda a philosophia vem se terminar em um pragmatismo, que é para muitos a sua unica razão de ser. Esse pragmatismo busca tirar da idéa pura uma modalidade da coexistencia. A concepção esthetica do Universo, pela sua essencia, é estranha a toda a idéa do bem e do mal. Nessa perfeita unidade com o Todo, não se prosegue nenhum fim, tudo é apparencia, tudo é illusão.

Os homens buscam na vida contingente a felicidade. Que é a felicidade? E' a Virtude, responde Socrates pela voz de Platão. E' a Alegria, responde Spinoza e acrescenta :

« A Alegria é a passagem da alma a uma perfeição maior. O que augmenta o ser ou a perfeição da alma lhe é util e bom, o que diminue o ser, causa-lhe tristeza, é o mal... A vida mais perfeita é aquella em que a alma tem mais alegria, isto é, mais perfeição. »

A Alegria ! Mas a alegria absoluta é a que vem da concepção esthetica do Universo, base da esthetica da vida. E' a que vem da nossa integração no cosmos e realisa a unidade infinita do ser, a alegria que só póde ser dada aos estados especiaes de inconsciencia transcendental, a que attingimos pela mystica religião, pela suprema philosophia, pelo vago da arte e pelo sublime amor.

E' a plenitude da Unidade, e nella se abysma, para cessar emfim, a tragedia fundamental do espirito humano.

METAPHYSICA BRASILEIRA

A IMAGINAÇÃO BRASILEIRA

Ninguém pôde explicar a alma das raças, pois tudo é mysterioso e incerto na psychologia das collectividades.

Mas, ainda assim, pôde-se perceber que em cada povo ha um traço característico que, embora enigmatico, é persistente, vem do passado e será o mesmo no futuro, através das peregrinações do sangue e do espirito. O povo romano, apesar de tudo que absorveu e assimilou, apesar da sua avassalladora expansão no mundo, não perdeu jamais aquella expressão primitiva do egoismo, que permanece como o segredo da sua civilização. No povo inglez o traço característico é a energia, que de individual se tornou collectiva, a energia de Robinson Crusoe que, pertinaz, indomavel, fez a conquista da terra.

O traço definitivo da civilização franceza é a intelligencia, que determina a razão, a ordem, a clareza e o gosto. Na Italia seria o sensualismo, do qual nasceu a exaltação artistica, a politica

realista, a Renascença e o Estado. A Allemanha é possuida desse entranhado espirito metaphysico que se manifesta no pensamento, na abstracção e até na disciplina. As almas extaticas de Santa-Theresa e de Don Quichote, a ingenuidade de Sancho Pansa são expressões da fé transfigurada e mortal, em que se consumiu a Hespanha.

No Brasil o traço caracteristico collectivo é a imaginação. Não é a faculdade de idealisar, nem a criação da vida pela expressão esthetica, nem o predominio do pensamento; é antes a illusão que vem da representação do Universo, o estado de magia, em que a realidade se esváe e se transforma em imagem.

As raizes longinquas dessa imaginação acham-se na alma das raças differentes, que se encontraram no prodigio da natureza tropical. Cada povo ahi trouxe a sua melancolia. Cada homem carregou no seu espirito o terror de varios deuses, a angustia das lembranças do passado perdido para sempre, e se encheu da indefinivel inquietação na terra extranha. Assim desabrochou essa sensibilidade implacavel, que engrandece e deforma as cousas, que exalta e deprime o espirito, que traduz as ancias e os desejos, fonte turva de poesia e religião, por onde aspiramos a posse do Infinito, para logo

nos perdermos no nirvana da inacção e do sonho.

Os nossos antepassados europeus foram os portuguezes, e de todas as nações latinas Portugal é a mais indefinível. Não ha um conceito capaz de exprimir o singular contraste de toda a alma portugueza, que oscilla incertamente entre o sentimento realista e a miragem. Os lusos foram talvez os mais bisonhos dos barbaros latinos. Jamais attingiram á claridade do gaulez, nem ao mysticismo agudo do ibero, nem áquella explosão de animalidade sobrenatural, que é o fundo da sensibilidade esthetica italiana. A original espessura os prendeu á terra e formou-lhes o espirito realista. A alma lhes foi humilde ; ligaram-se estreitamente ás cousas, trabalharam e amaram o sólo ; e quando lhes chegou o instante da arte, não tiveram a força de crear, de dar ao mundo uma sensibilidade nova, deram fórmula, e tornaram-se os executores perfeitos das idéas de outros.

E' singular que tão intenso realismo floresça ao lado de uma grande tristeza. Roma transmittiu ao espirito latino uma melancolia, que os gregos não conheceram. Ou fosse pela sua dilatação no mundo, pelo proprio fremito da subjugação dos outros povos, ou fosse pela confluencia de tantas raças, de tantos deuses

extranhos, ou fosse pela consciencia do formidavel peso de um destino ainda não egualado, é certo que no solido e immenso edificio de egoismo romano a argamassa foi humedecida pelas mysteriosas lagrimas das cousas, e a infinita solidão dos espiritos se encheu do pavor da noite eterna... Eterna Nox!

A essa melancolia antiga juntou-se na alma dos portuguezes a que lhes deu o oceano. O mar lhes foi uma terrivel tentação. Por elle attingiram ao maximo da energia nacional e por elle se perderam para sempre... Espalharam-se pelo mundo, tiveram fama e gloria, e soldados broncos e marinheiros rudes um dia se partiram das suas praias, não mais tornaram, desapareceram no infinito dos mares... e nos olhos, doces e tristes, das mulheres portuguezes vê-se ainda a saudade das caravellas.

Os outros primitivos povoadores do sólo brasileiro foram os africanos, que os portuguezes ahí trouxeram para com elles vencer a natureza aspera e inquietadora. O espirito do negro, rudimentar e informe, como que permanece em perpetua infantilidade. A bruma de uma eterna illusão o envolve, e o prodigioso dom de mentir é a manifestação dessa falsa representação das cousas, da allucinação, que vêm do spectaculô do mundo, do eterno espanto

deante do mysterio. A mentira engana o medo, e inventar, imaginar é uma voluptuosidade para esses espiritos grosseiros, fracos e apavorados.

A outra raça selvagem, a raça indigena da terra americana, que é um dos elementos barbaros dessa civilização, transmittiu aos descendentes aquelle pavor que está no inicio das relações do homem e do universo. E' a metaphysica do terror, que gera na consciencia a illusão representativa das cousas e enche de phantasmas, de imagens, o espaço entre o espirito humano e a natureza.

A natureza é uma prodigiosa magia. E no Brasil ella mantem nas almas um perpetuo estado de deslumbramento e de extase. E' a eterna feiticeira. Tudo é um infinito e esmagador espectaculo, e os personagens do drama do sortilegio são a luz que dá o ouro aos semblantes das cousas, as fórmias extravagantes, as côres que assombram, o mar immenso, os rios volumosos, as planicies cheias da melancolia do deserto, a floresta invasora, tenaz, as arvores sussurrantes, castigadas pelos ventos allucinados...

E o espirito do homem desvaira... Elle não se sente em communhão com a natureza. A imaginação faz surgir uma mythologia sel-

vagem, que floresce em seres phantasticos, deuses e lendas. Ha um grande enigma no prestigio da natureza sobre o homem, e quasi sempre esse é a imagem espiritual do meio physico em que se formou e viveu despercebido. Se elle é um homem do mar, é como um rochedo meditabundo, calado. Se é um camponez, a sua intima representação é a da arvore, immovel, silente, fecundo. Se é um mineiro, participa da essencia mysteriosa da terra. No Brasil, o espirito do homem rude, que é o mais significativo, é a passagem moral, o reflexo da esplendida e desordenada matta tropical. Ha nelle uma floresta de mythos. São lendas de todas as partes que ahi se encontram, lendas do Mediterraneo harmonioso, da incerta Islandia, dos steppes, das humidas noruegas, do Oriente inverosimil, deformadas em longas peregrinações e entrelaçadas ás lendas toscas, grosseiras, vindas na invasão negra, e áquellas que nascem nas selvas americanas, mythos physicos da natureza, formando um só e intricado todo, mysterioso e extravagante, que é a alma do homem brasileiro. E para esta os personagens fabulosos têm uma vida real, são tangiveis e activos, sejam as bellas e enigmaticas mães d'agua ou os errantes e tenebrosos curupiras. E o objectivismo mythologico é tão intenso nos espiritos ainda

primitivos que não se póde precisar onde começa para elles a realidade objectiva e onde acaba o sonho na floresta dos mythos.

A historia social do Brasil é a historia dessa imaginação. Durante dous seculos a grande fescinação foi a do ouro. Desenrolou-se em plena natureza o drama de uma ardente e esfalfada cubiça. O paiz foi todo varado, as mattas devastadas, as montanhas desvendadas e estripadas, os campos fendidos, e as feridas da terra, retalhada e escavada para dar a pepita de ouro, se encheram de sangue humano, e o homem cresceu em energia, e o seu poder diabolico de destruir foi uma allucinação... Mas dessa furia foi nascendo a civilisação, amassada no sangue e na lama sobre a Terra maravilhosa. O ouro foi a miragem, depois o poder, a força, a primeira revelação brasileira ao mundo cupido e deslumbrado. Foi o ponto de partida de outras miragens, e tudo dahi em deante é uma illusão dourada para o mesmo homem, que antes era subjugado e agora se torna destemido, se colloca em desafio deante da natureza bruta e vae por arrancos devastando e creando. A grande adversaria póde oppôr-lhe a tenacidade e a astucia de uma defesa sem equal em toda a historia da civilisação. Elle a combate encarniçadamente, conhece-lhe os segredos, de-

fende-se das suas insidias, e pelo ferro e pelo fogo doma-a, faz della a sua serva, ordena-lhe que o alimente, enriqueça e encante. Foi uma submissão, mas não o apaziguamento : a lucta se mantem sempre imminente, o homem está em desafio e a natureza em ameaça. A vida é uma perpetua lucta, uma anciainsaciavel de descobrimentos continuos, um infatigavel movimento de conquista, a marcha para o interior do paiz, uma vaga inquietação, uma instabilidade perturbadora, nessas immigrações incessantes das proprias gentes da terra, que errantes vão para além á busca da riqueza, n'uma corrida accelerada para a morte, que as espreita nas florestas traiçoeiras e nas perfidas aguas dos rios sinistros. Que importa ? Outros homens virão para o triumpho, fascinados, ardentes e ávidos, — perpetuos escravos da imaginação...

Mas, por um capricho commum do sentimento, essa propria Terra, que o brasileiro combate e martyriza, se lhe torna objecto de veneração e amor. Ha uma fatalidade no temperamento da raça para a exaltação. O prestigio da grandeza do territorio enleva e envaidece o brasileiro. Elle sente-se o homem de uma grande terra e sabe que essa terra é bella. E nessa seducção, nessa dominação da natureza, está

a fonte do providencialismo, que exerce no espirito brasileiro a faculdade motora da sua actividade e tambem de um doce descuido. O brasileiro imagina que tão maravilhosa terra não póde deixar de ter um esplendido destino, e vae para adeante impellido pela fatalidade, na barca da phantasia, certo de representar no mundo o papel que crê estar-lhe reservado.

E tambem nesse mysticismo physico da grandeza da terra estão as raizes do exaltado patriotismo, que se vae transmittindo ás gerações e dá logo á aurora da infancia essa illusão nacional, que enche a creança brasileira do orgulho da luz, do céo, das estrellas e das outras expressões da natureza patria. As menores cousas se engrandecem nessa miragem infantil. Para uma creança brasileira tudo da sua terra é superior a tudo das outras terras. O Brasil é o paiz dos maiores rios do mundo, da mais bella bahia, e o Pão de Assucar a mais elevada montanha do globo. E quando a creança percebe o seu erro, chora amargamente essa decepção infligida ao seu patriotismo. Mas a illusão da grandeza nacional lhe persistirá fecunda no espirito. E, mais tarde, fiel á miragem, a creança se tornará o homem ávido de alargar ainda mais a immensidade da terra brasileira.

OS TRABALHOS DO HOMEM BRASILEIRO

Logo que se sente separado do Todo universal, o homem tem de vencer os obstaculos que impedem a sua volta á unidade essencial do cosmos, que é a suprema razão do espirito humano. Essa tragedia fundamental da alma agrava-se no Brasil pela discorreção insuperavel entre o meio physico e o homem, incompatibilidade da qual se origina uma metaphysica barbara, sobrecarregada pela hereditariedade dos elementos psychicos selvagens das primitivas raças formadoras da nação.

Os trabalhos que ao homem brasileiro cabe executar para attingir á sua victoria espiritual, não são trabalhos physicos. Assim, o dever de vencer a natureza é mandamento moral que importa em submeter ao seu dominio o espirito tenebroso da terra, eliminar-lhe o terror que assombra e separa.

A victoria material do homem sobre a natureza do Brasil é consideravel. Durante tempos immemoriaes o homem indigena da terra brasileira foi subjugado pela natureza, de que se tornou o puro reflexo animal; o seu espirito se conservou rudimentar, absorvido totalmente no tragico meio physico, até que a redempção lhe foi chegando, trazida pelo espirito dos homens vencedores de outras naturezas. Mas a terra recebeu hostilmente o homem extranho que a viera domar. Dessa opposição da natureza contra a civilisação estrangeira se poderia formar o mytho de uma nova Atlantida selvagem, defendendo e escondendo para sempre o mysterio que a torna irreal como um sonho, e que, uma vez revelado, a despe da sua maravilha, para tornal-a escrava do homem libertado.

A physionomia physica do Brasil predestinava o paiz a resistir á invasão. O Brasil é disputado pelo mar, mas o mar não o penetra, e o continente fica massiço como indicio da lentidão e da força, que mais tarde caracteriza a marcha da sua civilisação. Logo á margem do mar, as montanhas se perfilam para proteger a terra. E, além dellas, imensos rios, densas e emmaranhadas florestas são alternados por campos illimitados, tristes desertos, sertões desolados, onde passa o terror, das seccas que

se revezam ao espanto das inundações, dando a toda a natureza a attitude das catastrophes imminentes, que trazem ao espirito a angustia dos cataclysmos sem fim.

A historia da civilisação portugueza em tão tragica terra é um dos mais profundos testemunhos da victoria do espirito humano sobre a materia. A obra do descobrimento do continente brasileiro, a conquista da terra, a colonisação do territorio pelos portuguezes são phenomenos da lei espirital da nacionalidade portugueza : a lei de constancia vital, que reside no espirito de progressão da raça portugueza. Essa lei de vida será tambem a do espirito brasileiro, herdeiro do espirito portuguez, emquanto o homem brasileiro conservar preponderante a sua hereditariedade psychologica e emquanto a immensidade do Brasil, ainda por longo tempo insondavel, determinar o sentimento da progressão nacional.

Na diversidade geographica do continente brasileiro, a unidade moral, politica e historica da nação é o effeito espirital da unidade de raça, que é o principio creador do paiz. As varias regiões do Brasil são disparatadas e tendem todas a differentes destinos geographicos, e nenhum laço de ordem geologica as funde para formar com ellas um só todo phy-

sico. A lucta do Rio-Grande do Sul para permanecer brasileiro, vencendo o destino geographico, veiu attestar a força tradicional luso-brasileira, que encerra dentro do massiço do Brasil uma nação uniforme pela lingua e pelo espirito.

Emquanto a civilização material se desenvolve impavidamente, o elemento espiritual é perturbado pelos factores barbaros das raças e do meio. A actividade do homem brasileiro, cujo fim será a sua libertação do terror, deve-se applicar principalmente á realisação da intima e infrangivel unidade do homem com o Todo, de que elle é parte instantanea e imaginaria. Para attingir a esta unidade absoluta, o homem deve se impôr uma disciplina, que será a esthetica da sua vida espiritual.

Já vimos que o primeiro « trabalho » do homem é o da resignação á fatalidade do universo, o segundo o da incorporação á terra, o terceiro o da ligação á sociedade. São as tres categorias da actividade humana ; exercendo-as, não é a disciplina do respeito que o homem pratica, é mais outra cousa : uma intima fusão com a vida total nos tres aspectos em que ella se apresenta.

Para chegar á realisação d'essa unidade, o homem brasileiro terá de vencer os obstaculos

que impedem a serenidade da sua vida esthetica. Deve vencer a « natureza », que o apavora e esmaga, a « metaphysica », que lhe vem d'essa natureza e da alma das raças selvagens geradoras do seu espirito, a « intelligencia », que é a faculdade de comprehender o universo e no Brasil é estranhamente perturbada.

Resignação ao Universo. Seja o sentimento do eterno e perpetuo anniquilamento do universo a fonte da nossa vida, a força immortal da nossa existencia. Vivamos a profunda alegria de sentir em nós a passagem do universo nas suas transformações sem fim! Olhemos em nós mesmos a unidade absoluta! Tudo passa, tudo vive e morre, torna a passar, a viver, a morrer sob outras fórmulas em que se esvae a materia universal, e não ha agoniã na metamorphose da natureza. O segredo inquietador e tremendo da unidade do universo está percebido. E o pessimismo, que condemna tudo á vida instantanea, seja a razão da nossa serenidade. Que os homens e as cousas não se lamentem de existir, que a vida continue ao rythmo do amor, que dá o esquecimento divino.

A base da perfeição está no conceito do Universo. O Universo só se póde explicar como um espectáculo, em que o bem e o mal não existem e em que o prazer e a dôr são elementos

geralmente activos e se confundem. Façamos da nossa existencia o reflexo d'esse conceito esthetico ; não basta a idéa pura, incapaz por si só de renovar a vida ; é preciso o sentimento. As civilizações brahmanicas e greco-romanas se engrandeceram no sentimento da força e da energia. O buddhismo e o christianismo, pelo sentimento da compaixão e da piedade, inspi-raram a sympathia entre os homens. Os modernos reclamam a volta ao sentimento da energia para com elle renovar a vida humana. Não se volta a um sentimento perdido. Para renovar a vida é precisa outra cousa, que seja o reflexo de uma idéa nova ; é preciso arrancar do conceito do perpetuo anniquilamento, da metamorphose universal, o segredo do senti-mento espectacular do mundo. Deante d'esse sentimento cada homem é uma instantanea expressão do universo, e na sua consciencia se reflecte a unidade essencial das cousas. Por elle chegaremos á nossa integração no cosmos e á suprema resignação á fatalidade universal. A arte é o espelho d'esse spectaculo. E a philosophia se transforma, vivaz e fecunda, na arte, como a idéa no sentimento.

Serena seja a nossa postura, impassivel deante da vida e da morte.

VENCER A NOSSA NATUREZA

A fremente energia que faz e refaz o mundo objectivo, inspira a sensação de que a natureza é uma obra de enthusiasmo. O Universo fragmenta-se em fórmias successivas, fugazes, inquietas e anciosas de se revelar. Ora, em parte alguma esse supremo enthusiasmo é mais vivaz do que na natureza do Brasil!

Estamos na dourada habitação da luz. Do alto do céu todo o vasto continente brasileiro apparecerá como um diamante a scintillar nas sombras do Infinito... A terra é perpetuamente vestida de luz. A sua refulgencia abre no silencio dos espaços uma claridade inextinguivel, fulva, ardente, branda ou pallida. Tudo é sempre luz. Descem do sol as luminosas vagas offuscantes, que mantêm na terra a quietação profunda. A luz tudo invade, tudo absorve. Chapeia nos cimos das montanhas, derrama-se pelos valles, penetra nos desvãos das arvores, e a matta rutila como uma esmeralda; espia pelas fendas da terra, e um sol se abre nas grutas sepulcraes. A vida não adormece ao implacavel clarão; vibra, fulgura o ar incandescido, a terra se volatilisa n'uma pulve-

risação de luz. Desmaiam as côres do mundo e tudo se torna da côr da luz. E quando a noite, repentina e doce, surge, estrellase subitamente o céu, pontas de ouro dardejam sobre a terra e vêm tremeluzir na nacarada espuma dos mares, nas núas cascatas argenteas, nos rios phosphorescentes. A luz vaga sobre a terra. Loucos, juvenis, noctambulos espiritos das florestas, os pyrilampos executam a dansa da luz... Outras vezes, a luz é o luar. Gelida lividez transfigura o mundo. A terra é o espectro da lua, as côres fogem, tudo empallidece n'uma brancura de cal. Agonisa allucinada a livida luz. E morrendo desce ao fundo dos abysmos e se transforma n'uma gloria de ouro: diamantes, topazios, rubis, mysteriosas estrellas a refulgir no desterro immemorial das entranhas da terra do Brasil...

Dentro dessa luz a Natureza ostenta os prodigios da sua criação. E' uma maravilha de grandeza e força. Como um rio que descesse do Infinito, o Amazonas, amplo e majestoso, atravessa aquelle mundo e com mil braços enlaça a terra, nympha tropical, fresca, humida, resplandecente. Pela sua força indomavel tudo vence, tudo arrasta, tudo submerge, florestas e campos. Afoga-se nas suas proprias aguas e um immenso e tranquillo mar apparece. Renasce e continúa impavido o seu curso sem fim.

Fugindo a essa loucura das aguas, a Natureza refugia-se nas altas terras descampadas, nos sertões, onde, inquieto, vaga na torrida solidão o gado silencioso, ou nos vastos pampas vaporosos, onde a terra melancolica se vae unir aos céos longinuos. Por um momento a Natureza é triste, mas não tarda a desforra da alegria, que lhe vem no delirio da vegetação. E' a floresta tropical na sua magnificencia e na sua desordem, a floresta creadora da vida eterna, onde arvores sobem das profundezas da terra e se enlaçam como irmãs; onde tudo se transforma, os passaros coloridos são como flôres aladas, os ventos como passaros que cantam... Tudo é magia no silencio verde. Curupiras surgem como fogos que dansam, e toda a matta estremece. Mas, n'um canto da floresta, á margem do regato, á hora rubra do sol poente, a Yara, a mãe d'agua, penteia os seus cabellos ouro e verde. A luz acaricia-lhe os olhos crystallinos, e toda a matta sorri...

Tal é a maravilha da natureza em que se perde o homem brasileiro. Ha no seu espirito a angustia do exilado nesse mundo paradoxal. Lamenta-se e transforma em dôr a alegria tropical, que exalta e divinisa o Universo por um excessivo arrebatamento da belleza. O brasileiro é o lyrico da tristeza. Ainda não sentiu gloriosa-

mente nos tropicos magnificos o fremito do turbilhão das cousas tumultuosas. Só agora começa o deslumbramento do espectaculo da vehemente formação das novas sociedades, e uma doce aurora aponta no espirito de alguns homens, que despertam de um longo esquecimento e sentem a nação predestinada a uma grandeza illimitada. O Brasil cessará um dia de ser o ambiente da elegia para inspirar os accordes do hymno dyonisiaco á força, á belleza, á alegria de nascer, que alli sorri na irreprimivel germinação da vida maravilhosa.

VENCER A NOSSA METAPHYSICA

As relações entre o homem e a natureza são secretas e imperceptiveis. Jamais o homem se separa totalmente da natureza. Esta continúa indefinidamente no espirito humano. Ha um grande enigma no poder formidavel da natureza inconsciente, que procura prender e fixar a essencia movel do homem e prolongar-se n'ella. Em plena intimidade com a natureza, o homem rude, desapercibido, é um prolongamento do meio physico a que está identificado. Já vimos como o homem brasileiro é a

imagem da floresta tropical. N'esse ambiente o homem primitivo vive a profunda e suave inconsciencia. Mas, se a floresta virgem é devastada no espirito do homem e este se vê separado psicologicamente do seu meio physico, então a natureza é a grande adversaria e os homens têm a attitude de esmagados por uma força implacavel. E' um terror immenso, instinctivo, gerado do despertar da consciencia cosmica no espirito humano.

Desponta o mysticismo physico. A natureza, que foi espanto, passa a ser a grandeza descomunal que nos arrebata. O dominio da adversaria se transforma de terror em divinisação. Começa o culto da natureza. O espirito perde-se, dissolve-se, no extase da belleza do mundo, cujas caprichosas e desmedidas expressões são o orgulho do homem brasileiro. A metaphysica desse espirito é a representação da allucinação causada pela natureza, como foi a metaphysica da India, e como não foi a tranquillã, harmoniosa e lucida metaphysica dos gregos. Um povo com semelhante metaphysica está fatalmente paralyzado pela exaltação mystica. A acção, aquella acção indispensavel para viver no presente, que nasce do profundo e maravilhosos idealismo e deve ligar a existencia ao ambiente physico e social, não se caracteriza

no Brasil pela actividade positiva e victoriosa da cultura. A acção é sobretudo outra; é mystica e ascende dos fetichistas ingenuos, cujo espirito se perde na immensidade da natureza, até aos poetas, aos chefes de religião, aos ascetas e aos santos, creações desse mysticismo physico, que a floresta virgem transplantou para a alma humana.

O nosso delirio metaphysico se manifesta principalmente na representação tragica da natureza na alma dos selvagens. Os indios e os negros da nossa formação são raças cheias de terror. Pela consciencia se separaram do cosmos, e elles povoaram este terrivel espaço de separação de seres phantasticos e tenebrosos, que são as divindades da sua rude mythologia. São mythos da natureza selvagem. E' a propria natureza adversaria manifestada pelo terror. Que deuses e que mythos são esses? Ou o ser diabolico, terrivel, que encarna as forças ameaçadoras e destruidoras da natureza, o genio mysterioso da matta, ou a melancolica ave que se lamenta de não mudar as perpetuas pennas, ou o supplicio do animal devorado pela propria pelle, ou o supremo esforço para fugir aos soffrimentos do mundo, que faz os homens subirem cantando e dansando aos céos, onde são mudados em estrellas, ou a ma-

guada explicação de que os rios são os prantos da lua, lagrimas que correm pelo mundo. Tudo é allucinação, pavor, melancolia na alma selvagem que os gerou.

O mysticismo dessas raças primitivas explica o estado de magia interminavel em que ainda vivem os seus descendentes. Na ausencia de uma disciplina scientifica das forças naturaes, estas se tornam maleficas ou propicias pelas praticas dos pagés ! E o pagé, o mago, ainda persiste na nossa vida, na nossa poesia, na nossa litteratura, na nossa politica, através dos rudimentos da nossa cultura.

Outra consequencia da metaphysica selvagem é o estado de immobilidade, em que permanece a alma dos homens vindos dessa formação. E' uma profunda inercia para a cultura e uma invencivel lethargia. Os gestos animaes dominam no homem animal. A natureza transfunde aos homens o frenesi lubrico que lhes dá o instantaneo esquecimento da agonia do terror em que vivem. Esses espiritos não fazem a viagem sentimental que os liberta da propria animalidade. A representação ideal do Universo é a do espanto e do assombro. A mentira nasce dessa perpetua illusão em que se abysmaram, e a maior illusão é a da natureza invencivel. Dessa passividade e indiferença

na noite mysteriosa em que divagam, vêm-lhe, como uma epidemia de ideal, o sentimento da negação da vida, a renuncia a toda a conquista do espirito. A rude metaphysica creou-lhes, sem chegar ás fórmulas superiores do nirvana indico, o mesmo fatalismo pessimista.

A grande victoria contra a natureza geradora dessa magia animista está na concepção esthetica do universo. Eliminemos do nosso espirito o terror que vem da immensidade. Aproximemo-nos serenamente do mundo physico, que se reflecte em nossa alma. Não deve haver expressões de espanto na natureza. Tudo é a unidade inquebrantavel da vida a que nos devemos conformar. Para vencer as montanhas que vos aterram, matae-lhes o espirito tenebroso nos antros de pedra e vereis como se abaixarão e serão para vós collinas sobre que passeareis os vossos espiritos descuidados. Não vos será precisa a malicia dos homens astutos e timidos que, para vencerem as montanhas, empregam o espirito subterraneo... Vós e ellas sois a mesma substancia universal. O imperativo categorico da vossa conducta é tratar a natureza como a vós mesmos, com esse largo e risonho amor do proximo, que a ella mais que aos homens deveis applicar. A natureza é a vida eterna !

VENCER A NOSSA INTELLIGENCIA

Sa a intelligencia é destinada a conceber a relação entre causa e effeito, a « pensar a materia », a intelligencia brasileira soffreu a ineluctavel influencia dos elementos barbaros, nossos formadores. O espirito desprendido apenas do animismo permaneceu metaphysico, e a intelligencia se caracterizou por essa fuga idealista que se contrapõe ao realismo portuguez. E' a grande separação entre o espirito brasileiro e o do seu creador europeu, depois que este, fundindo-se nos elementos selvagens, se transviou na pavorosa allucinação da natureza tropical.

Por esse vago e constante terror, o homem brasileiro parece sentir-se extranho ao mundo do seu destino. E' um perpetuo desterrado. Falta-lhe a intimidade com a natureza, esse accordo subtil e mysterioso que outros homens têm com assuas terras e que se traduz n'uma inquebrantavel harmonia, na expressão de uma perfeita unidade entre o espirito e a materia. Por vezes tem-se a impressão de que o homem brasileiro deixou as suas raizes em outras paragens ; é um transplantado que enlanguece n'uma singular nostalgia. Será a alma dos antepassa-

dos europeus, a alma antiga, que se atarda e, divagando em sonhos, busca a patria verdadeira, perdida para sempre ? Será o acabrunhamento diante da natureza adversaria e mystificadora ? O homem brasileiro é melancolico, e a sua tristeza se exprime pela voz da poesia.

De uma grande doçura, essa poesia é um queixume, uma supplica. Ella diz a amargura da vida rudimentar, a adoração perpetua á natureza implacavel, que envolve e subjuga o homem. No recolhimento das florestas, á margem dos rios, na contemplação do deserto oceano, nos placidos e infinitos campos ou no saudoso sertão, o brasileiro estremece de pavor, exalta-se e é arrebatado no vôo mystico, consolo da tremenda realidade. Na hora da solidão, a poesia, nascida do terror, é uma oração diante do eterno mysterio... E de todos os rudes corações dos homens do mar, dos sertanejos, irrompe immenso, inextinguivel canto de saudade e de amor. E no rythmo dessa poesia das aguas, das arvores e das mil expressões da natureza, passam as angustias de uma alma de esmagado, as ancias de eternidade, e a litteratura vinda de tão extremada sensibilidade imaginativa será fatalmente poetica e metaphysica. A arte no Brasil não é a representação da realidade, o divino espelho da vida. E' a

representação da subjectividade do espirito humano, que se reflecte pelo prisma da poesia.

O sentimento do Infinito, o assombro, a melancolia afastam a emoção artistica da fórmula tangível das cousas. Esses sentimentos vagos, indefinidos, são fonte de poesia, mas não das artes de fórmulas objectivas, das artes plasticas. Deixando de parte as questões subtis de luz e côr, ou, melhor, a ausencia de côr por excesso da luz, no Brasil, apesar da luz triumphante e das maravilhas do desenho em que se ostentam as cousas reaes, não ha uma grande pintura nem uma grande escultura. A razão essencial é que para o livre e completo desenvolvimento dessas artes falta-nos um consideravel sentimento realista. Na India tambem não houve grande pintura e nem uma escultura superior. A India é a patria da metaphysica. Como os hindús, no fundo do nosso inconsicente tememos a natureza, que nos avassalla, e por isso não a representamos, porque não se representa plasticamente o terror, quando este chega a ser o terror da dominação. E' a falta de liberdade no meio physico. E não ha esculptores, porque não temos bastante sentimento realista e a natureza glorifica no corpo humano o seu triumpho. Para que houvesse artes plasticas e fossemos uma nação de artistas da

fórma, seria indispensavel uma grande intimidade com a natureza e sentirmos a imperiosa necessidade de represental-a pela sua côr e pelas suas linhas ; seria preciso o sentimento da realidade, que é o sentimento das cousas objectivas, um conceito philosophico da vida, que eliminasse a nossa metaphysica do terror, que não fosse moral nem immoral, e para o qual o Uníversono fosse simplesmente a successão indefinida dos seres, conceito que fecundasse uma civilização, em que o culto da fórma e da sua expressão espiritual fosse inspiração da vida. Para o grego um bello corpo é a finalidade da existencia ; melhor e mais feliz uso do *nous*, da causa motora do Universo, que está em todos os seres, lhe é permittido. A esculptura, uma arte divina, porque reproduz a gloria do bello corpo... Magnificat !

A essa razão primordial que, pela psychologia, pelos elementos barbaros da raça, pela grandeza pavorosa do meio physico, explica a ausencia das artes plasticas no Brasil, devem-se juntar outras razões sociaes. O nosso tempo ainda não foi o da pintura nem o da esculptura. O sentimento do infinito, que é o da essencia da arte, se inicia em todas as civilizações pela poesia. Só mais tarde apparecem as outras artes, suscitadas pelas condições da vida social.

As condições sociaes do Brasil não foram até agora favoraveis ao surto das artes plasticas. Durante os primeiros seculos que se seguiram ao descobrimento da terra brasileira, a nossa historia se escreve nas luctas pelo predomonio portuguez sobre outros invasores europeus, nas aventuras dos bandeirantes e nas longas e reveladoras viagens dos vaqueiros pelas chapadas do sertão. E' a vida nomada com a sua instabilidade e a sua incerteza, deixando no paiz apenas ligeiros traços de civilisação. Nesse periodo, em que quasi nada se funda, em que as futuras cidades são simples aldeias ou pousos de soldados e traficantes, não ha solici-tação alguma para a pintura e a esculptura. Os monumentos que exigem o ornamento da estatuaria, ainda não existem, nem egrejas, nem tumulos, na deserta terra em que o acam-pamento de alguns dias é logo abandonado, segundo as necessidades da existencia aventu-reira. As casas, os palacios, que exigem a deco-ração da pintura, não existem. As habitações são palhoças ou toscas moradas de vaqueiros, que vivem com os selvagens, na grande e infe-cunda nostalgia dos errantes. Só mais tarde, quando se estabilisa a conquista portugueza, começam a apparecer os primeiros monumentos de civilisação, geralmente egrejas rudes ou

ingenuas, que ainda testemunham na nossa epocha o insignificante e encantador passado artistico, legado pelos fundadores da nacionalidade. Mas a vida daquelles tempos no nosso paiz, apesar de começar a fixar-se nas grandes propriedades agricolas e nas cidades embryonarias, ainda não era bastante prospera e culta para o desenvolvimento das artes. Nos engenhos do norte, imagem da vida feudal, a arte não era uma necessidade, e nem havia o excesso de civilização que crea o luxo da arte. No sul do paiz a instrução era ainda mais rudimentar, e os homens despendiam as forças em vencer a natureza, de que esperavam a fortuna.

Póde-se dizer que só ultimamente as cidades, como expressão de cultura de um povo, surgiram em todo o esplendor no Brasil. Nessas magnificas cidades o sentimento da natureza desponta como um elemento artistico, o que é uma grande victoria do espirito brasileiro. A paisagem é incorporada ás cidades que se fundem no maravilhoso quadro de luz, de côr, de fórmãs, e por instantes parece que a arte, que fez a cidade, excedeu a propria natureza, nesse sentimento vago, que torna deliciosamente indecisa a passagem do que é natural ao que é artificio humano. Será o começo de um grande despontar artistico no Brasil, em que

a architectura, a pintura e a esculptura, as artes da fôrma assignalem o instante triumphal? Mas para a victoria completa, vençamos aquelle terror inicial, que nos separa da nossa propria natureza divina... Façamos da natureza uma obra de arte...

Na ausencia das artes plasticas, a nossa imaginação tem os seus meios de expressão na litteratura. A nossa producção litteraria é vasta e longa, mas ella se caracteriza infelizmente pela falta de obras que pela universalidade da emoção ou da creação tenham entrado no patrimonio collectivo da humanidade. E' verdade que a litteratura portugueza tambem não attingiu a essa alta situação, não porque fosse escripta em uma lingua pouco conhecida, mas porque os seus melhores escriptores, limitando-se ao quadro portuguez, não souberam tirar das particularidades dos seus assumptos a generalidade da emoção indispensavel para a communição com o espirito dos outros povos. Não tiveram o genio dos escriptores da Noruega e da Suecia, que exprimiram nas suas obras o interesse universal, permanecendo essencialmente escriptores das suas pequenas nacionalidades.

E' possivel que a litteratura brasileira transmita um dia o fluido que nos ponha em com-

municação com o Universo intelligente. Por ora, ella não satisfaz plenamente á propria alma brasileira. Ha uma discorrelação entre esta e os seus interpretes. Não temos monumentes litterarios, como têm todos os povos, porque somos um cháos, a materia cosmica informe. E' precisa a estratificação pelo tempo, para que se erga o monumento, pedregoso embora, mas fixo e eterno, que exprima o genio de uma raça. Por ora, vagamos na fluidez dos elementos. Todo o idealismo profundo e mysterioso que se escapa na poesia triste e inquieta, raras vezes chega a penetrar nas regiões da litteratura. A poesia culta, ou é extremamente formal, ou pela sua emoção lyrica e ás vezes pantheista é tão superior que é sentida por poucos.

Esse « formalismo » da nossa poesia se propaga por toda a litteratura. O brasileiro balbucia ainda uma lingua em que se sente estrangeiro, e como não escreve nessa lingua hesitante, a litteratura não representa pela lingua escripta a alma collectiva. Ha uma lingua escripta e uma lingua popular. Aquella, producto de cultura, é fria, academica, gongorica, e nesse paiz em formação, cuja alma se procura manifestar com energia e por signaes precisos, que sejam os signos fieis das cousas exteriores da nossa vida

e dos secretos anseios do nosso espirito, volta-se extranhamente e sem esperteza ao classicismo « barbaro » dos portuguezes, como á suprema fórma litteraria do Brazil. E' uma vasta litteratura de pedantes. E' o defeito da cultura artificial, vicio que perdeu as modernas litteraturas italianas e hespanholas, que foi constante em Portugal, e separa pela linguagem a casta dos litteratos do verdadeiro espirito nacional.

Assim, a nossa intelligencia, para se libertar dos elementos barbaros, fez da cultura um acto de máo gosto e um acto de cobardia, produzindo uma litteratura incolor, sem obras, onde o idealismo do nosso espirito metaphysico não encontra os seus symbolos, nem a vida as suas creações ideaes. E no emtanto aquelles elementos barbaros da nossa formação espirital e da nossa nacionalidade reclamam, antes do seu desaparecimento total, os seus vates e os seus escriptores. O que ha de grandioso, de descomunal, de monstruoso, de amorpho, de infantil, de caduco mesmo, na natureza e nas gentes, exige a sua epopéa. Alguns tentaram ser o poeta, o épico dessa selvajaria. A natureza os fez barbaros e capazes da necessaria inconsciencia. A cultura rudimentar, porém, que adquiriram, pol-os em disequilibrio com a sua ver-

dadeira « patria ». O pedantismo matou nelles a intima selvajaria. Deixaram de exprimir inconscientemente para vêr e explicar. Nunca taes escriptores se contenderam secretamente com as cousas de que trataram.

Louvemos por isso a finura de Machado de Assis, que escapou á selvajaria dos assumptos e da expressão e não cahiu no gongorismo e no pedantismo. O seu espirito ficou classico, mas do classicismo do pensamento, que remonta á Grecia, e de que só a França tem nos nossos dias o segredo. Um dos problemas que preocupam a critica no Brasil, é a ausencia da « natureza » nos livros de Machado de Assis, e quasi todos concluem ser um traço da inferioridade do escriptor. Alguns mais perpicazes attribuem essa singularidade, no meio de uma litteratura desordenada, em que a paizagem é um permanente, e por vezes fastidioso, personagem, á influencia da litteratura classica pre-rousseau-niana. A questão não fica resolvida, porque, se Machado de Assis pendeu para o classicismo, foi exactamente por causa da sua antipathia intima á natureza tropical. Não foi o classicismo que o afastou da expressão do sentimento da natureza, porque o classicismo é pantheista na sua origem, a natureza lhe inspirou as obras do seu lyrismo, as pastoraes, as bucolicas, as georgicas,

como a civilização e a historia lhe inspiraram as epopéas.

O segredo de Machado de Assis, que o faz unico no Brasil, é a sua incompatibilidade com o meio physico e a metaphysica que deste provem. E a sua grande superioridade foi que, não podendo vencer a natureza, dominal-a pela arte e pela philosophia, teve o heroismo de simular a não existencia dessa natureza tropical, que é a grande perturbadora dos artistas e poetas brasileiros e que, elle o sentia, devia ser vencida... E' um traço de malicia hellenica. E por elle e por muitos outros Machado de Assis fica sendo o escriptor solitario da lingua portugueza. As raizes do seu espirito são seculares. Pela harmonia dos seus gestos, pela graça da sua expressão, pela agudeza e claridade da sua razão de geometra, não tem companheiro em qualquer tempo na litteratura da lingua portugueza. E quem tem a sua liberdade de espirito? Machado de Assis é o nosso escriptor livre. A sua phantasia é imprevisita, elle escreve vendo, gosando o espectaculo. Os seus grandes livros foram escriptos quando tinha os olhos inteiramente abertos, e por isso a sua pintura da vida é uma zombaria. E' escriptor, actor, espectador e leitor dos seus proprios livros e nunca responsavel pelo que nelles

possa acontecer. E' um auctor sem compromissos. Entrega os factos sobre que escreve ao inconsciente da sua invenção, e assim procede como a natureza, descuidado, surpreendente, fatal. Nesse escriptor livre, senhor de si, e tão livre que não teme imitar outros escriptores, ha dous embaraços á plena e indomavel liberdade: o pessimismo e a volupia. A cultura da melancolia, o preconceito do scepticismo, a obrigação do commentario pessimista limitam-lhe a maravilhosa liberdade do espirito. E além dessa restricção, tem ainda para o fazer hesitar um vago respeito conservador, que transparece excepcionalmente, mas que não se liberta de todo. Por que razão Braz Cubas se enternece, perde a sua serenidade desdenhosa, se torna compassivo, vendo a mãe morrer? Sterne não sacrificaria á piedade. Machado de Assis sacrificou, porque é meigo fundamentalmente. Como elle trata as mulheres, como as faz desejadas! E o escriptor é atraído pelo poeta voluptuoso. O sexo domina-o, alquebranta-o, como uma pertinaz e deliciosa obsessão. Mas, ainda assim, esse voluptuoso, esse pessimista, mantem nas suas obras a ordem dos gestos e se torna incomparavel pela tendencia da sua arte á universalidade, pelos prodigios da invenção, pela mobilidade da expressão, pela subtileza e

limpidez do pensamento e da phrase, pelo desdem que o isola e engrandece. Nelle a intelligencia foi differente, e por isso tal escriptor foi o maior accidente brasileiro !

Não é uma arte victoriosa a dessa litteratura de disfarce, que dissimula e ignora o grande elemento cosmico em que vive o espirito brasileiro. A esperteza de Machado de Assis, illudindo a existencia da natureza tropical que o esmaga, e libertando-se da sua oppressão pela ironia, não resolve o primordial problema da intelligencia brasileira, que é o de vencer o terror do mundo physico e incorporar a si a natureza. A cultura libertará o nosso espirito. E' a grande transformadora da vida. Por ella tudo é comprehendido, dominado e tudo se torna accessivel ao espirito, até então vago e assombrado. No começo foi o terror, no fim será a libertação. Pela disciplina da cultura esthetica se realizará a união indissoluel do homem brasileiro e da natureza tropical, a hypostase mystica do espirito e da materia no Universo, que formará a alma e o corpo de um só deus, total e infinito.

CULTURA E CIVILIZAÇÃO

A MELHOR CIVILISAÇÃO

O que distingue o homem do animal é sobretudo a faculdade de idear, de crear as relações entre o seu proprio eu e a materia universal. A cultura, que é a subjugação da permanente animalidade no homem, é tanto mais elevada quanto os homens são capazes de comprehender a unidade infinita do Todo. E como esse sentimento só lhes pôde vir pela philosophia, pela arte ou pela religião, uma civilização em que as faculdades intellectuaes predominem, será superior áquella em que as actividades mais animaes fôrem preponderantes. Uma civilização em que se fórme uma elite de philosophos, de artistas e de religiosos, será superior a outra em que as preocupações dos individuos fôrem de ordem material, composta de negociantes, de industriaes, de agricultores e mesmo de guerreiros. Povos carniceiros, povos guerreiros como os Romanos ou os Allemães, povos traficantes

como os Carthaginezes ou os Inglezes, não valem esses povos mysticos e artistas, Hindús, Gregos ou Francezes, cuja homogeneidade de cultura se exprime na perfeita harmonia das manifestações do espirito que crea um pensamento, uma arte e uma religião, signos de uma civilização transcendental.

A libertação da animalidade collectiva, que é o facto essencial da civilização, é a epopéa do espirito humano. A civilização é uma violencia do homem á natureza. Os deuses primitivos, que guardavam os segredos da vida, velavam pelas fontes da eternidade. Não eram civilisadores e mantinham o homem na total ignorancia dos mysterios. Num povo adeantado e vivaz como o grego, o mytho de Prometheu traduz esse ciume que os deuses tinham do espirito humano, ávido de conhecer e progredir. Prometheu, traidor dos segredos divinos, é punido por querer civilisar os humanos, iniciando-os nos mysterios da natureza, de que o prodigio do fogo é um symbolo. Mais tarde, pela evolução dos proprios deuses, estes permittem a libertação de Prometheu, e o pacto se faz entre deuses e homens pela instituição do culto. E' a marcha da civilização, que se notará em todos os povos e que as religiões primitivas assignalam nas suas lendas. Assim entre os

Judeus, entre os Hindús e entre os Escandinavos.

Ao mesmo tempo que a humanidade se espiritualisa, por uma evolução paralela do divino, os deuses se humanisam. Em todas as religiões os deuses primitivos são crueis e, se chegam a ter o sentimento da justiça, esta é inflexivel e implacavel. Pouco a pouco os deuses se tornam clementes, a justiça recebe aquella porção de piedade e doçura que a abranda. Jehovah se transforma em Christo, Brahma em Buddha. Ainda hoje, entre os selvagens, os deuses do mal sobrepujam os deuses do bem e a divindade é o terror dos homens. O primeiro milagre da civilisação foi suscitar uma religião de sympathy humana, verdadeira liga espiritual, que estabelece a sociabilidade sobre as bases do sentimento do divino, que aspira a ser uma regra de concordia universal.

O outro milagre foi o sentimento colectivo da arte. Certamente que, por uma fatalidade do nosso espirito, somos levados ao sentimento do infinito pelas emoções vagas, que nos vêm das fórmãs, das côres e dos sons. E a unidade do Universo se réalisa assim no nosso espirito pela Arte. Mas foi uma magnifica victoria dessa civilisação tornar colectivo esse sentimento inherente ao homem, dar espiritua-

lidade ás sociedades humanas que, pelas suas manifestações de arte, e no culto desta, realisa uma homogeneidade sentimental. Do sentimento colectivo se origina uma idéa de belleza peculiar a cada povo e em que se synthetisa a sensibilidade de cada civilisação. Não ha duvida que o conceito da belleza é relativo e muito contingente; a sua crystallisação na alma multippla das sociedades humanas fórma esse ideal, que é a suprema aspiração da existencia e a força inspiradora da cultura. Póde-se dizer que, se a sociedade tem um fim, esse seria a constituição de uma elite, em que se realisasse um ideal de belleza. Essa belleza se exprimiria na obra de arte, templos, estatuas, quadros, poemas ou tambem na flôr humana. Belleza puramente plastica, belleza da fórma e da linha, ou belleza espiritual da expressão e do genio, é o labor incessante da cultura na materia universal, e o supremo artista é o Tempo, subtil e infatigavel. Um povo se deve orgulhar tanto da sua mais bella mulher, do seu mais perfeito homem, como do seu maior poeta ou seu mais sublime santo. Em todas essas expressões, ha o supremo resultado do esforço da raça e da civilisação. Póde-se dizer que o organismo social se desenvolve parallelamente na sua fórma externa e na sua estructura intima, e que

o esforço das energias accumuladas da civilização é aspirar á criação das expressões superiores, o ideal, o guia, que attraem e engrandecem as multidões moraes. Pela sua magnifica força de suggestão, a vida collectiva seria a maravilhosa epopéa da aspiração transcendente, a divina tentação do segredo do infinito.

Uma civilização em que se determinasse a formação de taes elites, seria evidentemente superior a outra civilização em que a actividade humana se desenvolvesse na progressão da força material, aniquilando as forças espirituaes. Pelo facto de uma tendencia mais accentuada de uma ou outra corrente, já se quiz dividir a civilização em civilizações de quantidade e civilizações de qualidade, attribuindo-se a crise, o apparente cataclysmo da civilização actual ao predominio da quantidade sobre a qualidade.

Esse conceito paradoxal da historia inspira-se directamente no espectáculo da civilização moderna, em que a industria de alguns povos se distingue, pela qualidade, da quantidade produzida em outros. Desse facto industrial não se póde tirar a caracteristica de toda a civilização e menos ainda concluir que as civilizações antigas eram civilizações de qualidade e realisavam um ideal de belleza perdido na civilização

moderna, em que o numero, a quantidade, a loucura do illimitado vieram abolir o sentimento da perfeição. O erro fundamental desse conceito está em attribuir uma vontade, um finalismo á sociedade humana. O conceito finalistico da historia é um contrasenso, como o conceito finalistico da natureza.

A teleologia, a finalidade na historia, supõe um plano preconcebido ou pelo menos uma vontade directora, uma providencia, o que é inutil refutar. E' preciso não se dar uma excessiva attenção á parte do consciente na evolução humana. A philosophia da historia commetteria um erro, se concluísse que a civilização se enganou. A civilização, que exprime a aspiração collectiva da humanidade, não se engana. Tem de obedecer á fatalidade das forças que a conduzem, que a inspiram, e os seus fins são os determinados pela sua propria natureza. Não se póde dizer que houve retrocesso na civilização, tornando-se esta mais quantitativa do que qualitativa, se isto fosse exacto. Realmente a civilização moderna não poderia reproduzir a formula da civilização antiga. Pela evolução historica, pela confluencia de todos os povos em nossa epocha, não somos gregos nem romanos. Somos do nosso tempo.

E' possível voltar-se ao ideal antigo, ao ideal perdido ? Todo o senso esthetico, moral e politico de uma epocha não é aquelle que se deseja. E' o que nos vem do sangue dos povos que confluem em nós e de toda a lucta que caracterisou a marcha do espirito humano no grande espaço percorrido. Se alguns povos se distinguem de outros por um ideal differente e mesmo por uma doutrina collectiva, esse ideal e essa doutrina são as expressões mais compatíveis com o inconsciente desses povos. A doutrina da força se desenvolveu melhor e mais imperiosa na Allemanha, porque correspondia ao inconsciente allemão, como um ideal pacifico coreponde melhor ao sentimento americano, ao espirito de um povo de commerciantes, industriaes e juristas. No emtanto, a Allemanha e os Estados-Unidos são, segundo aquelle paradoxo da critica historica, civilizações de quantidade. Nada mais differente que o sentimento de cada uma dessas nações, e essa opposição as levou á guerra.

Póde-se affirmar que a civilização não se divide em dois principios antagonicos e a civilização antiga não foi sómente uma civilização de perfeição ou da busca da perfeição pelo principio da qualidade, e que a civilização moderna, rejeitando a qualidade, é uma

civilização de poder, de força, baseada na quantidade. Esses dois principios não são separadamente o apanagio da idade antiga ou da idade moderna : sempre coexistiram em todos os tempos. Os Assyrios, e os Egypcios de Sesostris, na antiguidade, tinham o ideal do poder. Os Gregos não o tiveram por circumstancias de meio geographico e condições historicas, que os limitaram. Roma fez do poder a função principal da sua organização. Toda a quantidade tende á qualidade, e na propria força do dominio busca-se um ideal de perfeição. O mysticismo do poder é a consequencia do espirito de dominação. Não foi a quantidade, isto é, o desenvolvimento industrial excessivo, que determinou o imperialismo da Allemanha. Ao contrario, foi o espirito mystico de dominação que inspirou a concentração de todas as forças industriaes para um ideal politico de dominio.

As idéas de qualidade e de quantidade exprimem uma critica classica, fóra da realidade presente. Aquelles que lamentam os suppositos velhos tempos da qualidade, como principio exclusivo da industria, são reaccionarios e romanticos. Os factos marcam a evolução. Pela lei historica da industria esta tende á concentração, portanto á quantidade. Não ha meio

de voltar-se a uma concepção social que fez a sua epocha. Os paizes da qualidade seriam absorvidos pelos da quantidade, que teriam a supremacia economica e tornariam os outros seus dependentes. E' preciso conceber a quantidade conjunctamente com a qualidade. Produzir intensamente e bem, tal é a lição da historia e a fatalidade da coexistencia social. A arte é uma expressão de qualidade; a industria, porém, que é uma applicação da arte e da sciencia para o fim utilitario immediato, deve conciliar a qualidade com a quantidade, segundo as necessidades da população superabundante e da necessidade do conforto que domina os espiritos libertados da escravidão da Edade Média. E' o sentimento da egualdade na sociedade inspirando o progresso industrial e economico. A civilização não é um simples facto economico; ella é a victoria total da cultura do espirito na materia universal, o surto da espiritalidade humana além da animalidade imperecivel. Essa victoria se realisa fatalmente na evolução do espirito humano pela quantidade ou pela qualidade da producção collectiva, por ambas ao mesmo tempo.

Tendo tornado clemente a divindade e instituido o culto religioso que liga os homens, tendo suscitado um ideal collectivo de belleza e a su-

promacia da elite, que é uma força suggestiva, a outra grande conquista da civilização foi a organização politica da sociedade sobre a base do direito e a subordinação do governo ao principio da justiça.

A imagem que nos suggere a marcha da civilização, da tribu á nação, da classe ao individuo, é a de uma immensa parabolá descripta pela historia dos povos. No principio foi a auctoridade absoluta, a concentração do governo numa classe dominadora ou na pessoa de um chefe rudimentar, quasi divino, armado de um poder discrecionario. Pouco a pouco, a parabolá se desenvolve do maximo governo ao menor governo, o que levaria a se suppôr a hypothese mathematica de uma coexistencia social sem auctoridade, se a figura geometrica não soffresse as opposições contingentes que embaraçam o seu livre e absoluto traçado. Todavia, no inicio das sociedades politicas, a força social não residia nos individuos como entidades syntheticas. Antes delles se affirmavam as corporações, em que as individualidades ainda não despontavam. Ainda se encontram vestigios dessa organização na historia dos povos de uma cultura superior, como os Gregos. As corporações de poetas existiam unificadas antes de Homero; os asclepiades eram corporações de

medicos, curandeiros, adivinhos, antes de Hippocrates. Os individuos se destacaram pouco a pouco dessas nebulosas geradoras das personalidades.

A mais remota fonte do direito é a força; a civilização transformou essa força em direito e lei, e a justiça foi applicada pelos arbitros e pelos tribunaes. Uma evolução parallela desses institutos juridicos ocorre tanto no direito privado como no direito publico e internacional. O Parlamento é a figura do poder arbitral pela sua origem e pela sua funcção. O Estado já está sujeito ao regimen commum dos tribunaes, como os individuos. No direito internacional, procura-se restringir os excessos da força pelo arbitramento e pelos tribunaes de justiça.

Neste instante da civilização, o poder mystico do Estado é uma anomalia. O Estado-Deus, (exaggeração do principio individualista do direito germanico e fructo da concepção unitaria do mundo, que se synthetisa nas mónadas, geradoras do Universo e da sociedade) consolidou o poder autocratico incompativel com a idéa de liberdade e o espirito de justiça da civilização moderna, e levou a Allemanha ao desastre. A lei historica exige que a civilização proceda como a natureza, do homogeneo ao heterogeneo, do maximo Estado ao menor Estado.

A idéa de justiça é relativa, mas na sua essencia significa a limitação do poder absoluto, o impedimento da absorpção do individuo no Estado e do dominio exclusivo de uma classe sobre outra, de um homem sobre os seus semelhantes. Nella repousa a sociabilidade humana. Quando se rompe o equilibrio que esse sentimento crea, é fatal a ruina do povo movido pela injustiça.

A NAÇÃO

Durante a batalha o espirito interrogava :

— « Para onde esta incommensuravel guerra levará o mundo ? Que mysterio estará reservado a esta fragil terra, açoitada pelo vendaval da metralha ? Que nova ordem social resultará deste amalgama de sangue, de lama, de crimes, de sonhos e de esperanças ? Que floração enfeitará de novo a terra estripada, devastada e morta ? »

Findo o combate, a alma anciada interroga ainda e o enigma persiste inquietador. Estamos em plena decomposição de um mundo, absorvido no cataclysmo, e no instante indeciso da nebulosa geradora de outro mundo. O espirito dos homens está perplexo e presagia que toda a construcção dos dirigentes dos povos é vaga e instavel, que ha um artificio inspirado nas formulas do passado, que não se adapta á terrivel realidade do presente. Nesse nevoeiro, em que se esbate em contornos tão imprecisos

o mundo ainda longinquo, vê-se que o homem se apossa do Universo. Para esse homem novo o mundo é a sua propriedade. Elle libertou-se do terror inicial e domina a materia infinita. Não se curva a nenhuma auctoridade e os dons da terra lhe pertencem.

Desencadeiado, ébrio de desejos, leva pelos vastos espaços livres o facho que queima, devasta e illumina. E que mais vês na treva insondavel, ó alma inquieta ? « Vejo na densa bruma os sonhos que se juntam depois de longa separação, vejo as esperanças que se reúnem depois de tão duramente afastadas, os espiritos que se entendem nas secretas imagens da mesma lingua, a idealidade collectiva que brilha, vinda do mesmo sangue e do passado immortal. »

O homem e a nação, a affirmação do individualismo transcendente e o renascimento do espirito da nacionalidade são as duas forças que recompõem o mundo nesta curva da historia. Vão elles contradizer-se ? Oppor-se-á o individualismo ao nacionalismo ? Não persistirão, não se renovarão as nações ? Quebrar-se-á tudo o que era o molde do espirito humano ? Será o homem sem patria, o homem universal, a expressão victoriosa da evolução ?

Por mais estranho que pareça e por mais ousado que seja qualquer affirmação nesta

hora turva, os dois princípios não são antagonicos e uma solução espontanea se está desenhando na incorporação definitiva do individuo á nação. A idéa de patria está na raiz do espirito humano. E a tenacidade maravilhosa com que na guerra todos os homens acabam de defendel-a, é uma affirmação da sua presença permanente na idealidade humana e do seu glorioso rejuvenescimento. A nação é o quadro inquebrantavel do individuo. O *eu* individual se completa no *eu* nacional. No encadeiamento dos seres do mesmo passado collectivo, que continúa a marcha no tempo sem fim, é que está o doce mysterio da vida humana. A Nação é o meu proprio *eu* no que elle tem de eterno, de profundo, de remoto e de forte, porque ella resume e exprime os sentimentos de almas como a minha, que formam um todo immortal.

E as luctas em que o individuo se empenha neste momento da posse do mundo, fóra das affirmações superiores da nacionalidade, são de ordem secundaria. As questões economicas mais ameaçadoras não se resolverão fóra do conceito da patria retemperada no fogo e na morte. Assim como a victoria do terceiro estado na Revolução Franceza não entrou o principio da nacionalidade, assim o advento do quarto estado não quebrará as espheras

nacionaes e dentro d'ellas se realisarão as transformações da sociedade. Nessa accommodação das idéas absolutas á realidade ineluctavel está a formula do pragmatismo politico indispensavel á vida humana, de cuja infinita complexidade a ordem é o precipitado essencial.

A guerra é a dôr. Ella despertou em nós a consciencia do espirito nacional. A participação de Portugal e do Brasil na guerra revelou a essas patrias a identidade da alma da raça que, apesar de tantas uniões disparatadas, persistiu a mesma, tenaz e immorredoura, através da fuga irreprimivel do tempo. A guerra foi mais um traço de união da nacionalidade lusitana dos dois mundos. Pela força do instincto da raça o povo brasileiro e o portuguez se sentiram em communhão de destino na defesa contra o germanismo, que os quiz eliminar das suas patrias !

A guerra foi tambem a pedra de toque da vitalidade portugueza. Se o organismo ameaçado de morte não tivesse reagido, seria o fim de Portugal. A repulsa instinctiva opposta pela raça portugueza é um admiravel testemunho de que Portugal não renunciou á sua immortal missão no desenrolar da historia da humanidade. Elle não fez a grande abdicção, *il gran rifiuto*, a que se condemnou a Hespanha.

A intervenção de Portugal foi um acto logico de tradicionalismo nacional. Assim como ha para os seres da escala zoologica uma lei de constancia vital, deve haver a mesma lei de vida para as nações. A lei de constancia portugueza se define no espirito de progressão da raça.

Todos os organismos tendem a manter as cellulas que os compõem, n'um meio chimicamente identico ao seu meio original. A historia da formação da nação portugueza attesta-lhe a lei de constancia. Logo que a nação se constituiu ahi « onde a terra acaba e o mar começa », o destino de Portugal ficou traçado. E' um destino de expansão inspirado pelo espirito de progressão nacional. Formou-se uma alliança entre Portugal e o mar, e nessa fusão se encontra o meio vital da nação portugueza. Na fidelidade a esse meio de origem cellular está o segredo da vida do organismo portuguez. Pelo mar, Portugal se estendeu, e antes de partir de Sagres e dobrar o Cabo da Boa Esperança já havia attingido á Africa e á Asia. Portugal se torna uma nação universal e ao Brasil transfunde aquelle inicial espirito de progressão. Em um e outro hemispherio a lei de constancia da raça portugueza é a mesma. A fatalidade da força vital a impelle á expansão nacional, ao desenvolvimen-

to da patria pela face da terra. Portugal não pôde como a França limitar o seu territorio europeu. A sua alliança primitiva com o oceano fixou-lhe o destino. Se elle não conservar o ambiente desse meio vital, se o quizerem reduzir a viver sem expansão, Portugal definhará, e essa é a principal explicação das crises de desfallecimento no curso da historia.

Quando Portugal cessa de desenvolver a sua nacionalidade, a raça portugueza continúa no Brasil a sua prodigiosa tarefa de descobrir e conquistar terras, de povoar desertos e incorporar novas regiões, mantendo assim o impulso originario pela força da lei de constancia vital. Essa ancia de crescimento não terminou, e ella é a melhor expressão da vida collectiva brasileira. O mesmo character de raça anima os dois povos, a mesma lei de vida funde espiritualmente os dois paizes. A união politica de Portugal e do Brasil, consequencia da unidade moral das duas nações, seria a grande expressão internacional da raça portugueza.

Para se justificar essa magnifica aspiração de duas nações da mesma alma e da mesma lingua, bastaria o sentimento da defesa do patrimonio portuguez ameaçado ainda ha pouco pela cubiça da Allemanha.

E' uma questão essencial para o Brasil.

No seculo xvii os Brasileiros, já conscientes do destino universal de Portugal, vieram, comandados por Salvador Correia de Sá, expulsar os Hollandezes de Angola. A historia se repetiria : os Brasileiros teriam vindo novamente defender as colonias portuguezas, se Portugal, n'um esplendido esforço, não tivesse repellido por suas proprias mãos a invasão allemã. Trata-se de manter o nosso prestigio commum no Atlantico. E, além dessa consideração, que é dominante na ordem politica, deve-se considerar o grande bem que seria para a immortalidade do pensamento brasileiro a sua incorporação no mundo portuguez. Haveria a universalidade para o espirito brasileiro e maior aspiração humana para os destinos do Brasil. Unido a Portugal, o Brasil se tornaria uma nação europeá, realisando a fusão do Oriente e do Occidente sob um só espirito nacional, que seria portuguez, como para outras regiões é inglez ou francez. Para Portugal um grande beneficio politico resultaria da sua união com o Brasil, nação americana, onde a cultura portugueza obteve un rythmo mais accelerado e vivaz. Por toda a parte, no vasto e velho dominio portuguez, sopraria o espirito de mocidade vindo do Brasil, e uma nova vida recomeçaria, mais ardente, mais poderosa e mais bella.

E como essa unidade de dois paizes viria immediatamente terminar com as barreiras fiscaes nos portos portuguezes para a exportação brásileira, Lisboa se tornaria a grande cidade européa, base do commercio brasileiro, e logo uma grande transformação se realisaria na poetica metropole portugueza, chamada a um deslumbrante futuro internacional, e para todo Portugal seria a magia da prosperidade.

As razões economicas que determinam a união de Portugal e do Brasil, foram percebidas pelos Allemães, quando ambicionavam se apossar do sul do Brasil e das colonias portuguezas da Africa. A Allemanha queria canalisar para Hamburgo os productos do Brasil e de Angola. Se o Brasil e Portugal se unirem, em vez de uma concorrência entre ás duas regiões productoras dos mesmos generos e das mesmas materias primas, se daria fructuosa e fraternal collaboração.

E o momento é opportuno para realisarmos esse admiravel plano politico, porque desta guerra nasceu uma decisiva corrente idealista, que influirá para chamar a sympathia do mundo para o ideal luso-brasileiro. Uma grande força de attracção funde as nacionalidades da mesma lingua e do mesmo pensamento, e desse esplendido movimento de cohesão nacional

surge a Polónia renascida, a grande Rumania, a federação yugo-slava e a Bohemia revelada pelos Tcheco-Slovacos. A federação luso-brasileira mais simples, mais facil, não se fará pela guerra nem pela morte, mas pela intelligencia e pela vontade de cincoenta milhões de homens, inspirados por um mesmo pensamento nacional, que quer ser eterno.

Sendo portuguez, o Brasil não deixará de ser uma nação americana. A originalidade do Brasil é ser o continuador de Portugal, o herdeiro de espiritualidade latina no mundo americano. O privilegio do Brasil é o de fundir duas forças : a que vem do passado no sangue portuguez e a que recebe do ardente meio physico em que se desenvolve essa transplantação da alma latina. Essas duas forças não se excluem, e emquanto a sua fusão se realisa suavemente e a impulsão americana move sem violencia as idéas e a sensibilidade portugueza, uma vida ardente inflamma o immenso paiz. A terra brasileira eleva-se n'uma ascenção espiritual. Sente-se em cada pensamento a inspiração de um grande destino. A energia crea a miragem, que por sua vez se torna o animador da vontade. O Brasileiro vive o poema da aspiração. A sua alma illumina-se á idéa de que a patria deve ser forte e majestosa, como a natureza onde elle se

fixou. Na equivalencia do mundo moral e do mundo physico, no esforço de adaptar a nação á natureza e de a edificar nas mesmas vastas dimensões desta, acha-se a cellula primordial de toda a idealidade brasileira, herdeira de Portugal. Concentram-se as energias nesse plano de uma grande nação. Para o realisar, todas as forças espirituaes se applicam na dominação do mundo material. Conquista-se de novo a terra. Uma força indomavel leva as gentes da beira do mar aos sertões do interior. Nas florestas do Matto-Grosso, nas chapadas de Goyaz, nos rios do Amazonas, repete-se o cyclo dos descobrimentos.

E' a volta dos bandeirantes. Uma alegria physica transforma a antiga melancolia originada do deslumbramento e do perfido quebranto dos tropicos. O entusiasmo harmonisa o homem com a natureza. Uma mesma energia anima a força consciente e a inconsciente. Os homens são emfim os filhos da terra, desta terra ideal, que se lhe mostra, na sua predestinação, immortal. Os constructores da patria a cream á imagem da natureza. Deste sentimento de unidade indissolvel do homem e da terra surge a reacção contra os povos perturbadores, que tentam separar as almas e alterar a combinação secular da espiritualidade bra-

sileira. Libertando-se dessa impureza, o Brasil se afirma como o continuador do genio portuguez no mundo americano, e dá á alma antiga mais enthusiasmo, mais vigor, á America mais claridade na sua intelligencia com o Universo.

NACIONALISMO E COMMUNISMO

Talvez na historia da humanidade momento algum fosse mais critico do que esse do inverosimil mez de Novembro de 1918. O imperio allemão, que era a simulação da ordem e o baluarte da dictadura militar, se desmoronára; a velha monarchia austriaca, remontando ás origens divinas o prestigio do seu reino na terra, se dissolvera; a decomposição da absurda Russia asiatica se consummára; a democracia, na lucta definitiva entre a America e a Europa Central, vencêra o imperialismo; o genio latino renascêra vivaz e altaneiro; o imperio britannico, poderoso e innumeravel, se affirmára nos mares sem fim e nos continentes disparatados. Jamais a historia assignalára acontecimentos tão consideraveis, enfeixados em tão resumido espaço e realizados em tão breve tempo. Assim fechou-se o cyclo de toda a éra moderna, que se iniciára com a apparição perturbadora da America em face do velho mundo.

No primeiro instante esses descabros e essas auroras trouxeram aos homens do occidente libertado uma dilatação de esperança. Pouco a pouco a complexidade dos problemas politicos e sociaes começou a entrar a anhelada paz do mundo, e o desequilibrio em que ficou a civilisação, não tardou a mostrar o immenso vacuo que o absolutismo, desapparecendo, abriu deante dos nossos olhos attonitos. Ha longos seculos o mundo se havia habituado a essa formula politica, que pela sua resistencia excitava o ardor e aguçava a sensibilidade dos temperamentos liberaes. Logo que a opposição desappareceu e nos vimos excessivamente victoriosos, tudo nos pareceu obscuro e extremamente inquietador. Que significa a revolução da Russia ? Para onde vae a Allemanha ? Como organizar as nacionalidades que se desmembram da Austria ? Que destino terá o intromettido imperio turco ? E deante dessas interrogações, que se multiplicarão infinitamente, o espirito humano fica perplexo e uma vaga de pessimismo assoberba o mundo.

A these dos historiadores pessimistas é simples demais para ser a synthese de tão grave e complexa transformação da sociedade. Assignala o afundamento do velho mundo sem a creação de um mundo novo. E' a catastrophe

total da civilisação. Para chegar a essa conclusão apressada, a observação pessimista se prende principalmente á crise da Russia, que será o symptoma revelador da catastrophe ou da evolução da civilisação neste chaos em que nos debatemos para a morte ou para a vida. Interroga-se : não é exacto que a revolução russa, depois de pretender realisar rapidamente o programma da revolução franceza de 48 e oe aspirar ao mais generoso humanitarismo politico, veiu acabar n'uma tremenda dictadura militar, sob a apparencia de uma improvisada applicação de communismo impraticavel ? E quanto á revolução na Allemanha, tudo ahi se confunde extranhamente, militarismo e socialismo, aristocracia e democracia, e tal é a força de mystificação da Allemanha nestes ultimos cincoenta annos da sua historia que o mundo ainda não se resignou a acreditar na profundeza e na vastidão da sua revolução. O tumulto ganha as nações vencedoras e se torna universal. Uma furia de guerra ainda agita os espiritos, as coleras nacionaes se misturam e se oppõem aos odios de classes ; por longos annos a paz definitiva parece impossivel. O spectaculo das nações é o de uma immensa catastrophe da civilisação, crise de que assistimos apenas ao começo. E a imaginação evoca a agonia do

mundo nos seculos que seguiram á queda do imperio romano...

O paralelo historico, que procura uma semelhança entre a transformação do mundo moderno e a dissolução do imperio romano, não tem fundamento na realidade dos factos. O imperio romano foi submerso na invasão dos barbaros, ao passo que a civilização occidental nos nossos dias, herdeira e reconstrutora da civilização greco-latina, repelliu a ameaça dos novos barbaros, herdeiros dos demolidores da civilização latina. Os novos barbaros tentaram impôr ao mundo moderno a formula da monarchia militar-feudal, que os barbaros da antiguidade haviam implantado na Europa. A democracia dos nossos seculos veio desferrar victoriosamente a formula das velhas democracias gregas. Se a Allemanha tivesse sahido vendecora deste formidavel conflicto, então se repetiria em grande parte a catastrophe por que passou o mundo antigo.

Não ha duvida, porém, de que essa differença essencial entre as duas crises não elimina as apparencias que apresentam as duas epochas de maior revolução sentimental da humanidade, que foram, na antiguidade, os seculos da decadencia de Roma, e na historia contemporanea o periodo que se conta da Revolução

Franceza até hoje. Antes da investida formidável dos barbaros contra Roma, « a immensa paz do imperio romano » não era sómente a augusta ordenação politica: era tambem uma perfeita harmonia moral. Por esse tempo o espirito do christianismo soprou em todos os angulos da terra, e a solida argamassa da construcção romana começou a se diluir, e uma nova sensibilidade creou um mundo novo. Assim nos tempos modernos a monarchia do direito divino presidia majesticamente á Europa, quando o espirito da egualdade e da liberdade veiu demolir a realeza feudal. A revolução não se limitou á ordem politica, alastrou-se por toda a esphera da intelligencia humana, pois coincidiu com o facto mais consideravel da evolução nestes ultimos seculos, a constituição da sciencia biologica, que dissolveu a fé nas origens sobrenaturaes da vida e destruiu a superstição scientifica da hierarchia na natureza fundada no principio religioso. O conflicto entre o paganismo e o christianismo no seculo iv e a lucta entre a sciencia e a religião no seculo xix são casos curiosos de parallelismo na historia.

Nessas duas epochas a grande preocupação espiritual é a indagação das origens da vida e a explicação dos mysterios da natureza, Quando

as religiões desfallecem, o espirito libertado se vivifica na illimitada descoberta do mundo. O christianismo, substituindo o paganismo, determinou a crise religiosa, que proporcionou a emancipação intellectual dos espiritos da antiguidade. Neste magnifico instante, que é o da passagem de um estado religioso a outro, assignala-se a importancia do seculo iv, e o seu estudo é o mais fecundo da historia antiga, e seguramente um dos maiores gosos intellectuaes dos nossos tempos, ávidos de confrontos e parallelos. Uma esplendida germinação espiritual o identifica com o seculo xix. Em ambas as epochas o mysticismo mais transcendental se emparelha com o realismo mais restrictamente scientifico. A explicação mathematica do cosmos, sobre a qual repousava a philosophia antiga, se amplia pela contribuição das sciencias naturaes. No seculo iv apparecem os laboratorios, onde o empirismo começa a ser subordinado ao methodo da investigação positiva. O surto intellectual é tão vivo e intenso que, por uma conclusão retrospectiva, se póde affirmar que se a evolução mental da humanidade tivesse seguido a sua trajectoria normalmente, o que só foi afinal realisado no seculo xix, o teria sido no seculo iv, se a civilisação não houvesse sido

perturbada nos seus fundamentos pela invasão da massa barbara ignara, seguramente o maior cataclysmo da historia.

Ao mesmo tempo que a evolução scientifica se accentuava, as divagações mysticas eram mais ardentes. Foi o tempo aureo do occultismo oriental, o momento das heresias excessivas e de uma geral sobre-excitação religiosa. Não é singular que tambem no seculo XIX, parallelamente ao desenvolvimento das sciencias natu-raes e philosophicas, positivas ou pantheistas, mil seitas religiosas borbulhassem e uma ancia de mysterio suscitasse o apparecimento dessa myriade de adivinhos, de alchimistas, de astrologos, de confabuladores de espiritos e de uma philosophia de negação scientifica ?

Um identico sentimento inspira e move a sociedade humana nessas duas crises do pensamento. O que fez o christianismo no seculo IV, fez a Revolução Franceza no seculo XIX, revolta contra a ordem classica, reacção contra o passado, affirmação de uma nova sociabilidade. Os espiritos ainda identificados com o passado emigraram, não das suas patrias, mas do tempo presente, e uma litteratura de reaccionarios luctou por suffocar a nascente litteratura de revoltados. A exaltação moral foi excessiva em ambos esses momentos da historia,

e um desgosto da sociedade e uma ancia de volta á natureza se apodera dos homens, inspira o ascetismo religioso dos primitivos christãos, e as thebaidas têm a sua imagem moderna nos phalansterios, nas colonias anarchistas dos nossos tempos. O disequilibrio social foi completo : instituições, sentimentos, idéas se chocaram n'uma grande desharmonia. A reacção do passado não podia deixar de se manifestar nessas crises, que foram a gestação de um mundo novo. No seculo iv a reacção teve como seu maximo representante esse enigmatico, singular e maravilhoso personagem, que foi o imperador Juliano. No seculo xix a reacção se manifestou a principio na Santa Alliança, para mais tarde se personificar no extravagante imperador Guilherme.

Juliano é um dos typos mais seductores da historia. Tudo nelle interessa, mesmo a sua monstruosa hypocrisia. Pelo seu genio de sophista, pelo seu temperamente religioso, pela sua capacidade militar, esse grande e falso espirito morre aos 34 annos a morte admiravel de um philosopho desabusado. A sua reacção contra o christianismo mostra a incompreensão do seu espirito retrogrado. Restabelecer o antigo imperio romano, e com este o paganismo, era uma tentativa romantica, destinada ao

mais completo mallogro. Pela interpretação retrospectiva do seu character reconhece-se na sua mysteriosa personalidade que elle não pertencia mais ao paganismo, de que se fazia o fanatico restaurador. O Oriente havia deformado o seu espirito, o christianismo victorioso havia-lhe soprado na alma as suas virtudes asceticas. Assim, o imperador pagão restaura o culto dos deuses e extranhamente funda severos mosteiros philosophicos em honra de Aphrodite. E a sua moral é a moral equalitaria dos christãos, que fizeram da caridade a clava com que modificaram a sensibilidade antiga e revolucionaram o mundo. Em pleno triumpho ascencional do christianismo, a volta ao passádo, segundo a formula de Juliano, era um contra-senso, e por isso eivado como elle estava, e como todos, dos novos sentimentos, o paganismo de Juliano era o christianismo polytheista, como mais tarde o catholicismo foi o paganismo monotheista.

O imperador Guilherme não é uma figura do mesmo plano intellectual de Juliano. A sua tentativa reaccionaria, porém, accentúa o parallelismo das suas epochas historicas. Como Juliano, elle tambem foi necessariamente incoherente. Ha nos seus actos uma mistura do espirito antigo e do espirito moderno; representava a

aspiração industrial e commercial da Hanse e encarnava o principio divino monarchico-feudal. Essa reacção não podia vingar contra a corrente profunda dos sentimentos da nossa epocha. Póde haver perturbações mais ou menos graves, verdadeiros cataclysmos sociaes; mas, ao lado da destruição, ha sempre a reconstrucção. O paganismo desapareceu para dar logar ao christianismo, fundando a moral, que facilitou o progresso scientifico e a paz espiritual. Hoje o absolutismo feudal é eliminado pelo surto da democracia. Eis a funcção creadora da grande guerra.

Por mais critica que ella seja, não se compara a nossa epocha com o longo e tenebroso periodo que succedeu ao imperio romano. Este foi avassallado pelos barbaros; o mundo moderno repelliu a barbaria, salvando o patrimonio da civilisação. Além dessa inversão das situações, que é capital, é preciso considerar que o desastre da humanidade no seculo iv foi ter sido o progresso espiritual interrompido pela dominação de barbaros totalmente incultos. Foi a ignorancia dos vencedores do imperio romano que espalhou a confusão e fez a civilisação greco-latina desnaturar-se na paradoxal edade média. Ora, esse perigo nos será poupado. A cultura se generalisou por tal fórma que os

barbaros, que ameaçam dominar o mundo, são instruidos, e se o governo das nações passasse á dictadura proletaria, como já succedeu na Russia, o progresso scientifico e industrial não seria interrompido. Uma epocha de obscurantismo será impossivel mesmo nas convulsões politicas mais extensas e profundas. Pódem certas elites ser substituidas por classes menos cultas, póde haver uma grave deslocação de valores economicos, uma radical transformação da propriedade e como consequencia uma revolução politica; mas a sciencia, a arte, a industria, emfim o progresso total do espirito humano não será destruido, e isso é o essencial. Todo o patrimonio da intelligencia, tão laboriosamente constituido e accumulado desde a idade média, será respeitado e permanecerá intacto para a dominação da materia universal, que nos cerca e ainda nos apavora. Pela sciencia, pela arte, pela philosophia, cujo vôo não será retido, seremos um com o Universo.

Não havendo uma catastrophe que destrúa toda a civilisação, haverá fatalmente uma evolução nos acontecimentos que nos envolvem. Por mais tumultuosos que sejam estes tempos, por mais incerta que seja a paz, sente-se que um espirito novo, nascido nesta crise da civilisação,

vae inspirar a vida humana. O pensamento da Revolução Franceza foi afinal vencedor e se tornou universal. Os povos são livres, senhores dos seus destinos. O historiador deve assignalar no cataclysmo que transmudou a ordem politica da Europa, ao mesmo tempo a queda das monarchias de direito divino e a ascendencia do principio egualitario da democracia, que as substituiu. E assim se cumpre a lei da evolução social, que exige, ao lado da destruição, a reconstrucção.

A evolução não será perturbada nos seus desenvolvimentos essenciaes pelos perigos do mysticismo communista, que procura transformar as bases economicas da sociedade. As questões economicas são de ordem secundaria, e, se influem nos movimentos politicos, são principalmente os sentimentos e as idéas geraes que lhes imprimem o rythmo. Resolvido o conflito entre o abolutismo monarchico e o principio do direito dos povos, resta o formidavel embate entre o nacionalismo e o communismo internacional. A solução desse enigma maximo da nossa civilisação parece todavia indicada nas origens da crise que determinou a guerra, e no espirito que conduziu esta até ao seu desfecho. Combateu-se pela liberdade dos povos, mas combateu-se principalmente pelo senti-

mento da patria, que se affirmou victoriosamente. A energia nacional dos povos é tão imperiosa que, insaciavel e insatisfeita, ameaça a paz do mundo com a installação da guerra permanente. Não parece que o internacionalismo operario a possa subjugar. Será dentro do quadro nacional que se fará a transformação economica do mundo. Os socialistas, os communistas da Allemanha se bateram e se baterão contra os seus camaradas francezes ou inglezes. O communista russo não fraternisou por muito tempo com os seus correigionarios de outras patrias. Se a sciencia e a universalidade da cultura impedem a catastrophe da civilisação, as nacionalidades, pela nitidez da sua expressão, pela sua affirmação positiva e luminosa, evitarão nesta crise da historia a confusão do chaos.

INS

PESSIMISMO BRASILEIRO

Um povo que não exprime uma cultura é como se não existisse. Que somos nós ? Todo o nosso trabalho social tem sido até agora a indistincta obra material, commum a todos os povos nivelados pela uniformidade da imitação occidental, obra de plagio, sem character, que não sáe do nosso sangue e do nosso pensamento. Não somos uma nação de senhores, de homens de guerra ou de estadistas, e muito menos de philosophos, de artistas ou santos. O nosso momento é ainda nocturno.

A historia da civilisação no Brasil se poderia escrever em quatro linhas, tão simples, tão insignificante tem sido a sua contribuição na luminosa historia do espirito humano. Poderiamos reduzir todo o esforço da cultura no immenso territorio em que acampamos, a tres factos essenciaes: o « descobrimento » que despertou a cubiça européa e foi accidente do qual resultou a fusão das raças que povoaram

primitivamente o paiz; a fundação da « nacionalidade » sob o trabalho escravo, e a transformação dessa base economica para dar lugar ao estabelecimento do « trabalho livre », desenvolvido pela immigração dos povos europeus, de que resultará a modificação dos fundamentos da nacionalidade constituida. Tres unicos grandes successos historicos que interessam á humanidade: descobrimento, independencia nacional, abolição da escravatura. Como para toda a America, simples destino economico, terras de produção material, de trabalho e de riqueza. Mas ainda assim, nessas mesmas linhas geometricas dessa historia de um paiz, se póde perceber o movimento singular da cívilação, que se apresenta como o resumo, a recapitulação vaga, esbatida, de toda a historia universal. Seria a verificação daquella imaginaria lei da historia, já engenhosamente ideada e formulada no pensamento brasileiro, lei pela qual se explicaria a evolução politica dos povos, a evolução dos organismos sociaes á semelhança da evolução dos organismos naturaes e dos corpos astronomicos. Por um processo de ontogenese a evolução social repete, recapitula, a phylogenese universal. De facto, aparentemente, a cívilação no Brasil repete de um modo singular em rapidos movimentos as grandes phases

políticas da civilização humana. Como esta foi theocratica no seu começo, assim fôra a primeira organização social brasileira, apesar do gráo superior de civilização da metropole naquelle momento. Nesse primeiro periodo colonial os homens representativos da historia do Brasil são os bispos, os padres jesuitas. Quando, em seguida, a phase social repetiu a epocha militar das civilizações historicas, os homens representativos, os chefes da organização politica brasileira foram os donatarios de capitánias, os capitães-móres, os vice-reis soldados. Afinal, no imperio e na republica, ella se tornou burguezia e democratica, como toda a humanidade depois da formação anglo-saxonia dos Estados-Unidos, e da Revolução franceza.

Esse trabalho de recapitulação não accrescentou uma formula nova ao patrimonio universal. Foi uma evolução apagada, longinqua, e o rythmo da evolução é tanto mais lento quanto é acelerado o movimento dos outros povos. Parece que o massiço geologico fica entorpecido nas brumas do mysterio e as almas se paralysem no esplendor da luz. No entanto, desde o inicio, os trabalhos dos descobridores obedeceram áquella vontade de crear, áquelle instincto de conquistar, de se alastrar e organizar, que é a lei de constancia de

Portugal. Os territorios da America foram a perpetua miragem européa; mas, enquanto Inglezes, Hespanhóes e Hollandezes ahi fizeram incursões de traficantes, Portugal, vencendo a resistencia de uma terra que não se entregava facilmente, e num momento de industria ainda mal aparelhada, realisou uma consciente obra de estado. O paiz foi descoberto, varado, estudado, conquistado por militares e funcionarios, uma nação politica foi fundada. Os vestigios dessa organização são os alicerces do estado brasileiro. Ainda hoje, quando se debatem os direitos dos povos que succederam nos territorios americanos ás nações européas, os titulos do dominio portuguez são titulos de ordem publica, actos juridicos que testemunham o funcionamento de uma organização politica. A esses titulos da conquista e do dominio dos capitães-móres, donatarios e vice-reis, os outros paizes oppõem incertos roteiros de negociantes, vagos traços da passagem de forasteiros nomadas, vestigios de precarios estabelecimentos commerciaes independentes entre si e sem ligação com o governo das metropoles.

Naturalmente, dentro de tal organização politica militar se devia formar um estado aristocratico. O Brasil nas suas origens é uma nação de senhores e escravos. No instante da

independencia, uma elite de homens brancos governa o paiz, e foram esses aristocratas os creadores da nacionalidade. Jamais o homem brasileiro foi tão senhor e tão grande como na aurora da sua patria. Um espirito de mocidade o conduzia.

Para o valor-homem o grande momento da historia foi a Renascença. A personalidade humana nesse ardente e fecundo instante expandiu-se vivaz e livre, não conheceu limites á curiosidade da intelligencia, não refreiu as paixões, e tudo foi um deslumbramento de forças intellectuaes e sensuaes, que refez o mundo e renovou a sensibilidade. A Renascença do Brasil foi a epocha da Independencia. O homem unico, o homem universal, appareceu como fugitivo clarão na vida do Brasil. Os « homens » não foram sómente os conductores do movimento, Pedro I^o, José Bonifacio ou José Clemente. Foi uma vasta floração da personalidade humana, revelada na lucta politica da independencia nacional, que tornou ousado o character. O exemplo da revolta do Principe, que se fez Imperador, deu o contagio da independencia a todos. Foi uma insurreição geral dos espiritos, que insuflou o sentimento nacionalista e repelliu a vassallagem de Portugal, purificando-se de todo o cosmopolitismo. Nesse mara-

vilhoso instante da nossa historia havia o orgulho de se sentir o homem novo de uma patria nova. O nacionalismo no alegre nascer da patria foi a afirmação da vontade brasileira. Nesse tempo, a incandescencia nacionalista não temia os compromissos despertados pela necessidade de povoar o sólo, pelo destino economico do paiz, que exige a collaboração estrangeira. O homem brasileiro naquelle alvorecer nativo tinha a fulgurante illusão de se bastar a si mesmo. Depois começou a diminuir. E a historia do Brasil deixa de ser a elaboração da elite para ser traçada pelo movimento das massas.

O segundo imperio foi a reacção do espirito democratico, que acabou vencendo a aristocracia para instituir a republica. No Brasil o espirito democratico, além de ser o reflexo de toda a evolução social do Occidente, tambem foi o resultado da fusão das raças. O sentimento da egualdade, que se encontra na raiz da democracia, já se vinha afirmando no Brasil desde a epocha colonial pelo influxo do christianismo e pelo prestigio da Revolução franceza. O christi- nismo trazido pelos missionarios, sobretudo jesuitas, tratou de redimir o indigena. A sua grande obra foi a libertação dos indios do senhorio europeu e a incorporação delles á nação. O movimento creado para a liberdade dos indigenas,

o sentimento de independencia indomavel, que se lhes attribuiu, crystallisaram-se numa idéa collectiva, a da nobreza do selvagem, dono e antigo possuidor da velha terra brasileira, e nessa idelisação se corporisou a primeira revolta dos mestiços contra os brancos dominadores do paiz. D'ahi uma litteratura indiana, exaltada, que fórma a base nacional do romantismo brasileiro. A Revolução franceza veio accentuar ainda mais esse sentimento da egualdade entre os homens. O cruzamento das raças foi afinal o factor decisivo da nossa democracia, em que sem preconceitos, e numa larga tolerancia, encontra a sua natural expressão politica um povo de origens oppostas.

A Republica no Brasil foi a consequencia desse sentimento de egualdade, e só se tornou possivel quando o exercito deixou de ser governado pela elite aristocratica e foi inteiramente democratisado pela fusão das raças, que determinou a revolta militar. A Republica foi tambem a reacção provinciana contra a unidade nacional realisada pelo Imperio, e o pacto em que se firmou essa desforra do espirito particularista e egualitario das provincias é a Constituição federativa.

O pensamento, funcção cerebral, é a expressão do individuo e da raça. No Brasil o pensamento

é mestiço. O governo, a elite que realisa esse pensamento colectivo, deve ser fatalmente da mesma expressão racial ou não será representativo da nacionalidade. Os antigos brancos ficaram extranhos ao paiz, o equilibrio entre elles e a nação, que os seus antepassados fundaram, rompeu-se. Hoje têm alma de emigrados na propria patria. Mas o equilibrio formado pelo cruzamento das raças, de que resultou o typo predominante do Brasil actual, tambem vae se romper pela vaga sempre crescente da immigração. O conflicto será grave. A sub-raça, que é a sentinella da nação, é ainda forte. O immigrante tem que esperar para se medir com o actual dominador do paiz. A lucha virá fatalmente, se o homem branco não fôr absorvido pela raça mestiça e o cruzamento das especies não se mantiver como a solução inconsciente e salutar do equilibrio da civilização no Brasil.

Nesse feixe de forças democraticas, que é a nação brasileira, não ha mais logar para uma elite aristocratica que, pelas suas aspirações, tradições e crença, mantenha o patriciado politico, cuja finalidade seria a monarchia constitucional. Era fatal que de tão grande tumulto de raças, de aspirações, de culturas disparatadas, de desharmonica progressão interna, brotasse o governo forte de um dictador.

O governo presidencial é a imagem do governo despotico e da tyrannia classica. O governo parlamentar é o governo de classes, e corresponde ao arbitramento, no direito publico, no direito privado e no direito internacional. Os Parlammentos, compostos de representantes com o poder de resolver, são os arbitros, legisladores e juizes.

E' preciso examinar a formação historica dos dois governos para se comprehender bem o que elles são. O Parlamento foi instituido na Inglaterra, onde teve origem, quando os barões e os commons venceram o rei e impuzeram a assembléa dos seus representantes para governar em collaboração com o monarcha. O governo dos Presidentes, creado na democracia americana, foi o prolongamento do governo de mandato e de concentração estabelecido no regimen colonial. Foi necessaria a continuação em vez da substituição.

Não foi leviaamente que o Brasil adoptou como governo da republica o regimen presidencial. O regimen parlamentar é que foi absurdo e illogico. Logo que o Brasil se constituiu em nação, era necessario e fatal que o seu governo fosse despotico e militar. O Brasil que, já vimos, havia sido uma theocracia militar, para ser depois francamente, com os capitães-

móres e os vice-reis, uma organização militar, devia ter no seu Imperador o chefe militar absoluto. Mas, por uma inversão histórica, esse poder absoluto, combatido pelos militares e pela reacção das provincias, levava á federação e não á unidade. O poder absoluto do Imperador teve de abdicar, e succedeu-lhe o regimen parlamentar. Ainda assim, esse governo imposto precipitadamente foi mantido pela aristocracia, composta de senhores, de familias e classes.

A Republica foi em primeiro logar o triumpho completo da democracia. A aristocracia estava morta no Brasil com a abolição e o desenvolvimento do cruzamento das raças. Em segundo logar, foi um retrocesso. Foi a volta ao periodo da independencia, e caracterizou-se pela reacção das provincias sob um governo militar. Houve um cataclysmo, um nivelamento absoluto, as classes foram dominadas por uma só classe, a militar. Nessas condições, como manter-se o regimen parlamentar, governo de arbitros, governo de classes, quando não havia mais necessidade de equilibrio, de arbitramento, de representação de outras classes ?

Para haver regimen parlamentar seria preciso que a preponderancia exclusiva da classe militar diminuísse e dêsse logar ao apparecimento de

outras classes organizadas dentro da democracia, classes fundadas organicamente ou sobre a riqueza ou sobre o trabalho, em vez dessa vaga aglomeração de gentes acampadas passageiramente no territorio do paiz, vivendo na mais profunda ignorancia, que não se póde representar, nem exige o equilibrio e o arbitramento politico. O governo presidencial é o expoente dessa democracia. Não porque seja o governo do bom tyranno, mas porque, com todos os seus defeitos, é o governo da força, da concentração do poder, o governo absoluto que se apoia no regimen militar e realisa a estabilidade nacional.

OPTIMISMO BRASILEIRO

A magia que rompe da terra brasileira, torna-a a eterna «desejada das gentes». Póde-se dizer que o encanto brasileiro está na aureola de opulencia e de esperança, na doçura nativa, no sentimento vago e indefinido que emana da mysteriosa grandeza do Brasil. A seducção começa no instante da descoberta, no seculo xvi, quando a energia da Renascença impelle os homens a desvendarem o mundo

depois da grande epopéa libertadora do espirito humano que, vencedor do terror inicial, subjuga a natureza na armadura da sciencia e a apazigua nos limites de uma arte serena e disciplinada. Desde o victorioso dominio portuguez, o destino do Brasil se fixou para sempre e continuou a espiritualidade no mundo americano.

Pela sua gigantesca extensão, pela sua população dominante, pela cohesão nacional, pela fidelidade á cultura classica, que lhe foi sempre um traço característico, o Brasil póde realizar soberanamente o seu maravilhoso destino humano. Portador do amavel esforço daquella disciplina que venceu a natureza, conservador dessas tradições fecundas, o Brasil as torna mais activas, mais energicas, imprimindo-lhes o rythmo acelerado da America.

Como definir com justeza a elaboração americana nas camadas desse paiz formado pelos latinos? Que é o espirito americano? Sente-se que ha no fermento americano uma modificação do conceito da civilisação. Será unicamente o americanismo uma reacção contra o principio qualitativo que é a materia prima geradora do espirito latino? Em todo o caso, teve por muito tempo a significação de uma ruptura da tradição européa, e a America foi comprehendida singularmente como o continente do novo,

uma civilização de base material opposta á civilização espiritual da Europa, uma cólossal forja de trabalho e de transformação dos velhos valores da cultura.

Mais tarde, vem a revelação do idealismo americano, e as suas syntheses sociaes, democracia, egualdade internacional, poder do dinheiro, excesso da força, rapidez da acção, foram interpretadas como signaes do mysticismo originario, expressões de uma dynamisação moral determinada pela formidavel atmospherá physica, creadora de uma civilização de energia e de justiça.

O mais interessante problema da civilização brasileira seria saber até que ponto as fôrmas europeas dos nossos espiritos resistem ao mechanismo americano, e como a vibração deste se adapta ás tradições da nossa cultura. Dessa fusão dos dois espiritos, latino e americano, resultaram algumas soluções de que o Brasil tem o segredo. Na ordem moral, em parallelo com a independencia de espirito, a ausencia de preconceitos, a persistencia de humanismo e a claridade do idealismo classico. Na ordem social, o principio da egualdade, como base do direito publico, e a subordinação do poder administrativo á justiça. Na ordem material, o sentimento do progresso indefinido, justificado pela victoria

do Homem contra as resistencias formidaveis do mundo physico, a conciliação da producção intensa, indispensavel ás novas sociedades, com a qualidade que é o signal da perfeição das civilizações tradicionaes, a incorporação da natureza á arte na realização da Cidade do sonho, da luz, da côr e da phantasia, sublime morada do Extase.

A suprema belleza do paiz deslumbra o homem nascido no seu mysterio, enfeitado pelo seu quebranto. Não estará nesse amor physico do homem e da terra o segredo do patriotismo brasileiro, que tem o sabor capitoso de uma união voluptuosa ?

PRAGMATISMO BRASILEIRO

Depois de ter sido uma nação paradoxalmente classica, movida pelo humanismo e pela imaginação litteraria, eis o Brasil lançado no extremo da opposição á cultura intellectual. Ha um pragmatismo que procura supplantar todo o intellectualismo. Ha uma philosophia de acção pratica, que dirige a energia brasileira para os trabalhos physicos da posse da terra e para a accumulção da riqueza. Nesse sentido

o Brasil se americanisa e se desintegra do cosmos latino. Não ha maior perigo para a personalidade brasileira do que essa trajectoria animal da vida. O nosso encanto estaria em ser uma nação americana com espiritualidade latina. O excesso de cultura seria um grande bem para um paiz que só pela sciencia póde valorisar a sua natureza. Este momento do Brasil reclama o maximo de instrucção e de sciencia, que liberte os homens da barbaria americana e da servidão européa. Os possuidores de tão profundas, mas adormecidas riquezas, devem disputar pela intelligencia a verdadeira propriedade e o livre gozo dessas infinitas forças de acção material. O neo-pragmatismo brasileiro seria o propulsor do nacionalismo, se a sua base fosse a cultura scientifica. O grande fim da vida é conhecer. O pragmatismo póde no Brasil fazer do conhecimento a alavanca do dominio e da posse da natureza.

O QUADRO NACIONAL

Reforcemos o quadro da nação. Não permitamos que dentro d'elle reine a alma de outros povos e a nossa propria alma seja expulsa e, exi-

lada da terra que lhe creou a expressão ainda incerta, mas ardente e luminosa. Enquanto não tivermos, solidas, as fronteiras moraes da nação, enquanto o quadro que encerra a patria não fôr rijo e inquebrantavel, fechemos a porta á invasão, defendamos a fragil muralha, solidifiquemos a argamassa, e seja tudo impenetravel ao sentimento estrangeiro. A peor invasão é a que se infiltra no sentimento, a que transforma a alma, transmuda a poesia secreta da sensibilidade, dá outro rythmo ao sonho, transfigura o pensamento.

Ha um destino geographico na terra brasileira, ha o impulso do progresso material para o qual o estrangeiro é util. Mas a alma de uma nação não está n'um pé de café. Cuidado, economistas, industriaes, negociantes, gentes traficantes, pelo vosso espirito de compromisso não sois os zeladores da nossa personalidade. E se nesse amalgama de sangue e corpos disparatados, nessa confusão de desejos e realizações, não fôrmos os mais fortes, a terra, onde foi o nosso Brasil, será mais rica, mais prospera, espantará o mundo com os seus prodigios industriaes, porém já não seremos nós... Tudo se romperá no curso do tempo. O futuro não entenderá mais o passado...

O NOSSO ESTYLO

O escriptor da lingua portugueza julga que todo o « estylo » está na palavra. Essencialmente verbal, elle dá ás palavras uma extensão exaggerada e um valor excessivo. Assim, só pôde exprimir o seu pensamento vasando-o todo nas palavras, que formam phrases interminaveis, sonoras e muitas vezes inuteis e desconexas. Ignora a suprema arte do silencio, que tem o valor da palavra, como na musica a pausa vale a nota.

Esse escriptor não sabe que, além da arte expressa, exterior, aquella que se vê ou que se ouve, ha a arte interior, que é apenas indicada pela palavra, pelo som, pela linha e pela côr. O traço na pintura deve evocar tambem o que não foi pintado e é a emoção secreta do artista, aquella que elle reserva para o seu sonho e o seu extase intimo... O esculptor indica no movimento da fórma o que se vae prolongar, o que nós solicitamos, que elle magnificou e não quiz dizer... Na musica é ainda a tonalidade mysteriosa que apenas se revela no som enunciado, que nos faz imaginar e fundir, pelo vago indefinido da sua sensação, no Uni-

verso. Ha sempre em arte esse segredo do artista, que é como a essencia da sua obra de arte. Ha alguma cousa que não foi revelada, que está antes e nos leva para o que está depois. O que a arte exprime claramente, é como uma ponte entre dous mysterios, o que vive profundamente na alma do artista e o que vem depois da obra de arte e não acaba nunca.

Para o escriptor brasileiro não existe esse mysterio, e se elle o sente inconscientemente, o seu primeiro trabalho é eliminal-o e no fluxo das palavras expandir-se totalmente.

Vejamos nessa manifestação do estylo brasileiro uma separação essencial entre o escriptor e a materia universal. O estylo deve ser uma grande harmonia do mundo sensivel. O Brasileiro está separado desse mundo e procura illudir a separação pelas palavras, que muitas vezes não são a alma das cousas e sôam dispartadas no ambiente universal. Falta ao escriptor brasileiro aquella intimidade com o Todo infinito, que se exprime pela arte. Elle não é essencialmente artista. O escriptor artista deve sentir toda a natureza como arte. Não ha assumpto que não seja um aspecto do mundo sensivel, e a sensibilidade do escriptor deve ser completa. Elle sentirá-o mundo como um maravilhoso espectaculo de fórmãs, de côres e de

sons, e cada palavra, cada phrase exprimirá essa atmosphaera transcendental, que será adivinhada, suggerida, e nos transmittirá a emoção suprema. Só pela intensa e profunda vibração de todas as moleculas do Universo em nós é que se faz a transformação da nossa propria natureza em uma expressão de arte. O escriptor não possuirá jamais o seu assumpto totalmente, se lhe faltarem esses dons de artista. Quando o pintor traça uma linha e exprime a côr, sente-se que o mundo se dilata, não só em fórmãs e côres, mas tambem em sons e sonhos. Assim, o artista da palavra na phrase, na pausa ou no silencio deve fazer vibrar o Universo inteiro como côr, forma, som e pensamento. Deve saber que no universo tudo se liga, que nada é isolado e independente. A palavra deve reflectir uma unidade de sensações e o pensamento deve ser integral. Todo o assumpto, por mais indifferente e singular que pareça, interessa ao conjunto das emoções humanas, e o escriptor que não tem essa emoção inconsciente ou essa comprehensão esthetica, não é completo e parecerá sempre limitado e inferior.

Não é a lingua artista, ou *l'écriture artiste* dos francezes, que se insinúa nessa função artista do escriptor. Este póde usar da escripta artista, e a sua phrase, o seu estylo ser defi-

ciente e não exprimir a emoção total do Universo. O que se procura é pela concepção esthetica suscitar o verdadeiro escriptor, aquelle que domine, não sómente o seu assumpto, mas também a materia universal, e exprima a sua arte intima, fazendo pela divina mistura da palavra e do silencio perceber e continuar o mysterio da vida infinita.

O TYPO BRASILEIRO

Formado n'um meio physico ardente, abraçado de sol, o homem brasileiro é magro, secco, musculoso, porém sempre prompto a uma incessante lucta contra uma natureza pujante, que o quer dominar, avassallar. E' o velho typo do caçador, do homem primitivo, que erra pela floresta, que se sente perseguido pelas feras e vive aventurosamente, alimentando-se sobriamente de fructos, raizes e caça. Os seus antepassados europeus foram-se adaptando ao meio physico e pouco a pouco perdendo no curso das gerações a corpulencia planturosa ou a placidez resignada dos bois, para se tornarem, nos seus descendentes mestiços, o homem feito de aço, o animal de canella fina, que deve varar

florestas, atravessar rios a nado, escalar montanhas e caminhar por longas, infinitas e áridas chapadas desertas. Esse typo de olhos faiscentes e vibrações aceleradas persiste no homem brasileiro moderno, civilizado, sempre exaltado, ardente, voluvel e sensual, e cujo esforço é um arranco, um impeto, que logo se esvaece e é substituído pela apathia, pelo desinteresse, pela resignação fatalista dos homens da natureza.

O PARADOXO BRASILEIRO

O Brasil geographicamente tem um grande destino economico no mundo. As materias primas do Brasil não são ainda de ordem intellectual. Interessam á industria dos outros paizes, para os quaes o Brasil é um productor e um fornecedor.

Tal nação devia ser dirigida sobretudo por homens de espirito industrial, homens de realização das forças e das riquezas naturaes do paiz.

Em vez d'isto, os dirigentes brasileiros são homens fóra da realidade, homens de educação litteraria, de espirito classico, alheios comple-

tamente aos assumptos vitales da nação, áquelles que encerram o seu destino humano e são preponderantes para o seu progresso.

Eis o paradoxo do governo brasileiro : homens não preparados para a função de governar uma nação de destino industrial governam essa nação.

Minas-Geraes é o paradoxo maximo. O sólo dessa região é de uma prodigiosa riqueza economica ; os homens da politica de Minas são grammaticos, poetas e latinistas, e os melhores são júristas classicos.

S. Paulo, felizmente, é dirigido por uma elite de fazendeiros, agricultores e industriaes. Os homens antigos não são extranhos á industria, e essa perfeita conformidade entre a capacidade, a competencia dos governantes e o destino social do Estado, é que mantem o progresso de S. Paulo, o menos paradoxal dos Estados brasileiros.

MEDITAÇÃO SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA

A perfeição é o signal do começo da decadencia e da morte. Na arte, na litteratura, como

na natureza, a observação nos demonstra a verdade desta lei da evolução universal.

A escultura começou a declinar quando attingiu á perfeição de Phidias. Praxiteles é um admiravel esculptor de perfeição, mas a força creadora estava extincta. A poesia latina morreu com Virgilio, Horacio e Ovidio, seus perfeitos mestres. A poesia franceza chegou ao seu apogeo na forma raciniana. Depois, mesmo com Hugo, Musset, Vigny e Lamartine, nada renovou. A lingua estava perfeita e definitiva. Só mais tarde, com Baudelaire e Mallarmé, tomou nova feição. Em Portugal, a lingua, que foi pedregosa, dura e difficil, se foi apurando até dar-lhe Camões a perfeição. Depois, a poesia seguiu o rythmo camoneano e nada foi creado. Garrett é um romantico amaneirado. A prosa protugueza tambem se fixou em João de Barros e Vieira; Herculano foi um perfeito escriptor dentro da fórmula classica. Eça de Queiroz teve a felicidade de trazer á litteratura portugueza dons de vida. Foi um artista que, ignorando a lingua, escreveu de um modo encantador, n'uma lingua espontanea e corrompida, com certa liberdade, por lhe serem extranhos os moldes classicos. E assim os principaes defeitos do escriptor que é Eça de Queiroz, contribuíram para a vivacidade e a magia dos

seus livros. No Brasil a situação da lingua favorece o genio creador. A perfeição ahi é difficil de ser attingida. Quem escreve na lingua de Camões e Vieira e mesmo de Herculano ou Camillo, escreve uma lingua affectada e postica. A lingua exprime a grande desordem da formação nacional. Nesse tumultuoso rio, varias correntes se despejam e as aguas são turvas, porém violentas e bravias e ás vezes de uma livre e grandiosa belleza. A vida se desenvolve em toda a natureza. Cada instante é uma nova affirmação do espirito humano sobre a infinita materia, e as relações se manifestam na phantasia das expressões felizes, novas, alegres de nascer... De toda a parte chegam numerosas palavras, que se impõem pela violencia, ou se affeioam geitosas á atmospheria. Tudo é uma grande alluvião, e a terra é movediça, e o espirito alli sopra livre e fecundo. Vindas da propria natureza maravilhosa, vindas da vida humana que alli se desenvolve, ou vindas de longe, de remotas paragens, encanto de uns, espanto de outros, as expressões da linguagem luctam, se repellem e afinal se cruzam por instantes, até que novas expressões, novas fórmias, não cheguem e não perturbem violentamente a placida corrente que se havia formado... E com a lingua assim vae o estylo,

movediço, tortuoso, sem regras, n'uma desordem que irrita, mas que é um signal de infancia ou de perpetua renovação. E ainda nada se fixou ; as velhas fórmas portuguezas são absurdas na terra incoherente e paradoxal do Brasil. Ha uma liberdade suprema para se revelar o genio litterario. E ha um immenso esforço para attingir á perfeição. E' o delicioso momento de uma litteratura, o maravilhoso instante de criação em que se lucta por fabricar de tantas materias bellas e informes a obra-prima. E emquanto as raças trouxerem as suas expressões proprias, emquanto do sólo e da civilisação que se fórma, a linguagem fôr inquieta, tumultuosa, o esforço será magnifico, e soberbo o espectáculo da criação litteraria ; mas, quando naquelle mundo extranho tudo se fixar, e uma só raça, uma só nação, uma só alma alli fôr definitiva, e grande, e majestosa, e serena, a perfeição será attingida e assistiremos ao começo da morte !

VISAGENS DA LITTERATURA BRASILEIRA

O espirito dominante na litteratura brasileira foi o do classicismo. Toda a nossa cultura

foi sempre inspirada pela disciplina classica. Os que escaparam a essa disciplina, foram os extravagantes, os absurdos, os barbaros. E sempre coexistiram na nossa producção litteraria duas correntes bem distinctas : a dos inspirados pelo gosto e pela cultura e mesmo pela rhetorica classica, e os indisciplinados, transbordantes e possessos. Aquelles, escriptores ou oradores castiços, artificiaes e extranhos ao movimento sentimental do seu tempo; estes outros, informes, chaoticos e incultos. Póde-se dizer que nos primeiros se via a persistencia do espirito portuguez em contrariar a nossa natureza, e nos segundos o espirito de revolta da raça em plena formação, nessas explosões que exprimem a allucinação do terror e deslumbramento e a fascinação da miragem.

Ha uma grande lentidão da influencia europea nas manifestações litterarias portuguezas e brasileiras. O romantismo veio apparecer em Portugal mais de vinte annos depois do seu apogeo em França; o realismo tambem levou quasi o mesmo espaço de tempo para se tornar portuguez. « Madame Bovary » é de 1859, o « Crime do Padre Amaro », de 1878, e o « Mulato » de 1880.

Houve um momento em que a nossa litteratura teve a apparencia do modelado classico.

E essa extravagancia ocorreu ainda na aurora da formação nacional do Brasil. Essa « performance » litteraria foi uma simples transposição de Portugal ao Brasil colonial. Do artificialismo apenas se salvou a inspiração lyrica de Gonzaga e de Basilio da Gama. O nosso espirito ainda está muito proximo da natureza para chegar á perfeição. Só attingiremos a esta depois de termos desbravado a nossa matta. Até lá, a litteratura deve viver da nossa propria seiva tropical e o modelado nesse instante é um artificio, que importa em traição ao momento espirital do paiz.

Preconisar-se o classicismo como o canon do estylo é um absurdo. Cada epocha tem o seu estylo e neste se devem vasar as emoções humanas que se estylisam. O escriptor de hoje que escrevesse como no seculo xvii, seria ridiculo. Tambem cada patria tem o seu estylo. A simplicidade do character portuguez e brasileiro deve ser vertida na litteratura. Evitemos o emphatico. O alexandrino é emphatico. Assim o Grego, abundante de poesia, era extremamente harmonioso e simples. O Romano é secco, e essa seccura o leva á emphase, porque elle quer dar pelas palavras e pelas imagens a expressão que não lhe vem naturalmente, a sensação de naturalidade que lhe falta. No Brasil, o estylo

emphatico é uma prova de sequidão e de vazio ; é rhetorica em opposição á poesia. Os Brasileiros não deviam ser emphaticos, porque são poetas e lyricos.

JOSÉ DE ALENCAR

Rompendo com o classicismo portuguez, Alencar affirmou a independencia intellectual do Brasil. Tem-se dito que o « Guarany » é o grito do Ypiranga da litteratura brasileira. Pela primeira vez a alma brasileira canta livremente, sem as cadeias da tradição colonial. A lingua incorrecta, exuberante, é a de uma nação joven, que desapprende a disciplina classica e gosa alegremente das primicias da liberdade. Em todo o poema sopra o espirito da mocidade. No seu tempo Alencar foi o mais brasileiro de todos os escriptores, porque Gonçalves Dias, apesar de todo o seu nacionalismo e do seu indianismo, obedecia ao rythmo classico, e se cantou Y-Juca-Pirama, escreveu as Sextilhas de Frei Antão. Alencar é mais integralmente brasileiro e um escriptor verdadeiramente americano. O seu romantismo separa-se da inspiração européa pelo enthu-

siasmo tropical, que é uma expressão optimista de um povo possuído da grandeza do seu destino. Os escriptores portuguezes da mesma epocha de Alencar, como Garrett ou Herculano, são inteiramente differentes do escriptor brasileiro, como Portugal é differente do Brasil.

José de Alencar teve o privilegio de ser o primeiro escriptor de synthese que surgiu no Brasil. Machado de Assis foi um immenso escriptor de analyse : examinou os fragmentos do mundo moral brasileiro, mas em nenhum dos seus livros teve a força de reunir estes fragmentos e dar a synthese da civilisação brasileira; e por isso faltou a Machado de Assis esse relampago de genio que teve Alencar, quando no « Guarany » fixou o cyclo da formação nacional do Brasil, o encontro do portuguez e do indio no mundo tropical, a fusão das duas raças, de que nasceu a alma brasileira.

OS PRODIGIOS DE ROUSSEAU

Christo e Rousseau são os dous accidentes mais extraordinarios na historia do espirito humano. A influencia de Rousseau no Occidente só foi excedida pela do Christo. O chris-

tianismo transformou o mundo, creando e inspirando um espirito novo, que mudou os valores da moral, da politica, da intelligencia, da sciencia e da arte.

E que fez Jean-Jacques Rousseau ? E' a historia maravilhosa de um miseravel, vindo da dôr profunda dos pobres, accumulando em si, inconscientemente, as surdas revoltas dos opprimidos, possuido de uma sensibilidade que leva a intelligencia ao paroxismo da agudez e do delirio. E a sensibilidade de Rousseau se tornou a sensibilidade da humanidade por mais de um seculo ! E' a sensibilidade de todo o seculo dezenove, que começou por um mal, a morbidez romantica, e acabou no desencanto do idealismo, seu proprio creador.

E que fez Rousseau ? Quasi analphabeto até aos trinta annos, começa a escrever aos trinta e cinco. Esse revelador do sentimento da natureza se insurge naturalmente contra a desigualdade social. Encontrára no principio absoluto da egualdade a avalanca para a revolução de 89. O pamphleto que foi o « Contrat Social », destruiu toda a sociedade classica, gerada na idade-média e no feudalismo. Desde então o mundo se tornou egualitario e libertario. Rousseau creára a anarchia politica. Tra-zendo para a litteratura o sentimento da natu-

reza, já percebido por Condillac, libertou os espiritos do quadro em que girava até então o classicismo, em volta do homem e da vida social do homem. Pelo naturalismo de Rousseau o quadro foi alargado e a natureza incorporada á litteratura. Rousseau inspira Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand e todos os *paizagistas* do livro. E' o pantheismo penetrando na obra de arte. E a evolução é parallela na pintura e mesmo na musica. Rousseau pelo seu naturalismo crea toda a escola da paizagem moderna, em que a paizagem não é mais um accessorio do homem e se torna o personagem da obra de arte. Sem Rousseau e o seu romantismo da natureza, Beethoven não teria produzido a *Symphonia pastoral* e a musica desse tempo permaneceria fiel ao classicismo de Mozart.

Com Rousseau surgem dous personagens novos no mundo : a natureza e o homem livre, na sociedade livre. E' toda a historia do espirito humano no seculo dezenove. E que prodigiosa transformação esses dous factores não determinaram na evolução social e na psychologia humana ! Foram duas forças absolutas, que o genio e a doença de Rousseau fizeram desencadear no mundo, até então limitado e contido pela disciplina de uma organização religiosa, que ignorava a natureza ou a fazia inimiga da

alma, que enquadrava o homem dentro da sociedade, sua perpetua categoria. Rousseau abalou esse edificio, que veiu a ser derrubado pelo espirito rousseauniano da Revolução franceza. Foi um grande prodigio cumprido por um só homem. Essa destruição foi um acto de exaltação, e o delirio de Rousseau se propagou no mundo. E' uma revolta, uma blasphemia perenne contra a vida, é a não conformação do espirito humano á fatalidade da existencia. E' a doença de Goethe, quando escreveu Werther, inspirado no absolutismo de Rousseau, é René de Chateaubriand, é Obermann de Sénancour, é Corina, de Staël, é Adolphe, de Benjamin Constant, é todo Byron, é mesmo o transcendental Shelley pelo seu pantheismo agudo. E' todo o romantismo que transmudou os valores da vida e espalhou o delicioso veneno de tristeza por um seculo inteiro.

Rousseau é a doença do espirito. Façamos a nossa cura do mal de Rousseau, voltando á Grecia, comprehendendo o tranquillo segredo do Parthenon, disciplinando o nosso espirito pela geometria eterna, raciocinando com Descartes, investigando com Spinoza. E seremos um com a Natureza, e seremos os dominadores de nós mesmos.

MUSICA

O estylo que traduzirá melhor a alma de hoje não é o da esculptura nem o da pintura. Esses estylos correspondiam á sensibilidade antiga, como a esculptura da Grecia á pintura da Renascença, e mais tarde o sentimento da paizagem da natureza, infiltrado por Jean-Jacques Rousseau, e que annuncia o advento do pantheismo na litteratura (Rousseau, Goethe, Shelley). Hoje o estylo deve ser musical. Pela musica deve-se interpretar o Universo. Pela musica deve-se exprimir toda a alma musical, o sonho e a morte. E' preciso ao escriptor transpôr em musica todos os valores da natureza e da vida. A musica é o rythmo mundo de que só o homem moderno possúe todo o segredo.

A Iliada é um desfilas de estatuas, em alto e baixo relevo; a Odysséa é um baixo relevo que reproduz as anedotas da vida na fórma secca, simples e austera da pedra. A Eneida, fluida, é ainda arte esculptural. Dante mais tarde inaugura a pintura, mas ainda se atem á tradição esculptural nos baixos relevos infernaes e na construcção gothica. Racine volta ao puro classicismo esculptural. Rousseau, Chateau-

briand, Goethe (burguez e domestico), Flaubert, são pintores. D'Annunzio é um colorista veneziano. Os grandes estylistas musicaes são os poetas do seculo XIX, e cada um teve a sua musica intima : Lamartine, Baudelaire, Verlaine, Mallarmé, Shelley, Keats, Heine.

Porque somos nós mais musicaes ? Ha uma evolução das sensações, que determina a predominancia de certa arte ? Isto é, ha uma sensibilidade que se transforma e se exprime em uma epocha por uma arte e em outra epocha por outra ? Porque só chegou a musica ao seu maximo de expressão no seculo XIX ? Ha uma influencia de meio ? E tambem uma influencia psychologica evolutiva ? Não foi o seculo XIX o seculo do pantheismo ? E não é a musica a arte mais livre, mais pura, mais arte ? Não tende tudo ao universal ? Dizemos alma musical, alma moderna, porque ?

A musica, incorporea, aerea, sem plastica, procura incorporar-se no Universo, como o Amor se procura unir ao ser amado.

O ROMANTISMO DE BEETHOVEN

Pelo espelho magico do romantismo vimos em nossa epocha as imagens da idade média.

O gothico revive na musica de Beethoven, quando esta foge ao pantheismo. Assim, na marcha funebre da « Eroica » desfilam os symbolos guerreiros da idade média, ouve-se a gargalhada sarcastica das gargulas, e na parte final um côro angelical, primitivo, arrebatado o heróe morto.

Apesar do seu romantismo, do seu seculo XIX, do seu gothismo, Beethoven é dominado pela aspiração á alegria. Elle se liberta na arte, e a sua arte tenta exprimir a natureza em triumpho acima da dôr.

DEBUSSY

Debussy exprimiu a extrema sensibilidade moderna por uma musicalidade aguda, pelo senso do pittoresco, pelo requinte nervoso de uma musica cerebral profundamente sensual. O caso Debussy não é singular nem isolado. Não ha movimento artistico que não seja integral n'uma epocha. Debussy liga-se a Baudelaire e a Mallarmé como aos impressionistas da pintura. De Mallarmé trouxe o segredo da dissonancia, que é o rythmo dos nossos nervos. Mas não chega a ter a crueldade baudelairiana, o sadismo da

imaginação, a necessidade do soffrimento, a infatigavel ancia do goso sem goso, que é a desharmonia da loucura.

Debussy liga-se aos impressionistas, sobretudo a Claude Monet, na expressão fugitiva e vaga, no esbatido das côres, na alegria do som, que é a festa da côr, e por todo o luminoso pantheismo. Mas, interpretando a natureza pela musica, Debussy não attingiu como Beethoven e Bach á essencia da musica. Sente-se que está fóra e não dentro da musica. O artista maximo deve ser o proprio assumpto da sua arte e não o interprete. O poeta é a propria cousa, a propria materia poetica que se desfaz em arte. A poesia que interpreta, que está acima ou distante, deixa de ser a poesia. Pela poesia tudo se confunde e une mysteriosamente, o poeta, as cousas, o universo. Não ha separação para a interpretação do mundo. Por esse conceito, poetas como Heredia não são poetas. E' poesia sem a poesia. Beethoven é a musica.

FLAUBERT

Na literatura universal dous escriptores foram singularmente creadores : Goethe e Flau-

bert. Em cada livro fizeram surgir successivos novos mundos. Póde-se dizer que morriam em cada creação e renasciam n'outra. Nada é igual, nada se repete. Tudo é diverso e infinito. Goethe escreve « Werther », depois abandona toda a sensibilidade romântica, que lhe vem de Rousseau, e entra no classicismo, d'onde tira o segredo antigo e nos dá « Iphigenia » e mais tarde « Hermann e Dorothea ». Escreve as « Affinidades electivas », e crea « Wilhelm Meister », que é toda a sociedade moderna vista de cima. E mais tarde publica « Fausto ». Tudo é differente, diverso, e cada livro é um mundo.

Flaubert é tambem um creador de novos valores, de novas expressões da vida, e os seus livros são mundos distinctos. Nada tem de commun um com o outro a não ser a grande origem creadora. « Madame Bovary », « Salammbô », a « Tentação de Santo Antonio », oh variedade ! Em comparação com esse creador, os outros escriptores abundantes parece terem escripto um só livro em muitos tomos. Balzac, apezar da sua força creadora de typos e de vida, escreveu um livro unico. Zola sempre se repetiu infinitamente. Goethe e Flaubert são creadores excepcionaes de novas, successivas e extranhas sensações e sensibilidades.

Flaubert escreveu os seus livros acima delles.

O escriptor não está dentro da obra. E' o artista que domina o trabalho e não vive a vida common, irregular, incerta da sua propria criação, e não está dentro della de um modo absoluto e fatal. Nisso Flaubert não procede como a natureza inconsciente, espontanea e *una*. Como Deus, elle crea de longe. E' o processo divino, mas não é o processo da natureza. Elle *vê* que as suas criações são perfectas e boas, e pôde se repousar, ou mudar voluntariamente a força da expressão e crear o que quer! Por isso, procede magistralmente, senhoril como um distribuidor de graça e de vida. Por isso, *economisa* a sua força e dá o que acha bom. Assim exprime a virtude franceza, a razão economica que mede o esforço, reflecte, aproveita e arranja com os seus meios o que é util e bello.

Flaubert é o genio francez, mais completo que Voltaire. Deste genio da raça só tres escriptores se separaram : Pascal, a quem a loucura deu a allucinação do infinito e que não conheceu limite á sua alma ; Rabelais, que teve a seiva da Renascença e cujo cosmopolitismo liberalo assemelha aos italianos da sua epocha, desentvergonhados e desembaraçados ; Victor Hugo, que a Hespanha fez transbordante e *gastador* de emoções e forças.

A TRISTEZA DOS « NATURALISTAS »

Vendo, ou estudando, as obras de arte do naturalismo, sente-se nellas uma grande tristeza. Parece que esses artistas (poetas, romancistas, esculptores e pintores) tiveram uma profunda decepção da natureza humana e que todas as suas obras, sendo sobretudo humanas, reflectem esse desencanto. O romantismo que o precedeu, exprimiu uma grande melancolia, como em Chateaubriand, em Musset ou em Delacroix, mas toda a sua obra foi de enthusiasmo, de revolta, o que ainda é uma modalidade da illusão n'uma ancia de sonho. O naturalismo, não. E' triste, porque para elle a realidade é triste. Zola, mesmo o impassivel Flaubert, Maupassant e Daudet são amargos e desilludidos como Manet e Degas.

Depois da tristeza do realismo succedeu um periodo de alegria, de vivacidade na manifestação artistica, como um retorno ao paganismo, uma sensação de Renascimento. Veja-se por exemplo a pintura sadia, colorida e phantastica de Renoir, Monet e Besnard, a poesia de d'Annunzio, Paul Fort e Henri de Régnier, os romances de Anatole France e toda essa

pequena litteratura franceza de Courteline e Tristan Bernard.

VELASQUEZ

O realismo de Velasquez, em contraste com todo o mysticismo e a dôr da arte hespanhola, tem a sua raiz na raça portugueza, de que Velasquez é originario.

Essa excepção na expressão hespanhola é uma singularidade. Goya é mystico, satanico, hespanhol. Murillo é o extase, o enthusiasmo hespanhol! Ribera, a tortura, é tambem hespanhol, e o proprio Greco se impregna da dôr e da exaltação da Hespanha. Velasquez é a realidade, a natureza sem interpretação, é Portugal. Ha uma grande ausencia de imaginação na arte portugueza. Os portuguezes não são creadores ou poetas, são antes executores e portanto artistas. Camões é um supremo artista; não teme imitar Virgilio, mesmo nas suas grandes creações, como o Adamastor. As suas qualidades de invenção mostram-se inferiores ás suas qualidades de exprimir, compôr e modelar. Eça de Queiroz, Garrett são artistas de execução e pequenos creadores. O sentimento do realismo é perenne no espirito

portuguez. A arte de Velasquez, como a dos Flamengos e Hollandezes, influe nos modernos. E assim o realismo portuguez se torna uma expressão da arte universal pela força do genio de Velasquez.

MYSTICISMO PORTUGUEZ

Os pintores primitivos portuguezes interpretam o sacrificio e a miseria de Christo como o soffrimento, a desgraça, a tristeza da propria raça portugueza. Christo é o povo portuguez que soffre. Notae nesses retratos o aspecto physico do portuguez, a pallidez, o martyrio, o abandono de tudo, o pobre portuguez que parece o symbolo da pobreza, o pobre dos pobres.

INEXPLICAVEL TRISTEZA

Porque me compadeço dos outros seres e das cousas ? Porque sinto o que se denomina tristeza ? E porque para um ser como eu tudo não é indifferente, excepto o goso esthetico ?

Onde a fonte da minha compaixão ? As raizes da minha tristeza ?

Porque soffro e porque desejo ? E porque não existo sómente para a contemplação e o arrebatamento do espectaculo universal, e o meu espirito é carregado da dôr extranha á belleza ?

Explica-se o soffrimento do amor, que é a necessidade fundamental do ser que aspira pela confusão de toda a sua individualidade desaparecer no Todo Universal e abysmar-se no infindavel silencio da Inconsciencia.

Mas porque esse soffrimento que vem da sympathia e se chama compaixão ?

RABELAIS

Rabelais, surgindo em plena Renascença, não só representa como tambem traz em si o « novo mundo », que se revela com uma sanguineá energia: E' a canalha que sóbe, e em seus livros Rabelais exprime esse formidavel movimento que vem de baixo para cima e transforma a terra. Tudo ahi pullula : vagabundos, hístriões, medicos, legistas, financeiros, soldados, padres, monges revoltados, n'uma insurreição geral, que revoluciona a propria lingua, a enriquece de mil vidas e lhe dá o esplendido colo-

rido da epocha. Em Rabelais o movimento politico da Renascença tem o seu interprete maximo, pois a sua « revolução » não se limita aos estudos, á arte, ao paganismo resuscitado; é o despontar da nova éra, o advento do individuo; é o homem novo sem raizes, sem tradição, e dessa canalha rabelaisiana se fará mais tarde a magnifica elite que, a partir do seculo xvi, assombrará o mundo no pensamento, na poesia, na arte e na politica. E dessa elite os representantes são homens novos, fóra de toda a aristocracia, como Rabelais, Corneille, Molière, Racine, Shakspeare, Ariosto. A Revolução se annuncia. Rabelais é o precursor do vagabundo Rousseau.

CLEOPATRA E SALOMÉ

« Minha serpente do velho Nilo », diz Antonio, e Shakespeare synthetisa nesse verso a antiguidade da mulher, a sua eternidade tentadora e a essencia da volupia oriental.

Mas porque Salomé perturba hoje os homens mais do que Cleopatra? Será porque Salomé é ainda mais sensual, e só sexual e erotica, ao passo que em Cleopatra se sentem a intelligencia e uma expressão de cultura?

O prestigio de Salomé prova o accrescimo de sensualidade no cerebro dos homens da nossa epocha. Nessa deliquescencia viril a emoção erotica elimina as outras emoções de volupia, como as emoções de arte, de graça e intelligencia feminina. Tudo se reduz ao erotismo puro, á essencia da sensualidade. Não é a emoção da sensualidade superior propria do occidente, onde o amor foi sacrificio e ideal, e o excesso da castidade divinizou a mulher na virgem vestal, na virgem christã, na virgem celtica. Com Salomé, e Cleopatra mesmo, o Oriente enfeitiça novamente o Occidente. Cleopatra fala, discursa, crea a arte, a elegancia, seduz pela palavra e com intenção. Ao passo que o veneno de Salomé é animal. Salomé seduz, perturba, envenena, mata. Salomé não fala, dansa. É uma attitude; e toda ella desprende o fluido do erotismo, como uma arvore verte o veneno.

IBSEN

Ibsen é o grande interprete do mundo moderno, é o genio que exprimiu antecipadamente o pensamento victorioso na guerra (o pensa-

mento secreto, a victoria do homem, do individuo). Como um puro determinista, Ibsen vê na vida o individuo vindo da natureza. A sociedade, categoria do homem, é um simples accidente.

A Revolução franceza e o seculo XIX foram precedidos pelo genio de Rousseau, que revelou no « Contracto Social » a grande alavanca destruidora do passado : a egualdade. Ibsen encontrou a nova expressão : o homem, o ser humano, só, isolado, poderoso, « eu e o mundo a minha propriedade » (Stirner). Nesse feroz individualismo está a genesis da nova sociedade. No fundo, o que venceu nesta guerra foi o individualismo. Se Ibsen tivesse possuido o genio da fórmula e o fluido communicativo de Rousseau, a sua « revolução » não teria sido inferior.

O pensador dominou o apostolo. Mas nesse grande pensador o pessimismo do seculo XIX deixou a sua marca. Ibsen se esforça por fazer a alegria no espirito humano e tudo termina em catastrophe e desolação. A libertação, que é o ideal, é inatingivel. Só a morte attráe e liberta (Rosmersholm, Solness, Brandt, Hedda Gabler).

A ESTHETICA DE UMA TRAGEDIA.

« Hedda Gabler » é um destino tragico. A sua tragedia é quasi animal, a tragedia da sensibilidade, a tragedia da dominação. Hedda Gabler é uma vontade que necessita vencer as forças humanas. De uma vida mesquinha, de um circulo de ferro, em que as leis sociaes a mantêm, uma mulher impulsionada pelo phantasma da vontade, transfigurada pelo sonho, desilludida, na vã busca da eterna belleza, maldita porque tudo em que toca se mancha e apodrece, foge pela passagem angusta e libertadora da morte. É Hedda Gabler e a sua instantanea tragedia. O drama está na fatalidade substancial do temperamento dessa mulher, na sua incompatibilidade irremediavel com a sociedade, não só com a que a sorte lhe preparou, mas com qualquer outra.

O genio de Ibsen nos afirma nesse drama magistral que só ha tragedia no que é insolúvel para o destino humano. Toda a arte inspirada nos problemas sociaes é precaria, e a tragedia ahi é passageira: uma simples e mesmo imperceptivel inclinação da esphera moral basta para resolver todos os dramas familiares e eli-

minar delles o interesse permanente. A solução dos conflictos humanos é a morte pelo frio das obras de arte, que só vivem do calor fugaz e enganador das theses sociaes. Em Hedda Gabler ha alguma cousa de insolúvel, portanto uma tragedia eterna, como não ha solução humana possível para Prometheu e Hamlet.

Está a essencia da tragedia antiga no imperio de uma fatalidade tenebrosa, inéxoravel, que esmaga a existencia humana ? Será a tragedia moderna o vário, doloroso e inquietador drama da vontade ? Se Hedda Gabler é uma vontade que necessita vencer as forças humanas, Prometheu não é uma vontade que necessita vencer as forças divinas ? O conflicto na tragedia grega é com os deuses ; aqui, com os outros homens. Nem na fatalidade, nem na vontade está o elemento essencialmente tragico de ambos os dramas. O fundamento é esthetico, e não ha arte onde a impressão se póde reduzir a um conceito. Elimine-se a fatalidade das tragedias antigas e a vontade do drama moderno, a sensação esthetica subsiste a mesma, indifferente e exclusiva. Um conceito equivale ao outro e a essencia não foi alterada. A fatalidade antiga provinha do sentimento religioso ; a vontade moderna é a illusão do livre arbitrio e vem de um erro philosophico. Essa vontade é um sorti-

legio da natureza implacavel e o determinismo de querer equivale á noção antiga da fatalidade. Além de tudo isto, além da consciencia, é que estão a arte e a atmospherá olympica do prazer esthetico.

Se Hedda Gabler pudesse expandir livremente a sua personalidade, saciar os seus illimitados e desenfreiados desejos de dominio, transformaria o mundo, subjugaria as outras existencias, reinaria no silencio, espectro soberano e desdenhoso, exclusiva fonte de vida e de arte. Unica e o mundo a sua propriedade ! Mas na impossibilidade de attingir a esse maximo de belleza, só a libertação pela morte, supremo aniquilamento da illusão e ainda sarcastica affirmação da vontade indomavel.

Como em todo o theatro de Ibsen, ha alguma cousa mais interessante em Hedda Gabler do que a manifestação dessa personalidade extranha e fascinante ; é a obra de arte que é esse drama. No theatro, como nos romances, os conflictos da moral, os problemas da vontade ou da intelligencia só valem quando cream a emoção esthetica. O proprio destino humano, o « tragico quotidiano », nos deixam indifferentes, se nelles não ha a fonte benefica do prazer esthetico. Quaesquer que sejam as intenções de Ibsen, a moralidade, a politica dos seus

assumptos e dos seus personagens, o que impera nos seus dramas, é a arte. De todo esse maravilhoso theatro o que subsiste não são os problemas, mas sim o que ha nelle de vida, a milagrosa representação da vida, que é a essencia da arte. E tal é a força de vida nos dramas ibsenianos que, uma vez postos em acção, fazem nascer o prodigio de uma mysteriosa communhão esthetica. É o instante sagrado em que o genio do auctor se vasou na alma dos varios seres da sua emoção, em que o interprete vive n'uma tremenda realidade uma existencia de outrem e o espectador vê passar deante dos olhos todo um mundo de fórmas, de imagens que, irrepressivel, se desenrola dentro do espaço finito, arrastado impetuosamente pelo tempo subtil e violento. Emquanto Hedda Gabler, viva, ardente, na tragedia do instincto, procura domar as oppostas forças humanas e como uma maldita se debate contra a silenciosa fatalidade que a subjuga, e salva na morte o que lhe resta de sonho e de desejo, o espectador possuido desse infinito prazer da arte, que nos arrebatã além das contingencias da vida, sente-se unico e o universo seu spectaculo.

A MORTE DE RENAN

Renan não foi um pensador do seu tempo e por isso não foi respeitado pelo tempo. Renan envelheceu e o seu pensamento não teve a força de crear uma corrente de idéas que transformasse a sensibilidade humana. Porque o pensador que não antecipa o seu tempo pela idéa, não viverá no futuro. Aconteceu que o maravilhoso escriptor, que foi Renan, não comprehendeu a grande revelação intellectual que a biologia e as sciencias naturaes trouxeram ao seculo XIX. Renan permaneceu, depois da revolução de Lamarck e de Darwin, como um pensador de uma epocha anterior, uma mistura de encyclopedista e humanista do seculo XVIII. Os seus assumptos já estavam mortos, quando elle os lançou alegremente, crendo tornal-os eternos e gloriosos pelo fluido da sua phantasia de bretão. Engano ! O que faz perdurar o pensamento é a sua intima correlação com o tempo, que elle brota no cerebro humano. Discutir sériamente theologia, livre arbitrio, depois de Lamarck, é virtuosismo, puro exercicio rhetorico de amator literario. As obras de um Platão, de um Thomaz d'Aquino, de um Descartes

ou de um Spinoza são immorredouras, porque exprimem o verdadeiro pensamento do instante historico em que foram produzidas. Ha uma eterna seiva que as alimenta e as faz vivas, como documentos da evolução intellectual. São uma epocha. As obras de Renan ficaram á margem da corrente que transformou o espirito humano, quando o delicioso « padre » procurou reanimar ou destruir pela sua magia de antigo theologo renegado os phantasmas do velho mundo religioso.

Por essa epocha appareceu em França o espirito critico de Taine. E ahi vive o seculo XIX no methodo scientifico, no determinismo, na incorporação da biologia ás idéas geraes da philosophia. É um edificio robusto, construido com as pedras do seu tempo, e ficará como o testemunho vivo da livre critica de um seculo desencantado. E Renan vae-se !...

NIETZSCHE E A SUA ALLEMANHA.

Nitzsche é um *parvenu*, e esse prurido de apparecer se manifesta na ostentação de cultura, na declamação em alta voz, na intenção de refazer, de renovar.

Nietzsche exprime esse novo espirito do Alle-mão, que no fundo é *parvenu*. Elles julgam ter o segredo do futuro. Para elles toda a França está exgottada. É preciso crear o novo. Elles se apoderaram do que a França produzia de mais moderno para se mostrarem *adeantados* e progressistas. O maior enthusiasmo delles era justamente pelo que a maioria dos francezes ignorava.

A França tem a tranquillidade firme e estavel. Ella marcha sem alarde, descobre e crea serenamente. Sabe que tem o segredo da civilisação ; portanto, só o que sáe do seu espirito é perfeito, bom e razoavel. Eis o instincto francez, resultado da Razão e da Sabedoria.

Não precisa de proclamar que elle inventou, que fez o *novo*, porque todas as expressões de civilisação que elle dá ao mundo, são justas e naturaes. É o que devia ser e o que era esperado.

Nada *parvenue*, a civilisação na França é absoluta, inteiriça, integral. A unidade de cultura se desenvolve sem esforço, com toda a naturalidade, de accordo com as forças profundas da unidade nacional.

Quanto differente a Allemanha moderna, no seu furor de renovar, de expandir-se, de dominar e de ostentar ! É sempre o barbaro, o grosseiro, que a civilisação deslumbra e que ao menor

verniz de cultura se julga ultra-civilisado ; e d'ahi um paroxismo de expressão, um prurido de novidade e uma necessidade de brilhar.

Póde-se concluir que o prestigio da Allemanha no mundo foi deuido á decadencia das elites nas nações modernas e que o seu successo foi grande nas cousas de ordem secundaria.

O DRAMA SCIENTIFICO DE CUREL

Eis um intellectual sem *intellectualidade*. Curel pensa e se esforça em pensar, vulgarisa a sciencia ou melhor as hypotheses, mas não exprime a synthese de um pensamento, acima e além da sciencia, o que constitue a expressão intellectual superior. Eis um artista sem arte; ora, o que faz viver a obra de arte é a arte, o vago, o mysterio do infinito, que o pensamento ou a fórmula podem suggerir e evocar. As peças de Curel são essencialmente didacticas, theses para discussão, ensaios para contradicção, em que o elemento arte não conta, e por isso morrem de frio. Curel é o genio dos meios cultivados, dos meios sabios, e quanta banalidade, quantos cousas envelhecidas nesse theatro scientifico ! Apesar d'isto, Curel teve o merecimento de

ter trazido á literatura as suggestões da philosophia naturalista, mas sem a envergadura de Rosny, em que predomina o sentimento artistico. Curel não é um escriptor ; falta-lhe o dom de criação pela palavra ou pela phrase. Sente-se que permanece sempre o estudante, o homem de intenção, que quer produzir a obra de arte. Tudo nelle é voluntario, pouco espontaneo, nem instinctivo, nem imprevisto, nem emotivo. Como a todos os anthropologistas, falta a Curel o senso philosophico. É a philosophia sem a philosophia.

SHAKESPEARE E O TEMPERAMENTO INGLEZ

O Inglez exprime o seu temperamento ou pela força, ou pelo comico excentrico, ou pela *sensiblerie*. Um espectaculo completo na Inglaterra deve-se compôr de athletas, palhaços e sentimentaes. Shakespeare é bem inglez, quando nas suas peças, mesmo as mais tragicas, interpreta genialmente essas faculdades collectivas da raça. No seu theatro ha sempre o clown, jogral e mystificador, o hercules saxão que exhibe a sua força physica e um

maravilhoso sentimento lyrico, elevado ao maximo da expressão humana.

A ALMA DOS POVOS NOS SEUS DIVERTIMENTOS

Um povo, ou melhor o character de um povo, se revela no seu divertimento preferido, porque é ahi que se manifesta a sensibilidade collectiva. Na Hespanha o divertimento popular é a tou-rada, selvagem, cruel, sensação dolorosa e pun-gente. Na Italia é o canto, serenada sensual e poetica, Veneza e Napoles, as saturnaes de San Giovanni em Roma, que exprimem o sen-sualismo religioso e pagão. Na França é o thea-tro, manifestação do espirito social artistico e literario. Na Inglaterra, a corrida de cavallos, os sports, o exercicio physico provam a anima-lidade juvenil, a necessidade de transbordar a força physica. Na Allemanha as cervejarias são palacios onde come, bebe e dança um povo sensual e voraz. Em Portugal é ainda a dança popular, o canto que acaba em nostalgia e tris-teza. No Brasil o carnaval é a alegria collectiva, todo um povo louco, n'um frenesi dyonisiaco, que se harmonisa com o sol e o mar.

O SEXO TRAGICO

É paradoxal procurar-se resolver serenamente a questão social feminina, essencialmente perturbadora. Desde longe na nossa memoria familiar a imagem da mulher é dominante. As figuras fundamentaes da avó e da mãe sobresaem ás dos homens. O matriarcado está na raiz da sociedade. Mais tarde a mulher é o sexo tragico, guarda da vida e das suas fontes, é a força por excellencia do cosmos que attráe o homem. Vencida, fascina-o ; vencedora, destróe-o. Geradora e conservadora da tragedia essencial da vida, é o traço da união entre o homem e o Universo. N'uma ancia dolorosa, o homem a busca incessantemente, e se della se separa, a sua dôr é incommensuravel, porque é a quebra da unidade, a volta ao pavor. O fremito do permanente desejo, que abrasa a vida universal, é o elemento tragico que perpetúa, divinisa e aniquila a existencia. E não é para ella tambem o sexo tragico o homem, que é todo o destino da mulher ?

O MOVEL E O IMMOVEL NA PHYSIONOMIA HUMANA

Pelo rosto humano se conhece a fixação das raças. Na Europa desde muitos seculos a physionomia das gentes é a mesma. A pintura nos revela que o Francez de hoje nos seus traços é o mesmo que o Francez da Renascença. A expressão pôde variar com o tempo e cada traço exprimir a sua epocha. Nas raças em formação essa immobilitade não existe. Tudo é movel e em perpetua transformação. Nada mais diverso de um Brasileiro antigo que um Brasileiro moderno. Tudo é differente : as linhas, os volumes e as representações do rosto. O cruzamento das raças impõe essa infinita modificação, e, como o character, a belleza não tem o mesmo senso que tinha ha apenas cincoenta annos.

A MYSTICA DO CHRISTO

Na vida symbolica do Christo ha uma inquebrantavel unidade com o Universo. Christo,

na sua peregrinação na Terra, se julga uma emanção divina, o proprio Deus sob a fórma humana em missão providencial. A sua vida interior é a expressão infinita dessa união absoluta. Tudo o que é relativo é por elle rejeitado. O seu espirito vive no absoluto. Nem os soffrimentos que lhe infligem, nem o martyrio corporal têm a força de arrancal-o da sua mystica illusão. Tudo o que a humanidade, a natureza humana, póde lhe apresentar de delicioso, de tentador, ou de doloroso, para o arrancar deste estado mystico, é inutil. Christo permanece Deus, unido ao Todo divino, infinito e eterno. Humano, elle era indifferente ás dôres humanas, ás lamentações das mulheres que o seguiam, ás miserias dos homens que acreditavam no seu poder sobrenatural, á propria piedade maternal. Nada tem a força de o reter no mundo relativo da consciencia humana. Elle é o filho de Deus, elle vive do sopro de Deus e está na mão de Deus. Mas, um instante, Christo soffre 'a maior dôr humana: é quando na cruz, no extase do sacrificio, que elle julga necessario para a sua missão divina, se sente abandonado. É a separação da sua consciencia da inconsciencia universal. É a quebra da unidade essencial; e Christo se julga um ser, e o Deus outro ser. Elle chora na immensa tristeza de se sentir só, rôto o mys-

tico encanto da unidade absoluta com o seu Deus. E nesse indizível instante, antes da morte, que é o silencio da Dôr, Christo é pela primeira vez humano e sofre o horror que lhe vem da consciencia da sua separação de Deus.

ESTE INSTANTE DA ARTE

Na pintura o que se espraia é a decoração. E nessa phantasia do colorido, rebusca-se, diverte-se, brinca, uma arte facil e superficial. Parece que o artista se compraz no exaggero da fórmula e da côr. O espirito cubista soprou por toda a parte e não foi inteiramente nocivo. O cubismo trouxe á pintura maior largueza e maior precisão de desenho pela representação total dos volumes. É o seu principal serviço á technica artistica que interessa naturalmente á sensibilidade.

Como explicar essa superficialidade em um instante tão tragico do destino humano ? Parece que o artista hesita deante do abysmo e disfarça, brincando com a fórmula, a côr e o som. A esculptura obrigada a commemorar a Tragedia começa a fazer o movimento para a tristeza. Pobre esculptura !

Na musica domina o mesmo entusiasmo de colorido e de decoração. Mas emfim pôde-se dizer que a unica manifestação de mocidade, de espirito novo, no mundo, depois da guerra e durante a guerra, é a musica moderna franceza. O movimento foi iniciado anteriormente por Debussy, cuja revolução technica foi mais consideravel que a de Wagner.

Dado o signal de partida, o genio francez expandiu-se livremente em musica. É uma total renovação da emoção e da technica. Uma arte superior, ardente, fecunda, joven, liberrima, dominadora, jamais escrava da sensibilidade, como foi a arte romantica da Allemanha nas suas expressões sobre-humanas de Beethoven e Schumann. Se ainda não houve a revelação de um genio superior, ha uma genialidade collectiva, uma unidade de intelligencia verdadeiramente surprehendente. Nenhuma arte em França se rejuvenesceu como a musica. É na musica que se deve vêr o que a guerra trouxe de revolução e de liberdade. A poesia ainda está em Régnier, Valéry e Claudel, o romance em Gide, Rosny e Proust. A pintura faz um esforço extraordinario, mas a preocupação de exteriorisar denota a fraqueza da inspiração. O cubismo é lateral e insufficiente. A esculptura é ainda anthropologica com Rodin ou classica

com os outros. Só a musica traduz plenamente a sensibilidade de hoje e annuncia a grande victoria do espirito humano nesta lucta animal e moral que foi a guerra.

A GUERRA, A ARTE E A LITTERATURA

O maior esforço humano realizado na grande guerra foi o excesso de espiritualidade que transbordou dos instinctos animaes, deu idealidade á lucta dos povos. Esse idealismo repercutir-se-á na arte e na produção litteraria? A renascença esperada, o facto novo resultará do cataclysmo da guerra?

As convulsões politicas, as guerras, nem sempre determinam transformações espirituas e são causas de novas correntes artisticas ou litterarias. Recorramos á historia da cultura franceza, que é a mais unida e a mais estudada para nos esclarecer sobre esta consequencia que paradoxalmente se attribue ás guerras, sobretudo quando tomam proporções de uma catastrophe universal. Dépois da sua formação, a nacionalidade franceza correu alguns graves perigos, porém os tres instantes mais sérios para ella foram o do seculo xv, quando se pro-

duziu o maravilhoso caso de Joanna d'Arc, o da Revolução franceza, deante da colligação monarchica européa, e ultimamente na repetição da invasão barbara dos germanos, de que Sedan foi o inquietador preludio do drama que se decidiu no Marne. Nas anteriores crises nacionaes os factos politicos ou não agiram logicamente na literatura e na arte, ou não agiram de fórma alguma. O milagre de Joanna d'Arc annunciava uma floração de idealismo. Foi o contrario que se deu. Nesse periodo a literatura foi de inspiração mediocre, burgueza e realista. Nenhuma epopéa, nenhum surto de imaginação, nenhuma renovação da poesia, a não ser a de François Villon, trinta annos mais tarde.

A Revolução franceza devia suscitar uma literatura revolucionaria, extremamente livre. Surgiu uma literatura reaccionaria, religiosa, a literatura dos emigrados ou adversarios do espirito da Revolução, como Chateaubriand, Benjamin Constant, Madame de Staël, André Chénier, Bonald, Joseph de Maistre.

A uma explosão de energia como a da Revolução e de Napoleão, corresponde uma literatura de desalento, do mal do seculo. Sob certos aspectos, o romantismo começou por uma reacção religiosa e legitimista. Stendhal foi o

espírito representativo da curiosidade científica que caracteriza o século XIX, e esse espírito livre só surgiu trinta annos depois da Revolução. Não seria extranho que ao mysticismo da guerra dos nossos dias se seguisse, como um excesso de animalidade humana, uma literatura positiva, realista e desabusada.

Nenhum laço logico prende a manifestação artistica aos acontecimentos de ordem politica. O que provoca e determina a transformação do sentimento artistico, é a evolução da cultura. Todo o movimento literario ou artistico é precedido de um movimento philosophico. Se as guerras, as revoluções de toda a ordem, são causadas por uma profunda corrente de idéas em conflicto, póde acontecer que estes factos sociaes influam na intelligencia collectiva e inspirem uma nova sensibilidade; mas a causa primeira é sempre aquella mutação de cultura geradora do pensamento.

A grande guerra poderá determinar um movimento intellectual novo e original, porque esta guerra não foi simplesmente uma lucta entre nações que se disputavam a preeminencia, uma querella de supremacia e amor proprio. Foi sobretudo o conflicto de duas fórmulas da civilisação, de duas estheticas, de duas philosophias e tambem de dois direitos antagonicos:

o direito romano, que se tornou a fôrma jurídica do mundo occidental, e o direito germanico, que é ainda a armadura do espirito allemão. Desta vasta e profunda lucta pôde resultar uma nova esthetica ; mas esta deve remontar ao impulso intellectual, que foi a razão primordial da victoria da civilisação, que melhor representa a cultura do nosso tempo, esta cultura é a que inspira a arte.

Certamente que a philosophia, a arte e a religião, como interpretes do enigma do Universo, nasceram ao mesmo tempo nas origens do espirito humano ; mas a disciplina philosophica, que no começo se poderia confundir com a religião, constituiu-se antes da arte e esta recebeu a sua influencia.

Depois que as primitivas cosmologias, fatigadas de explicar o Universo pela indagação das causas finaes na interpretação da substancia unica, restringiram as suas cogitações á mechanica inicial, que dava a formula do movimento e do repouso, a cultura mathematica subordinou os phenomenos do cosmos. Foi a primeira disciplina que organisou a intelligencia do mundo. A arte, as suas leis e os seus preceitos reflectiram essa cultura mathematica, precursora de uma esthetica que não se limitou ás manifestações da emoção, mas que se esten-

deu á vida integral do homem. Viveu-se, pensou-se, idealisou-se, segundo o senso mathematico, o numero, a linha, a fórma. A arithmetica e a geometria methodisaram tudo, deuses, homens, cousas, musica, todo o pensamento, toda a religião, toda a arte. O Parnaso foi uma construcção geometrica, hierarchica, ordenada ; a sua architectura, imagem e reflexo da architectura humana ; a musica foi a medida, o espaço, o numero ; a poesia, tambem o numero e a ordem. E como o sentimento é profundamente mathematico, a arte por excellencia devia ser aquella que fosse mais geometrica, a architectura, com a esculptura seu annexo, artes representativas dos volumes. Os templos, as casas, exprimem em linhas e fórmas a mathematica do universo. Ha uma disciplina geometrica que limita a sensibilidade, torna fria a imaginação e procura na impassibilidade da figura, que se ergue no espaço, reproduzir um aspecto da eternidade. Por esse sentimento mathematico explica-se mais a arte grega do que pelas condições do meio.

Ha uma unidade de cultura em todas as epochas da historia. A arte grega devia fatalmente receber a influencia do espirito mathematico do seu tempo ordenador do cosmos, cujo sentimento vago e indefinido, transcen-

dental á sciencia, se manifesta pela linha, pela fórma, pela côr e pelo som. E como a pintura é a menos mathematica de todas as artes (porque a musica é o numero) n'uma epocha de cultura geometrica como a da antiga Grecia, a esculptura e a architectura deviam ser as artes plasticas predominantes ; e a ausencia de uma grande pintura grega tem afinal a sua explicação na theoria da unidade da cultura e da precedencia da idéa philosophica em relação ao sentimento artistico.

Alguns seculos depois desse grande momento da Grecia, a explicação mathematica do Universo perdeu o prestigio, e outras interpretações philosophicas vieram explicar o cosmos e modificar a vida humana. O sentimento do mysterio tornou-se mais agudo ; percebeu-se que, além da esphera geometrica, além do triangulo, além do numero, havia o infinito innumeravel e toda a tragedia da existencia dos homens foi a intelligencia desse insolavel enigma. O que se chama a idade média é a angustia do espirito humano desencadeiado da antiga disciplina mathematica e ululando nas perdidas trévas do mundo o seu desespero de resolver o enigma do Universo. A arte se resente dessa anciedade. O inexpressivo, a frieza, a serenidade são substituidos pela expressão da sensibilidade

exaltada. Os monumentos como que perderam o senso do equilibrio estavel e são como as projecções do delirio espirital. Procura-se desconcertar as leis da geometria na poesia, na architectura e em todas as artes plasticas. Foi a philosophia do tempo que inspirou a arte gothica e a poesia de Dante, filha da theologia de S. Thomaz.

Nessa remodelação do universo em que desvairou o espirito humano, era consequente que este se indagasse a si mesmo, levado pelo proprio excesso da investigação, que o impelliu a penetrar no mysterio do infinito. Aponta o humanismo a revelação do homem como centro da natureza, e a humanisação da natureza, que é o encanto do pantheismo do cantico das creaturas de S. Francisco de Assis, annuncia a aurora da Renascença. Desse movimento espirital, que restituiu ao homem a sua graça, o seu genio, resulta essa cultura humanista que brilha na poesia de Petrarca, nos poemas dos trovadores, na erudição e na arte. Tudo é humano, tudo é expressão de sensibilidade humana. E nenhuma arte plastica póde traduzir melhor essa diversidade da expressão do sentimento do que a pintura, a arte por excellencia do Renascimento. É no traço da figura humana que se pensa exprimir a ancia da eternidade. A escul-

ptura tambem segue o movimento para a expressão e renuncia á impassibilidade classica. A architectura repete com mais largueza a concepção geometrica grega; nessa volta ella obedece ao movimento de cultura que, desdenhando as allucinadas indagações medievaes, se circumscreve ao que é humano e social. Humana, sempre humana, é toda a Renascença.

O influxo dessa cultura se prolonga por longo tempo. As modificações politicas do mundo o seguiram de perto, mas não lhe alteraram a essencia. Os imperios se transformaram, o mundo se alargou, as guerras se perpetuaram, a arte e o pensamento não se modificaram por esses movimentos de superficie. O humanismo tudo dominou, e o que se chama classicismo é unicamente a proeminencia do interesse humano na obra de arte, a projecção das paixões do homem na ordem social, em que elle se enquadrou.

Só mais tarde essa cultura, que deu ao homem uma posição universal, foi substituida por outra interpretação mais vasta da vida, a que se iniciou na philosophia da natureza de Condillac. O pantheismo medieval, precursor da Renascença, procurou humanisar a natureza; a philosophia de Condillac tornou o homem natural, realisando a «naturação» do homem. Na verdade,

é ella que precede e inspira o movimento literario, cuja iniciativa se attribue á sensibilidade de Rousseau. Dessa cultura philosophica vem a transformação da sciencia, o advento da cultura biologica ou naturalista e o pantheismo na arte. Os maiores representantes da poesia e da litteratura, Goethe, Shelley, Balzac, são inspirados pelas idéas da philosophia natural. Não tarda a cultura biologica a se espriar em todos os dominios da intelligencia. A concepção de Lamarck, revigorada por Darwin, explica muitos dos enigmas do mundo, e essas revelações precedem o movimento artistico dos nossos tempos. O homem passa a ser o descendente de outros animaes, o ultimo élo de uma escala biologica, que participa da essencia natural dos seus antepassados. Essa explicação scientifica domina todo o seculo XIX. A arte deve fatalmente ahi se inspirar, para ser a interprete da nossa sensibilidade. Todo o pensamento que se propõe á vida, deve obedecer a esse mesmo rythmo philosophico. É o que torna magnifica a arte de Rodin, interprete dessa explicação anthropologica do homem, prolongamento dos seus formadores animaes, integrado para sempre na natureza.

A musica, por ser a mais vaga das artes, não se subtráe ao influxo philosophico, á corrente

das idéas que modificam a sensibilidade. Mozart traduz bem o humanismo do seculo XVIII, a graça da vida social, como Watteau a reflectiu na pintura. Beethoven exprime o pantheismo de Rousseau, a melancolia do seculo XIX; Wagner segue essa mesma dilacerante concepção pantheista na paixão e no pessimismo universal, que absorve os velhos deuses germanicos. Ora, Debussy tem a sensibilidade de um esthetismo naturista, que parece vir substituir aquelle movimento philosophico, dando ao mundo uma interpretação puramente espectacular, que é a concepção esthetica do Universo.

O pensamento projecta-se na arte para existir.
A philosophia, que não se faz arte, não será vida.

INDICE

A UNIDADE INFINITA DO TODO

O UNIVERSO E A CONSCIENCIA.....	3
A FUNÇÃO PSYCHICA DO TERROR.....	7
Religião.....	12
Philosophia.....	20
Arte.....	36
Amor.....	60
A ESTHETICA DO UNIVERSO.....	71

METAPHYSICA BRASILEIRA

A IMAGINAÇÃO BRASILEIRA.....	85
OS TRABALHOS DO HOMEM BRASILEIRO.....	95
Vencer a nossa natureza	101
Vencer a nossa metaphysica.....	104
Vencer a nossa intelligencia	109

CULTURA E CIVILISAÇÃO

A MELHOR CIVILISAÇÃO.....	125
A NAÇÃO.....	137
NACIONALISMO E COMMUNISMO	149

ÍNS

Pessimismo brasileiro	165
Optimismo brasileiro	175

Pragmatismo brasileiro	178
O quadro nacional.....	179
O nosso estylo.....	181
O typo brasileiro.....	184
O paradoxo brasileiro.....	185
Meditação sobre a lingua portugueza.....	186
Visagens da litteratura brasileira	189
José de Alencar.....	192
Os prodigios de Rousseau.....	193
Musica	197
O romantismo de Beethoven.....	198
Debussy.....	199
Flaubert	200
A tristeza dos naturalistas.....	203
Velasquez.....	204
Mysticismo portuguez.....	205
Inexplicavel tristeza	205
Rabelais	206
Cleopatra e Salomé.....	207
Ibsen	208
A esthetica de uma tragedia.....	210
A morte de Renan.....	214
Nietzsche e a sua Allemanha.....	215
O drama scientifico de Curel.....	217
Shakespeare e o temperamento inglez.....	218
A alma dos povos nos seus divertimentos.....	219
O sexo tragico.....	220
O movel e o immovel na physionomia humana..	221
A mystica do Christo.....	221
Este instante da arte.....	223
A guerra, a arte e a litteratura.....	225



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).